



A TERRA ENCANTADA



10 DE AGOSTO DE 2019

“Hoje tive a oportunidade de ver uma criatura minúscula com os meus próprios olhos. Usava um chapéu vermelho e camisa azul. Tinha barbas brancas e usava calças verdes. Disse que morava nessas terras há 20 anos. Falava a nossa língua, misturada com algumas palavras esquisitas. Desde então, tem conversado muitas vezes com aquele homenzinho. Disse-me ser descendente de uma raça chamada Kuwalden – uma palavra totalmente desconhecida para nós – e que existem muitos poucos iguais a ele em todo o mundo. [ainda me disse que] Gosta muito de [tomar] leite. E de vez em quando, vejo-o no pasto cuidando dos animais¹”.

¹ Carta Escrita por Publius Octavus – no ano de 470 d. C. – Sargento Romano Aposentado, dono de uma “Villa” e de algumas terras nos arredores da Lugdunum (Atualmente Cidade de Leiden, na Holanda).

Conteúdo

1.	UM ENCONTRO INESPERADO	4
2.	O PORTAL DA FANTASIA.....	25
3.	O VALE DAS TULIPAS COLORIDAS.....	41
4.	UM SUMIÇO ABOMINÁVEL.....	73
5.	A COMITIVA DE UMA BUSCA.....	89
6.	A CIDADELA DA FADA RAINHA	117

1. UM ENCONTRO INESPERADO

As férias de Arthurzinho estavam prestes a começar. E para que isso realmente acontecesse, só faltava os últimos conselhos daquela professora de português, ao qual ele tinha um grande apreço.

Seu nome era Simone, e a turma simplesmente a adorava. Mas os outros professores não entendiam aquele “estranho” amor que era nutrido por aquela mulher. Mas talvez, quem sabe, fosse por sua paixão de ensinar algo que simplesmente amava, transmitindo para os seus queridos alunos à importância que a imaginação e a criatividade tinham na vida das pessoas, mesmo que às vezes elas pudessem se esquecer disso, na correria do dia-a-dia.

– Silêncio! – pedia a professora, já percebendo o ar de ansiedade de seus alunos, com a chegada das férias – Eu sei que vocês estão ansiosos para que as férias comecem logo, mas antes disso acontecer, quero muito fazer algumas considerações à respeito – diz a professora, já sentindo o respeito entranhado nos olhos de seus alunos – Bem... Antes do sinal tocar, gostaria muito de lembrar à todos vocês, que continuem dedicando um tempinho das férias à leitura... Me escutaram?... – enfatiza para os seus alunos, a professora Simone, já notando a afirmação que o Arthurzinho estava fazendo com a cabeça na sala de aula – Quero muito chamar a atenção de vocês para isso... Pois vale ressaltar que é somente através da leitura, que irrigamos a nossa imaginação, para que assim, possamos criar e nos inspirar sem que necessariamente tenhamos que sair do lugar para fazer isso. Lembrem-se sempre disso meus amores... Divirtam-se.

Arthurzinho ao escutar aqueles conselhos de sua professora favorita, já começa a imaginar o que irá fazer nas férias:

“Acho que vou pedir ao meu avô, para me ensinar à plantar em sua horta. Quem sabe... Afinal, gostaria muito de aprender o processo de crescimento de suas frutas e plantas”. – pensa Arthurzinho, recolhendo imediatamente o seu material escolar que estava em sua mesa, colocando-o cuidadosamente em sua mochila.

Depois que o sinal de sua escola toca, Arthurzinho decidi sair pelo corredor junto com a sua turma, olhando à hora através de seu celular, prestando muita atenção para não perder o

horário de saída de sua van, que sempre tinha o hábito de esperá-lo na frente daquela simpática escola de Petrópolis, chamada: Canário Amarelo.

Arthurzinho estudava nessa escola desde a sua primeira série, e simplesmente adorava o astral daquele lugar. Aprendia todas as matérias com muita facilidade, mas sua aptidão sempre tinha sido as Letras. Já sabia disso desde o início, é claro. Mas volte e meia se intrigava com a literatura, pois às vezes, antes de dormir em sua cama, ficava pensando naquelas histórias que a sua avó lhe contava com muito amor e empenho:

“Será que essa história é real?... Quem foi o criador disso tudo?... E como ele conseguiu imaginar essa história com tantos detalhes assim?... – se perguntava Arthurzinho, perdendo a noção do tempo ao olhar para o teto de seu quarto, ao mesmo tempo em que também percebia presença de seu cachorrinho em seus pés – Parece até que esses contos de fadas são reais. Vai saber...”

*

– Vamos entrando! – Avisa o motorista da van, preocupado em entregar aqueles estudantes no horário estabelecido pelos seus pais – Andem logo crianças!

Arthurzinho ao escutá-lo, decide correr até aquela van, com medo que pudesse ficar no pior lugar, tendo em vista que, os melhores lugares sempre eram aqueles que ficavam perto da janela, causando vez ou outra, algumas brigas entre os seus amigos de colégio que também queriam se distrair com a bela vista lá fora.

– *Ufa!... Conseguí!* – senta-se rapidamente na primeira fila de poltronas daquela van, retirando a sua mochila das costas, para que pudesse se acomodar melhor naquele excelente lugar.

– Vamos galerinha!... – alerta mais uma vez o motorista da van – Não tenho o dia todo!... Se querem chegar em casa mais cedo... Se apressem, por favor.

Depois que todas aquelas crianças conseguiram finalmente entrar naquela van, o motorista imediatamente se acomodou em seu lugar e aos poucos, começou a entregá-las em ordem alfabética, naqueles endereços pré-estipulados como o combinado.

– Bom dia!... Vim entregar o Arthurzinho – avisa o motorista da van, para o porteiro daquele condomínio residencial, que ficava no bairro do Quitandinha, em Petrópolis.

– Tudo bem!... Pode entrar – fala educadamente o porteiro do Varandas do Quitandinha, liberando a entrada pelo seu controle remoto.

A van escolar subiu aquela íngreme ladeira com muita dificuldade, devido ao peso extra que estava carregando, tomando muito cuidado para que não encontrasse nenhum carro de surpresa, fazendo o mesmo trajeto inverso.

O motorista da van escolar fez a primeira curva para a direita, e logo em seguida, virou para a esquerda – entrando imediatamente em uma outra rua – parando com todo o cuidado possível, bem em frente da casa número quinze, onde Arthurzinho morava com a sua família.

– Prontinho Arthurzinho!... – destranca a porta de correr de sua van, o motorista, para que ele pudesse sair – Aproveite bem as suas férias... Está entregue!... – confere as horas em seu celular, esperando que alguém da família de Arthurzinho, viesse buscá-lo no portão de madeira.

– Obrigado Tio Ramon! Pode deixar... – olha para ele Arthurzinho, com um belo sorriso em seus lábios – Irei aproveitar ao máximo.

– Desculpe pela demora Ramon... É que eu estava limpando a casa por dentro... – tenta se explicar àquela senhora de cabelos brancos, que saia de dentro daquela casinha pré-moldada, segurando um pano de prato em suas mãos – Estava uma sujeira que só vendo... Se despede dele meu filho... – pede para o seu neto, enquanto abria aqueles portões de madeira que davam para o quintal e a cozinha, tomando muito cuidado para que o cachorrinho de Arthurzinho não fugisse para a rua.

– Tchau Tio Ramon!... – Se atrapalha um pouco para se despedir Arthurzinho, porque o seu cachorrinho estava lhe fazendo muita festa, como sempre tinha o hábito de fazer, quando ele chegava da escola.

Vendo que o primeiro garoto estava sã e salvo com a família, Ramon imediatamente começa a dar ré com à sua van, subindo até a metade da rua de cima, para que depois pudesse descer a rua tocando suavemente sua buzina para se despedir de Arthurzinho.

– Áí vovó... Estou tão feliz que finalmente entramos de férias. Pensei que esse dia jamais fosse chegar... Sabia? – desabafa com ela Arthurzinho, muito satisfeito com o que tinha aprendido na escola até a metade do ano.

– Pois é meu filho... Panqueca agora não vai mais sentir a sua falta – Lhe conta a sua avó, descendo a rampa que levava para o quintal, enquanto via Panqueca pular de felicidade ao acompanhá-los – Precisa ver como ele fica tristinho quando você vai para a escola.

– Vovó!... Vovó! Você fez mingau para mim?... – Pergunta para a sua avó, Arthurzinho, já conseguindo sentir um cheiro muito familiar ao descer aquela rampa, imaginando um prato bem fundo na cozinha à sua espera, coberto com outro por cima, para não esfriar à noite.

– Fiz sim!... Teis um bom olfato. Como o rapazinho adivinhou?... – Sorri para ele sua avó, não querendo estragar a surpresa – Mas o espertinho não irá comer agora não senhor... Tire essa roupa no banheiro, e vá já para debaixo do chuveiro. Porque é só depois que você estiver de banho tomado, é que vou te deixar comer. Me escutou bem?...

– Ahhhhhh Vooooóóóóóó! Mas... – se decepciona com aquela condição restrita Arthurzinho, ao entrar na cozinha.

– Sem choramingar!... Sem mais nem menos! – o repreende sua avó, evitando que ele pudesse se sentar-se na mesa do jantar – Sua mãe daqui a pouco vai chegar junto com o seu avô, que foi buscá-la na escola. Então... Já para o chuveiro!

– Está bem! Está bem... – evita entrar em atrito com a sua avó, com muito medo que ela não lhe contasse as histórias de fadas que gostava de escutar, antes de dormir.

*

Chegando em seu quarto, Arthurzinho joga sua mochila de qualquer maneira na cama, para que pudesse se dirigir ao banheiro para tomar banho, sem que tivesse nenhum peso extra lhe incomodando as costas.

Ao entrar no Banheiro, Panqueca, seu cachorrinho, resolve se acomodar em um tapete felpudo bem branquinho, que contrastava muito bem com as suas cores bege e preta, enquanto Arthurzinho já começava a se despir na sua frente, jogando suas roupas em cima da pia do banheiro, de forma bastante desleixada.

– Prontinho Panqueca!... Agora e só regular a temperatura da água... – coloca suas mãozinhas naquelas duas torneiras, com a intenção de conseguir controlar logo a temperatura

da água – Vamos ver... – Espera tanto a água fria sair como a quente, tentando equilibrá-la – Perfeito!

*

Arthurzinho morava com a família materna em Petrópolis, na região serrana do estado do Rio de Janeiro, em um condomínio residencial com o nome de: Varandas do Quitandinha, que ficava na Rua Orlando de Souza, casa 15.

Sua casa era a sensação do condomínio, porque além de ser pré-moldada, ainda tinha como destaque principal um belo sino dourado que servia de campainha, e bem ao lado, preso na parede, dava para ver uma linda chave da mesma tonalidade, demonstrando que os antepassados daquela família não tinham nascido no Brasil, por causa de um santo que ficava perto do telhado com uns dizeres que não correspondiam com a gramática portuguesa, e que todos os moradores tinham muito interesse em saber o que estava escrito, mas ninguém queria incomodá-los com aquelas curiosidades do dia-a-dia.

Começando pelo seu avô, o Senhor Enzo Vittorio era um velhinho muito simpático, que todos os dias, às seis horas da manhã, em ponto, costumava caminhar por aquele belo condomínio, contemplando as belas montanhas que avistava quando subia a ladeira íngreme que ia para a Rua A. Sua origem era italiana, é claro. Pois todos que passavam pela sua casa conseguiam avistar aquela bandeira da Itália, que ficava no lado esquerdo de sua casa.

Mas a Descendência Italiana de Arthurzinho, por parte de mãe, ainda continuava com a sua avó, a Senhorita Carmella Espaguete, que assim como o seu marido, também tinha vindo de navio para o Brasil, fugindo da Segunda Guerra Mundial, que assolava todos os países da Europa, com muita destruição e pobreza.

Os avós de Arthurzinho sempre lhe diziam que aquela época tinha sido muito difícil para eles, pois tiveram que abandonar alguns parentes que nunca mais viram, para tentar refazer suas vidas em um novo país do futuro.

E foi nesse período que a mãe de Arthurzinho veio à nascer. Seu nome era Francesca, e ela nasceu quando o navio finalmente conseguiu aportar no Porto do Rio de Janeiro, trazendo consigo, diversos imigrantes que vinham de todos os cantos da Europa, fugidos da desolação que suas nacionalidades estavam enfrentando, sem motivo algum.

Logo depois que a família Vittorio conseguiu aportar no Rio de Janeiro, eles imediatamente ouviram falar de uma região que tinha um clima bem parecido com a da Europa, por ser fresco e frio em estações diferentes do ano. A Cidade se chamava Petrópolis,

e não ficava à muitas horas de viagem de onde estavam. E assim, eles decidiram apostar naquele lugar que o próprio imperador amava, para que conseguissem reconstruir suas vidas perto da coroa do Imperador.

*

– Vooooóóóó!... Acabei! – grita do banheiro Arthurzinho, desligando o seu chuveiro e assustando um pouco o seu cachorrinho que estava deitado no tapete, quase dormindo.

– Já vou!... – responde sua avó, já conseguindo escutar o barulho do carro de seu marido entrando pela garagem – Um Momento... – termina rapidamente de arrumar as últimas coisas na mesa do jantar, querendo ir logo ao armário de seu neto, para que pudesse pegar algumas roupas limpas para ele vestir.

– Aqui está!... – entra no banheiro à senhora Carmella, um pouco atrapalhada com aquele tapete onde o Panqueca estava deitado, colocando aquele pijama muito cheiroso, em cima da pia do banheiro para o seu neto vestir – Se enxugue bem mocinho... Está muito frio lá fora, e não quero que você pegue resfriado por mero descuido. Me escutou bem?...

– É pra já vovó!... – pega com todo o cuidado a toalha que estava dependurada no vidro do box, fazendo exatamente o que sua avó tinha lhe pedido – Vou me enxugar bem... Você vai ver...

– Seu avô já chegou com a sua mãe... – avisa à ele a sua avó – Vou ver se ele comprou tudo o que lhe pedi... Vem Panqueca! – olha para o seu cachorrinho, a senhora Carmella, notando que ele tinha compreendido o som daquelas palavras perfeitamente.

*

– Chegamos Carmellita!... – entra pela cozinha, o senhor Enzo, acompanhado por sua filha, que também estava trazendo muitas bolsas de compras em suas mãos – Vou colocar essas bolsas aqui na pia da cozinha, porque não quero bagunçar nossa bela mesa do jantar – pousa-as cuidadosamente no lugar, com muito medo que o vidro do azeite pudesse se quebrar.

– Como foi no último dia de trabalho minha querida?... – se aproxima de sua filha, a senhora Carmella, dando-lhe um forte abraço – Arthurzinho já está saindo do banho. Viu?...

– Que bom!... Ah!... – Francesca tenta esquecer o dia atarefado no trabalho, mas como a sua mãe insistiu em lhe perguntar, teve que retomar tudo em sua cabeça novamente – Não vou negar que a coordenação nesses últimos dias estava uma bagunça, porque os professores se

atrapalharam um pouco para dar as notas finais dos estudantes, mas graças à Deus, correu tudo bem. Agora é só descansar... Ainda bem.

– Puxa que bom que correu tudo bem... – sorri com muita ternura para a sua filha – Eu preparei um delicioso mingau com canela para o Arthurzinho, para comemorarmos o início das férias. Espero que ele goste...

– Pode apostar que ele vai amar mãe... – Francesa se senta à mesa do jantar, já esquecendo todo o cansaço do trabalho, por causa do aroma que começava a sentir.

*

Francesca Espaguete Vittorio trabalhava na coordenação do Colégio Canário Amarelo, onde o seu filho também estudava. Resolvendo diversos problemas burocráticos que acontecia na escola no decorrer do dia.

Mas ela não reclamava muito sobre o estresse, afinal de contas, seu filho conseguia um ótimo desconto por sua mãe trabalhar no colégio. Por isso é que ela acabava engolindo muito desafetos dos pais, se esforçando a cada dia para entregar todos os esclarecimentos educacionais que eram cabíveis a ela, porque no fundo, Francesca sabia muito bem que a educação era de qualidade, e isso, Arthurzinho jamais conseguiria perder em sua vida.

– Querido!... Você trouxe tudo o que lhe pedi? – Pergunta para o seu marido, ao mesmo tempo em que conferia sua lista de compras.

– Acho que trouxe sim!... – tira do bolso à sua lista toda riscada, mostrando imediatamente para a sua esposa – Pode conferir se quiser...

– Uhm!... – começa a retirar da bolsa todas as coisas que o seu marido comprou no supermercado – Parece que está tudo aqui sim... Excelente!... Se eu tiver esquecido de mais alguma coisa, depois eu te peço novamente. Tudo bem?

– Sem problemas!... – Sente-se mais aliviado, o Senhor Enzo, temendo que pudesse sofrer algumas represálias de sua esposa.

– Fiz espaguete e nhoque com molho vermelho... – diz à eles, a senhora Carmella, se preocupando com os recipientes de vidro que estavam muito quentes, em cima da bancada da cozinha – Você pode me ajudar minha filha?...

– Mas é claro!... – coloca sua bolsa na bancada de vinhos de seu pai, enquanto prendia os seus cabelos para trás para que não viesse a atrapalha-lá – Só vou pegar as luvas da cozinha para não queimar as minhas mãos... Um instante...

– Ah tá!... Tudo bem – já vai pegando o recipiente que continha o espaguete, a senhora Carmella, depositando com todo o cuidado no meio da mesa do jantar.

– Enquanto isso eu vou pegando os pratos e talheres meu amor... – avisa à sua esposa, o senhor Enzo, já pensando em qual vinho iria tomar naquela noite fria de sexta-feira – Tudo bem?

– Muito obrigado meu querido!... – ainda tenta ajudar a sua filha à trazer o recipiente onde estava o nhoque com o molho vermelho, com receio que ela pudesse derrubar tudo no chão – Deixa eu te ajudar com isso minha querida...

– Negativo mãe!... – recrimina-a sua filha, querendo contribuir naquela casa de alguma maneira – Você já fez todo o jantar para a gente. É o mínimo que posso fazer. Não acha?...

– Está bem! Está bem!... – resolve se sentar do lado de seu esposo, a senhora Carmella, já conseguindo escutar os passos de seu neto no corredor – Como Preferir...

*

– Aí está ele!... – Francesca fica bastante eufórica ao vê-lo – Deixa eu te dar um beijo e um abraço bem apertado também... Uhhhh!... Estava com muitas saudades suas, meu filho. Sabia disso?... Nem parece que durante o dia não estamos tão perto assim.

– É mesmo!... Quem vê não diz que você trabalha na mesma escola que ele estuda – faz aquela observação a senhora Francesca, enquanto via o seu neto se sentar bem diante daquele prato de mingau, enquanto panqueca se aproximava da mesa do jantar para ver se ganhava algum petisco fora dos horários da refeição.

– Mamãe está muito orgulhosa de você... – Francesca permanece com aquele sorriso no rosto, ao se sentar perto de seu filho, como se todo o seu esforço para trabalhar naquela escola tivesse valido muito à pena – Peguei o seu boletim escolar e não encontrei uma nota vermelha. Todos os seus professores te elogiaram. Eles me disseram que você é super dedicado aos estudos e sempre faz diversas perguntas sobre as suas matérias durante a aula. Vocês sabiam disso?...

– Mas que boa notícia minha filha... – fica muito feliz a senhora Carmella, destampando logo o outro prato que estava por cima do mingau de seu neto, para que não esfriasse – Parabéns Arthurzinho!

– Esse é o meu neto!... – diz em voz alta o senhor Enzo, enquanto saia de sua adega de vinhos com uma garrafa em mãos, para comemorar aquela excelente notícia em família – Meus Parabéns!

– Posso comer vovó?... – Lhe pergunta o seu neto, quase não conseguindo prestar atenção naqueles elogios que estavam fazendo.

– Mas é claro que pode minha vida... – oferece para ele uma enorme colher – Mas tome muito cuidado para você não queimar a língua. Viu?... Aconselho a comer pelas beiradas, que é por onde esfria mais rápido. Entendestes?...

– Minha Nossa!... – Francesca se assusta com aquele prato fundo, ao olhar para a sua mãe – Mas ele vai comer isso tudo?... – pergunta para a sua mãe, com medo que o seu filho pudesse engordar alguns quilinhos naquelas férias.

– E você ainda dúvida?... Deixa ele... Ele merece minha filha – incentiva o seu neto a senhora Carmella, ficando muito orgulhosa de seus dons como educadora também, afinal de contas, era ela quem lhe ensinava o dever de casa – Não se preocupe com isso...

– Até parece que você não é de família italiana Francesquita... – pega o abridor de vinhos na gaveta da cozinha, o senhor Enzo – Que gosta de comer bem... Pois mesa farta e família reunida, sempre foram sinais claros de felicidade nessa família. Ou você nunca soube disso também?... – repreende-a seu pai, enchendo uma taça inteira de vinho, para comemorar as notas de seu neto.

Em um jantar tipicamente italiano, o espaguete era servido com molho de tomate e algumas pitadas de queijo ralado por cima, enquanto o nhoque dava a impressão de estar se desmanchando na boca, para quem se atrevesse a experimentá-lo primeiro, colocando-o no céu da boca, para se certificar da qualidade da massa, que somente os italianos conseguiam cozinar.

Depois que todos da Família Vittorio se servem, o aroma dos sabores acaba se misturando no ar daquela pequena estufa da cozinha, ao som de uma boa conversa acompanhada por um delicioso vinho, que servia para esquentá-los naquele friozinho bem aconchegante da serra.

*

– Esse mingau estava uma delícia vovó... – Arthurzinho raspa a sua colher até o fundo do prato, ficando muito triste por ter conseguido acabar com aquele sabor em sua boca de forma tão rápida.

– Pois é... Eu estou vendo que gostou... – repara na expressão de seu neto querendo mais – Agora mocinho... Vá já escovar os seus dentes antes de dormir... – sua avó retira aquele prato de sua frente, enquanto pensava que até poderia ter feito mais mingau para ele.

– Que história você vai me contar antes de dormir vovó?... – se levanta da mesa Arthurzinho, muito empolgado para saber o que iria escutar.

– Ainda não sei... Quando eu conseguir lavar toda essa louça aqui, vou ter tempo de pensar meu querido – começa a retirar os pratos vazios da mesa, a senhora Carmella, enquanto o seu marido guardava o vinho em sua adega novamente.

– Até que eu poderia lhe ajudar com isso mãe... – Francesca retira os talheres e a toalha da mesa, tentando ajudá-la com tudo aquilo que tinha simplesmente acumulado para lavar – Porque depois poderemos escolher a história juntos. O que acha?...

– Acho uma ótima ideia minha querida – liga a torneira da cozinha, a senhora Carmella, mal conseguindo acreditar que tinha sujado aquilo tudo de panela em apenas uma noite.

– Daqui a pouco vamos lá meu filho – lhe avisa a sua mãe, organizando as louças do jantar para que sua mãe pudesse começar a lavar.

*

Francesca espaguete Vittorio, a mãe de Arthurzinho, era divorciada à algum tempo. Seu relacionamento com o seu “agora” ex-marido, não tinha dado muito certo naquela casinha pré-moldada.

Seu ex-marido, por ser delegado da polícia federal, acabava sendo um pouco autoritário em se expressar, insistia em dizer que aquilo era por causa do seu trabalho super estressante, mas o pai de Francesca, o Senhor Enzo, não admitia aquilo em hipótese alguma dentro de sua casa. Ainda mais quando ele chegava ao ponto de gritar com eles, sem motivo algum.

Porém, não foi por causa dessas discussões bobas que o seu ex-marido saiu de casa, e sim, foi quando ele resolveu bater em sua esposa e em seu filho também.

A partir desse trágico acontecimento, os pais de Francesca jamais conseguiram perdoá-lo por aquilo. Vindo a expulsá-lo imediatamente daquela casa, antes que pudesse acontecer algo de pior naquela família, que sempre tinha sido muito carinhosa com todos os integrantes que chegavam para receber seu amor.

Assim, Francesca não teve outra escolha, e com muita coragem, deu entrada nos papéis do divórcio junto à uma advogada, que era muito amiga da família. E dessa maneira, ela se sentiu muito mais aliviada.

Mas o processo da separação não foi nada fácil, pois o marido de Francesca insistia junto com os seus advogados pela guarda da criança também, mas a família Vittorio conseguiu provar na justiça que ele não fazia bem ao garoto, e assim, o juiz conseguiu enxergar que o melhor ambiente para que o menino crescesse, seria ao lado de sua mãe e de seus avós, que davam todo o suporte amoroso para que ele conseguisse enfrentar as tempestades que a vida lhe preparava.

Porém, o juiz declarou no final de sua sentença, que o ex-marido de Francesca poderia visitar o menino aos finais de semana. Mas como era de se esperar, depois de alguns meses, ele simplesmente desistiu de visitá-lo, deixando Arthurzinho muito mais tranquilo e aliviado, porque a presença de seu pai o deixava muito nervoso e angustiado. Pois acabava lembrando dos momentos ruins que tinha passado ao seu lado, quando ele gritava com a sua mãe, ou quando algo de pior infelizmente acontecia no quarto.

*

– A única coisa que salvou o nosso dia foi à confraternização... – ajuda sua mãe a colocar a louça para escorrer na pia – Juntamos o pessoal da coordenação mais os professores do colégio também. Vocês precisavam ver... Todos se divertiram à beça.

– Fico feliz em saber disso Francesquita – tenta disfarçar a sua preocupação com ela, o senhor Enzo, sabendo a barra que sua família teve que enfrentar naqueles últimos meses na justiça.

– Mas me contem agora... O que vocês fizeram hoje? – Francesca insiste em assumir o lugar de sua mãe na cozinha, tentando poupar-la daquele trabalho extra.

– Bem... Eu fiquei cuidando de nossa horta... – olha pela janela da cozinha, a senhora Carmella, tentando lembrar se tinha se esquecido de plantar mais alguma coisa – enquanto o seu pai ficou encarregado de cortar a grama do jardim primeiro, porque depois ele me contou que quer começar a envernizar a nossa casa por fora.

– Já está precisando! – o senhor Enzo fala alto da sala de estar, prestando muita atenção na conversa da cozinha, mesmo com a televisão ligada no canal italiano.

– Agora deixa comigo minha filha!... – à senhora Carmella insisti em acabar de lavar à louça, querendo muito poupar-la daquilo – Vá descansar!... Sua toalha já está no banheiro.

Francesa se dirige para o seu quarto, com a intenção de pegar suas roupas de dormir, enquanto escuta a torneira do banheiro aberta.

– Desliga essa água Arthurzinho! – Grita do quarto sua mãe

– Já vou!... Estou terminando de escovar os dentes... – avisa para sua mãe, Arthurzinho, jogando toda aquela espuma de sua boca na pia do banheiro.

– E aí meu amor!... Agora deixa eu ver se você escovou esses dentes direitinho. Eih?... – sua mãe entra no banheiro, verificando logo se sua boca ainda estava com algum resquício de comida – Me dê aquele sorriso... Assim!... Isso mesmo!... Agora deixa eu ver mais de perto... – coloca suas mãos no rosto de seu filho, com a intenção que pudesse verificar melhor – Escovação Perfeita!... Já para a cama!... – Francesca bate delicadamente em sua bunda, fazendo-o ir para o quarto todo empolgado – Me espere em seu quarto até eu conseguir tomar banho. Me entendeu?...

– Tá bem mamãe!... – fala alto do corredor, já percebendo que o seu cachorrinho estava muito cansado de acompanhá-lo – Pode deixar!

Arthurzinho mal via a hora de escutar aqueles belos contos de fadas que faziam parte de seus sonhos, quando a luz de seu quarto se apagava. Por isso, já foi logo deitando em sua cama, resistindo muito para não olhar à sua estante de livros, que ficava bem ao lado de sua cama, porque queria muito ser pego pela magia do acaso, naquela noite.

“Qual será a história que vão me contar hoje?... – tenta resistir a sua ansiedade, Arthurzinho, deixando sua imaginação aflorar enquanto olhava para o teto de seu quarto – Será que vai ser de dragões?... Fadas?... Anões?... Elfos?... Duendes?... Cavaleiros?... Mas bem que poderia ser de gnomos... Afinal de contas... Nunca escutei nenhuma história sobre eles.

De forma muito inesperada, quando Arthurzinho estava totalmente distraído à pensar em todas aquelas mitologias que faziam parte de sua vida, eis que ele começa a escutar o som de algumas vozes estranhas, que estavam vindo da rua.

– O que é isso?... – Arthurzinho começa a escutar aquelas estranhas vozes saindo da janela de seu quarto, enquanto se levantava rapidamente de sua cama, para ver o que era – Está escutando Panqueca?... O que pode ser?...

Arthurzinho se esquece de calçar os seus chinelo naquele frio, com a intenção que pudesse se aproximar de suas janelas sem fazer barulho, tomando muito cuidado para que não fosse descoberto por aquelas vozes lá fora.

– Isto está acabando com as minhas costas – fala uma voz rouca vinda da rua, como se estivesse fazendo muito esforço para carregar algo.

– Fale mais baixo Durban!... – recrimina-o uma outra voz estranha – Ou você quer que alguém veja a gente por aqui?

– Mas é claro que não né... – retruca aquela estranha voz – Mas de que adianta?... Ninguém acredaria em seus próprios olhos mesmo.

Arthurzinho começa a abrir suas janelas com muito cuidado, morrendo de curiosidade para ver quem estava na rua falando com dor de garganta.

– Esses troncos de árvore que estamos carregando nas costas... – faz esforço para falar aquela voz – Estão começando a pesar demais... Não acham?...

– Ora essa... Era só o que me faltava agora... – se irrita uma outra voz rouca – Você acha que não estamos com dor também não?... Pare já de reclamar Durban!... Pois ainda temos que subir essa ladeira íngreme, se quisermos chegar à Terra Encantada, então... por favor...

Quando Arthurzinho consegue finalmente abrir as janelas do seu quarto e contemplar aquelas espécies de homenzinhos que estavam andando pela rua carregando aqueles tronquinhos de árvores nas costas, ele simplesmente começa a esfregar os seus olhos para ver se não estava tendo uma alucinação, por causa do seu cansaço.

– Não... Não pode ser... – observa atentamente aqueles homenzinhos de chapéus na cabeça, subindo aquela ladeira bastante íngreme, que ia para a outra rua de cima – Só posso estar sonhando acordado com a minha imaginação... Isso não é possível!... Venha ver isso aqui Panqueca!... – pega o seu cachorrinho no colo, querendo muito lhe mostrar aquilo também, para ver o que achava.

Da janela do quarto de Arthurzinho, dava para ver muito bem quatro homenzinhos de chapéus vermelhos, camisas verdes, cintos pretos, calças marrons e botas acinzentadas. Que estavam carregando pequenos troncos de árvores, ladeira acima, enquanto conversavam de uma forma muito resmungona.

– Será que estou ficando maluco ou o quê?... – Arthurzinho tenta falar baixinho com o Panqueca, que ao ver aquilo, prefere não latir, temendo que fosse descoberto se fizesse aquilo também.

Agindo pelo impulso de sua descoberta, Arthurzinho decide sair de seu quarto correndo, com muito medo que pudesse perdê-los de vista, ao passar pelo corredor, tendo a intenção de chegar até a porta de sua casa.

– Essa não!... – Arthurzinho fica desesperado por não os ver mais – Eles já começaram a subir a ladeira... Rápido Panqueca!... – de forma bastante estabanada, ele sai descalço pelo jardim da frente, consegue abrir o portãozinho de madeira sem maiores problemas, e logo na sequência, faz uma rápida corrida até a curva da calçada, tentando se esconder por trás de uma planta bem gordinha, que tinha sido plantada bem ali naquele local, já há algum tempo, por outro garotinho como ele.

– Agora que é a parte mais difícil... – aquele homenzinho começa a inclinar o seu corpo por causa dos troncos de madeira que estava carregando em suas costas – Teremos que enfrentar essa terrível ladeira se ainda quisermos chegar à tempo para o jantar pessoal.

– Foorrçççaaa!... – tenta motivar os seus companheiros, aumentando a rouquidão de sua voz – Coragem!... Nós vamos conseguir!

– Não sabia que ia ser tão difícil assim... – tenta acompanhar o ritmo de seus companheiros, o outro homenzinho – Uhhhhmmmm!

– Nestor!... – chama a conhecida voz rouca – É melhor você ir na frente... Minhas pernas estão começando a queimar.

– Tudo bem Fausto!... Deixa comigo... – aumenta o ritmo de seus passos aquele homenzinho, olhando para trás para ver se seus companheiros estavam bem.

– Pessoal!... Pessoal!... – para por um instante o último integrante daquele grupo, sentindo a presença de mais alguém na rua – Acho que algo está nos observando... Mas não sei direito o que é...

– Continue andando Heitor... – Fausto se esforça muito para acompanhar os seus companheiros ladeira acima – Deve ser um gato ou quem sabe um cachorro... Sei lá.

– E mesmo se for outra coisa... – admite aquela possibilidade Nestor – Vocês acham que alguém vai acreditar na pessoa que diz ter visto quatro gnomos da montanha, carregando pequenos troncos de árvores ladeira acima?... Acho que não.

– Bem... Não consigo ver direito, mas eu acho que está se escondendo atrás daquela árvore rechonchuda na calçada – o homenzinho se esforça para tentar enxergar o que era.

– Não temos tempo para ver o que é Heitor... – Fausto sente o seu coração disparar, por causa daquela ladeira – Mas com certeza deve ser algum animal à espreita. Pois com esse frio cortante que está fazendo, concordo com Nestor... Dificilmente alguém da espécie humana irá perder o seu tempo para ver quatro gnomos subirem uma ladeira, carregando troncos de árvores em suas costas. Não acha?...

– É mesmo!... Você está certo Fausto... – Heitor olha para aquele pequeno animal que estava sentado na calçada – É um cachorrinho bem peludo mesmo... Ele deve ser de alguém por aqui... – olha em volta aquele homenzinho, para ver se alguma casa estava com a luz acesa procurando-o – Pois não tem cara de estar perdido.

– Vamos logo Heitor!... Não vai me dizer agora que quer levá-lo para a Terra Encantada junto com a gente né?... Hoje não dá! – o repreende Nestor, ajeitando seus troncos de árvore em suas costas, evitando que caíssem ladeira abaixo.

– Está bem... Está bem! – fica triste Heitor, olhando para aquele cahorrinho com muita ternura – Fica para uma próxima vez então garotão... Viu?... Tchau! – vira-se novamente para a ladeira íngreme e volta imediatamente à subi-la. Porém, ainda estava um pouco emocionado de ter que largá-lo ali sozinho, naquele local frio de inverno.

Aquilo não podia ser coisa de sua imaginação, pensava Arthurzinho, pegando o seu cachorrinho no colo.

Todas aquelas vozes roucas que nunca tinha escutado antes?

Sem contar com aqueles quatro homenzinhos que estavam subindo à ladeira.

De onde vinham aqueles gnomos da montanha?

E o que era exatamente a Terra Encantada?

Se encolhendo mais por atrás daquela árvore da calçada, com medo que fosse descoberto por aqueles homenzinhos. Arthurzinho continuava não entendendo direito o que estava acontecendo bem diante de seus olhos.

“Isso é inexplicável!... Quer dizer então que esses quatro homenzinhos são gnomos da montanha?... E eu aqui pensando que fossem duendes ou anões... Mas pelas roupas estranhas que estavam usando... só podem ser gnomos mesmo... – pensa Arthurzinho, olhando com muito cuidado o trajeto que eles estavam fazendo ladeira acima; muito curioso para saber se

no final daquela rua, existia mesmo essa tal de Terra Encantada que servia de abrigo para aqueles homenzinhos que tinha visto – *Mas já imaginou Panqueca?... Se aquele homenzinho tivesse te levado para a Terra Encantada... Nossa família sempre iria pensar que você tinha se perdido na rua. Pois jamais iriam acreditar em mim...* – acha muito graça daquela possibilidade mágica que o seu cachorrinho poderia ter tido, se eles não tivessem ocupados com aqueles troncos de árvores que estavam carregando.

No momento em que os gnomos da montanha sumiram de sua vista, Arthurzinho volta saltitando para a sua casa, carregando o seu cachorrinho no colo, ao mesmo tempo em que também pensava, na maneira que iria falar com a sua família, sobre o que tinha visto na rua.

“Será que aqueles gnomos estavam realmente certos?... Por que os adultos não acreditavam mais em contos de fadas?... – Arthurzinho se indaga sobre aquilo, momentos antes de entrar em casa novamente, junto com o panqueca – Bem... Azar é o deles... Não sabem o que estão perdendo... Porque hoje eu posso falar para a minha vida inteira, que vi a magia se transformar em realidade. E isso.... Eu aposto que jamais vou esquecer.

– Mamãe!... Vovó!... Vovô!... – Arthurzinho chama sua família em voz alta, ao retornar para casa junto com o seu cachorrinho, ainda muito esbaforido de ter corrido até ali – Vocês não sabem o que eu acabei de ver na rua...

– O que você estava fazendo lá fora com esse frio?... Posso saber?... – lhe pergunta sua mãe com os cabelos molhados, preocupada por não tê-lo encontrado em seu quarto, como o combinado – E ainda por cima com os pés descalços?... Você quer pegar uma gripe?... Ou pior!... Uma febre é?... Onde já se viu um negócio desses...

– Calma mamãe!... – Arthurzinho começa a sentir os seus pés um pouco dormentes, por causa do frio que estava fazendo lá fora – Você não sabe o que acabamos de ver lá fora... – tenta explicar o seu sumiço, acreditando que tinha sido por uma boa causa.

– Vá já calçar os seus chinelos?... – ordena sua mãe, apontando para o seu quarto – Não quero saber o que você viu ou deixou de ver mocinho. Me entendeu?...

– Mas mãe!... Nós vimos gnomos da montanha na rua... – explica à ela Arthurzinho, dando a entender que aquilo que tinha feito era por uma boa causa – Você precisava estar lá para ver com os seus próprios olhos?... Eu e o panqueca vimos quatro gnomos subindo a rua A, carregando alguns troncos de árvores em suas costas. Da para acreditar nisso?... Eles são igualzinhos aqueles que têm nos livros... E ainda por cima, teve um deles que queria levar o

nosso cachorrinho para a Terra Encantada... Isso não é incrível?... Eu nunca poderia imaginar que um dia conseguiria ver esses seres mágicos bem na minha frente.

– Pare já de mentir Arthur!... Isso é muito feio de se fazer... Sabia disso? – o repreende mais uma vez a sua mãe, não conseguindo acreditar naquela história que seu filho tinha acabado de lhe contar – Não misture o que é fantasia, com a realidade meu amor. E além do mais... Acho que vou falar com a sua avó para parar de ler essas histórias antes de dormir... Acho que não está te fazendo bem.

*

– O que houve minha filha?... Por que você está assim? – Pergunta sua mãe ao encontrá-la no corredor, indo em direção à cozinha.

– É o Arthurzinho mãe... Você acredita que ele estava lá fora nesse frio junto com o panqueca?... E ainda por cima estava descalço... Podendo pegar uma gripe ou uma febre. Acredita nisso?

– Mas por que ele estaria lá fora com esse frio?... – seu pai fica sem entender direito o que motivou o seu neto a fazer aquilo sem pensar.

– Ah pai!... Era sobre isso que eu queria falar com vocês... – sua filha fica mais seria do que de costume – Ele me disse que viu quatro gnomos da montanha subindo a rua A, carregando alguns troncos de árvores nas costas. Dá para acreditar nisso?...

– Mas é claro que dá francesquita... – sorri para a sua filha o senhor Enzo, não achando aquilo tão improvável de se acontecer em Petrópolis – Gnomos é?... Uhm!... Bem impressionante... Pensei que eles já estivessem extintos.

– Lá vem o senhor de novo com essa história... – se dirige para o quarto de seu filho para ver o que ele estava fazendo – É por isso que o Arthurzinho está vendo coisas. Porque vocês ficam alimentando a imaginação dele com essas mitologias.

– Agora vê se o Arthurzinho tem juízo na cabeça?... – olha para o seu marido a senhora Carmella, ficando muito curiosa para saber o que ele tinha visto na rua – Para sair de casa com esse frio e ainda por cima descalço.

– Mas uma prova que temos para acreditar nele. Não acha?... – diz bem baixinho para a sua esposa, com medo que sua filha pudesse escutar – Porque ninguém sai desse jeito de casa, se não for para ver algo mágico que está acontecendo na penumbra da noite.

– Eu vou lá falar com ele... – segue os passos de sua filha, a Senhora Carmella, deixando o seu marido para trás – Quero tirar essa história à limpo.

– Agora sim!... Finalmente você está debaixo das cobertas como tem que ser – se sente muito mais aliviada por seu filho estar no quentinho – E até você Panqueca?... – Francesca olha para aquele tapete felpudo branco, que seu cachorrinho estava deitado – Vê se coloca um pouco de juízo na cabeça de seu dono. Viu?...

– Mas mãe... Por que você não acredita em mim? – insisti naquele assunto Arthurzinho, esperando por seus avós, para tentar convencê-los sobre o que viu – Eu não estou mentindo!... Te juro!... Eu realmente vi quatro gnomos.

– Arthurzinho!... – chama do corredor a voz de seu avô – Que história é essa que a sua mãe nos contou?

– Oi vovô! – Arthurzinho se enche de esperança novamente, pois sabia que as chances eram grandes de seus avós acreditarem nele – Pode entrar!...

– Sua mãe acabou de nos contar que você viu na rua quatro gnomos. Isso é verdade?... – fica muito curioso o seu avô, na expectativa que seu neto lhe passasse todos os detalhes daquela espécie, que sempre tinha gostado desde criança.

– É a mais pura verdade vovô! – torna a ficar empolgado com aquilo novamente – Vocês tem que acreditar em mim... – seus olhos voltam a brilhar com aquele assunto que sua mãe insistia em dizer que era mentira – Eles estavam carregando pequenos troncos de árvores ao longo da ladeira na rua A. Podem acreditar em mim... Se quiserem perguntar ao Panqueca, fiquem a vontade também... Porque ele irá responder com um latido, para confirmar o que nós vimos.

– Deixa eu ver aqui um instante... – se aproxima da estante de livros a senhora Carmella, para ver se achava o livro que falava sobre a cultura dos gnomos – Achei!... – pega aquele livro grande com muito cuidado – Acho que é esse aqui... Isso mesmo!... A vida Secreta dos Gnomos... Achei!

– É por isso que o Arthurzinho fica imaginando essas coisas o tempo todo... – Francesca olha para aquele livro cheio de ilustrações, que sua mãe tinha acabado de pegar na estante – Vocês insistem em lhe dizer que esses seres mitológicos existem. O que vou fazer?...

– Mas eles existem Francesquita... – Seu pai fica do lado de seu neto, contrariando-a bem na frente dele – Por curiosidade Arthurzinho... Como eles eram?

– Bem vovô... Esses quatro gnomos da montanha que vi... – se esforça Arthurzinho para se lembrar de todos os detalhes que aqueles homenzinhos estavam usando, brigando um pouco com a fraca iluminação que se tinha na rua – usavam barbas brancas, chapéus vermelhos, camisas verdes, cintos pretos, calças marrons e botas acinzentadas.

– Você falou gnomos da montanha?... – vai em direção a sua esposa e retira o livro de suas mãos com muita delicadeza, tratando-o como se fosse um artefato muito raro de se encontrar naqueles dias – É isso mesmo?... Bom... Se não me engano... Você viu uma espécie de gnomos que só eram encontrados na Europa... – passa algumas páginas daquele livro, tentando procurar alguma informação à respeito – Achei-os!... São esses aqui que você viu?... – Mostra para o seu neto todas aquelas ilustrações de gnomos, que estavam com a mesma roupa que ele falou ter visto na rua também.

– Isso mesmo vovô!... – Arthurzinho olha para aquelas imagens, como se estivesse encontrado à felicidade naqueles seres mágicos – Caraca!... Você encontrou eles vovô. Que incrível!... Não te falei mamãe que não estava mentindo...

– Tenho uma explicação para isso... – Francesca não se surpreende com aquelas ilustrações de gnomos que o seu pai estava mostrando ao seu filho – Vocês já devem ter contado essas histórias sobre os gnomos para o Arthurzinho, e é por isso que ele está afirmando que viu esses seres lá fora. É por isso!... Todos sabem quando crescem que essas histórias são mitos... Lendas!... Não existem! Só servem para aflorar a imaginação das crianças como está acontecendo com o Arthurzinho. Só isso!...

– É aí que você se engana francesquita... – seu pai começa a ler algumas páginas daquele livro sobre os gnomos – Aqui está escrito que os gnomos da montanha vieram de diversas partes da Europa, fugidos tanto da primeira, como da segunda guerra mundial. Como a nossa família também fez meu amor... – coloca suas mãos por cima daquelas palavras que tinha acabado de ler, o senhor Enzo, como se fosse um trecho da sagrada escritura.

– E lá vamos nós de novo... – Francesca bufa de raiva, ao escutar aquilo da boca de seu pai de uma forma que parecia a mais pura verdade – Lá estão vocês de novo alimentando a imaginação de Arthurzinho – fica irritada com aquilo – Eu sabia que isso não ia dar certo... Eu sabia!... Tá vendo mãe?... Esse negócio de vocês ficarem lendo essas histórias para ele antes de dormir não está mais dando certo. Teremos que parar com isso imediatamente... Sabem por que?... – começa a ficar cada vez mais nervosa com aqueles contos de fadas que seus pais insistiam em nutrir na cabeça de seu filho – Porque essas histórias não preparam as crianças para a maldade que existe no mundo. Elas ficam bobinhas quando se tornam adultas. Pois não conseguem conviver com a malícia da sociedade.

– Desculpa Francesquita!... – Seu pai tenta defender o seu ponto de vista, como se aquilo que sua filha tinha acabado de falar, fosse a mais pura blasfêmia – Mas é aí que você se engana minha filha... – olha para a sua esposa tentando defender a educação que tinha passado para o seu neto em sua ausência – Porque todo o mito vem entrelaçado com as verdades mais

puras do universo. Ou você acha o que?... Só porque você nunca viu, não quer dizer que esses seres não possam existir. Veja o grande mistério de Deus, por exemplo... Somente os apóstolos tiveram o privilégio de aprender com o seu filho na terra, mas nunca tiveram o privilégio de ver o pai do filho, por exemplo. Mas como eles depois escreveram os evangelhos... Todas as pessoas passaram a acreditar no pai, no filho e no espírito santo, acreditando em sua força, em sua providência e em sua magnitude por causa das histórias que leram ao seu respeito. Então... – fecha o livro que estava segurando, o senhor Enzo – não me venha com essa história de que essas lendas não existem, só porque você nunca teve o privilégio de ver esses seres mágicos da terra. Porque se alguém escreveu sobre eles, logo, qualquer criança pode sentir a liberdade de acreditar neles... Mesmo nunca tendo o privilégio de vê-los caminhando sobre a terra.

– Sabe o que eu acho... – entra naquela discussão a senhora Carmella, antes que aquilo pudesse se agravar ainda mais – Todos aqui estão precisando de uma boa noite de sono para recuperar as energias – aconselha à sua família, tentando acalmar todos aqueles nervos que estavam à flor da pele – O que acham?...

– Excelente idéia minha querida! – vai até a estante de livros de seu neto, para colocar o livro no lugar – Amanhã continuaremos à falar sobre isso – alfineta sua filha mais uma vez, vendo sua expressão de fúria em seus olhos.

– Vamos puxar essas cobertas aqui... – tenta disfarçar a provocação que seu pai fez à ela – Prontinho!... Agora você está bem quentinho. Não está?... – puxa aquelas cobertas para cima até que ficasse bem embaixo do queixo de seu filho.

– Panqueca hora de dormir também... – avisa à ele a senhora Carmella, vendo-o que tinha entendido perfeitamente – Vamos!...

Panqueca imediatamente se encolhe ainda mais naquele tapete felpudo branco, como se ali fosse o seu ninho.

– Acho que ninguém precisará ler para você antes de dormir, não é mesmo?... – pergunta para o seu neto, o senhor Enzo, sabendo muito bem que ele iria sonhar com aqueles gnomos da montanha que tinha visto na rua, mesmo que sua mãe o recriminasse por isso – Pois acho que você tem uma bela história para sonhar essa noite – começa a rir dentro daquele quarto, olhando para a sua filha mais uma vez – Não tem?...

– Tenho sim vovô!... – Arthurzinho começa a sentir o peso de suas pálpebras – Boa noite! – lhe dá um belo sorriso de felicidade em troca.

Depois que seus avós se despedem dele, desejando-lhe bons sonhos – ao contrário de sua mãe, que já sabia com o que o seu filho iria sonhar naquela noite estrelada – à luz do quarto enfim é apagada, mas Arthurzinho, continua a pensar sobre aqueles gnomos da montanha que tinha visto na rua, junto com o seu cachorrinho. Acreditando que à fantasia que sempre teve o hábito de ler, tinha passado a se tornar a mais pura realidade em sua vida.

“Amanhã vou fazer o mesmo caminho que aqueles quatro gnomos fizeram... – pensa Arthurzinho, brigando para conseguir manter seus olhos abertos naquela escuridão – Quem sabe eu não descubro aonde fica essa Terra Encantada... O único problema será convencer a minha mãe disso... Porque tenho certeza que meus avós vão querer vir junto comigo, para ver se veem alguma coisa lá em cima.

2. O PORTAL DA FANTASIA

Petrópolis tinha amanhecido com aquela geada típica do inverno. Deixando o jardim da casa da família Vittorio, completamente coberto por pequenos flocos de neve que iam se dissolvendo no gramado, à medida que o sol ia conseguindo ficar cada vez mais forte ao longo do dia.

Arthurzinho nem esperou o despertador tocar naquela manhã fria, e foi logo levantando de sua cama todo animado, junto com o seu cachorrinho:

– Bom dia Panqueca!... – olha para o seu cachorrinho, que insistia em ficar em seu tapetinho todo encolhido, com muita preguiça de ter que acordar tão cedo naquele dia – É hoje que descobrimos aonde esses gnomos da montanha estão se escondendo.

Ao sair da cama – já sentindo a brisa gelada em seu corpo – Arthurzinho imediatamente decide vestir o seu roupão de lã azul – que estava dependurado em um cabide preso em cima da porta – antes que pudesse abrir as janelas de seu quarto para saber como estava o dia lá fora.

“Vamos ver como está o tempo... – abre as janelas de seu quarto, na expectativa que o sol estivesse brilhando lá fora – Nossa!... O dia está perfeito para uma aventura panqueca. Que bom!... – Arthurzinho repara naquela bela mistura de cores que a geada estava fazendo no jardim de seus avós – Só espero que o tempo não mude à tarde”.

Já a Senhora Carmella, pela manhã, tinha resolvido ficar até um pouco mais na cama, pois ela sabia que não precisaria mais cumprir horários com a chegada das férias. Porém, quando ela começou a tocar o outro lado da cama, para ver se ainda encontrava o seu marido deitado nela, tomou um susto:

– Ué!... – começa a tatear todas as partes de sua cama à sua procura – Cadé o Enzo?... Aonde ele foi se meter?

Levanta rapidamente de sua Cama, a senhora Carmella – vestindo o seu roupão de lã rosa – temendo que seu marido já tivesse tomado o seu café da manhã, sem a presença de sua família.

“Eu só espero que ele não tenha feito isso... – calça os seus chinelos e começa a procurá-lo pela casa – Logo hoje... No primeiro dia de férias de Arthurzinho?... Eu mato ele!” – Pensa naquela possibilidade em sua cabeça, tentando dar uma explicação para aquilo tudo que estava acontecendo.

– Oi Amor!... – Sorri para ela o Senhor Enzo, no momento que ela entra toda esbaforida pela cozinha à sua procura – Surpreeesaaaa!... Já fiz a mesa do café da manhã para a gente – retira os seus óculos de leitura, desviando a sua atenção do notebook, que estava bem em cima da mesa ligado – Gostou da Surpresa?... Resolvi acordar bem cedo hoje, para comprar esses pães fresquinhos na padaria, junto com esse bolo de milho também.

– Mas que coisa mais linda meu querido... – fica completamente sem reação, a senhora Carmella, se arrependendo completamente de ter pensado o pior de seu marido naquela manhã – Não precisava se preocupar com isso não...

– Nada disso!... Faço questão de fazer isso... – o senhor Enzo olha mais uma vez para aquela mesa toda arrumadinha – E ainda fiz um café para a gente comemorar o primeiro dia das férias do Arthurzinho... – sua esposa sente aquele aroma inconfundível vindo do bule – Espero que todos gostem do sabor dessas férias meu amor.

– Eu aposto que eles vão gostar muito meu querido... – fica admirada com a beleza daquela mesa do café da manhã – Mas o que você está fazendo com o notebook ligado à uma hora dessas?... – olha para aquele troço que não estava se encaixando com a harmonia daquela mesa.

– Bem... Eu estava pesquisando um pouco sobre os gnomos – volta a sua atenção para a tela do notebook – E sabe o que eu descobri?... Que não é só o nosso neto que viu esses seres mágicos caminhando na terra. Veja só todos os relatos dessas pessoas dizendo terem visto eles também... – entorta a tela do seu notebook, para que sua esposa pudesse ler alguns relatos que ele já tinha lido mais cedo.

– Puxa! Isso é muito impressionante... – lê algumas histórias a senhora Carmella, notando que não era somente naquela região que eles apareciam – Não sabia que eles tinham o poder de aparecer em todos esses países.

– Pois é... – seu marido confere mais uma vez ao reler – Veja esses relatos aqui... Alemanha... Inglaterra... França... Suíça... Irlanda... Dinamarca... Suécia... Áustria... Portugal... Escócia... E o mais impressionante... – rola para baixo com a ajuda do mouse, tentando achar um mais específico – Eles estão aparecendo até na Amazônia Também. Dá para acreditar nisso?... E de acordo com o relato desse índio aqui... alguns gnomos estão

tentando alertá-los sobre o Desmatamento que o governo brasileiro está fazendo na região; podendo levar a destruição completa do Pulmão do Mundo.

– Não brinca?... – a senhora Carmella lê aquele relato, não acreditando que esses seres estavam até na Amazônia também – Caramba!... Mas que coisa!... Então... Isso quer dizer que... Os gnomos realmente existem!

– E eu pensando que eles estavam extintos por causa da degradação do meio ambiente...

– retira os seus óculos do rosto, o senhor Enzo, colocando-os na mesa novamente.

Depois que tinha conseguido se inteirar sobre aquele assunto, a senhora Carmella decidi ir até o quarto de seu neto, com a intenção de chamá-lo para o café da manhã.

– Arthurzinho!... – chama do corredor a sua avó – O seu avô já preparou a nosso café da manhã!... Você já está pronto?...

– Já sim vovó!... – Arthurzinho se olha pelo espelho do seu quarto, para ver se aquela roupa de escoteiro que tinha colocado tinha ficado bem nele.

– Mas por que você está vestido assim pela manhã?... – entra pelo quarto a sua avó, não entendendo por que ele estava vestido daquele jeito – Hoje você não tem o clube de escoteiros! Ou tem?... – tenta se lembrar do dia que era para ver se ela não estava mesmo errada.

– Estou vestido assim... – coloca o seu chapéu de escoteiro cheio de broches – porque hoje eu quero ir até o final da rua A, para ver se descubro aonde fica a Terra Encantada.

– Aonde fica o quê?... – não consegue entender o que o seu neto acabou de inventar já pela manhã.

– A Terra Encantada vovó... – ajeita os seus broches da camisa – Onde os quatro gnomos da montanha moram.

– Terra Encantada?... Mas você tem certeza que esses gnomos falaram sobre esse lugar?

– Pergunta para o seu neto, querendo saber mais sobre aquilo.

– Tenho sim!... Eles não paravam de repetir isso... – tenta se lembrar dos nomes de todos os gnomos que viu na rua ontem – Enquanto eles estavam carregavam aqueles troncos de árvores morro acima.

– E você consegue se lembrar dos nomes desses gnomos?... – faz mais aquela pergunta para o seu neto, percebendo que ele estava com uma certa dificuldade para se lembrar.

– Deixa eu ver.... Ummm!... O primeiro eu acho que se chamava... – Arthurzinho se esforça para lembrar os nomes dos quatro gnomos da montanha – Durban!... É isso! Já o

segundo... Eu acho que se chamava... Nestor!... É isso!... Já o terceiro... Eu me lembro que três nomes terminavam com o ou or... Se chamava... Fausto!... É isso!... – olha para o seu cachorrinho, tentando lembrar o nome do último gnomos – e o último se chamava... Deixa eu ver se me lembro... Heitor!... Conseguí!... Uffffaaa! – se sente muito mais aliviado por ter conseguido se lembrar do nome de todos aqueles gnomos da montanha.

– Então os gnomos que você viu se chamavam: Durban, Nestor, Fausto e por fim, Heitor. Nessa ordem é isso?... – a senhora Carmella tenta ver se já tinha conseguido decorar os nomes de todos aqueles gnomos em sua mente.

– Exatamente vovó!... – responde euforicamente o seu neto, percebendo que ela estava acreditando nele.

*

– Bom dia mãe!... – entra pelo quarto Francesca, tomado um susto por ver o seu filho vestido daquele jeito pela manhã – Mas o que é isso?... – olha para aquela roupa de escoteiro tendo a absoluta certeza do que ele queria fazer naquele dia – Posso saber?...

– Ué!... É minha roupa de escoteiro não está vendo? – Arthurzinho tenta esconder o seu sorriso de felicidade, já sabendo que sua avó o apoiava.

– Mas nem pensar!... Só por cima do meu cadáver! Que você vai subir essa ladeira para ver o que tem no final da rua A... Tá Mocinho? – consegue captar o que o seu filho estava querendo fazer já pela manhã – Tá pensando o quê?... Que só porque você é do clube dos escoteiros, já está se sentindo preparado para explorar uma floresta é?... Pergunte ao seu avô que tem mais experiência que você no assunto... Se a floresta é local para crianças. Garanto que ele vai te responde que não é... Já falei para esquecer essa história de gnomos Arthur!... – torna a recriminá-lo com a luz do sol batendo em seus cabelos castanhos – Isso é tudo culpa dos seus avós... – olha com muita raiva para a sua mãe, que não entende porque ela está agindo assim pela manhã.

– Você não vai me impedir!... – Arthurzinho insiste naquela história, sabendo que seu avô também iria lhe apoiar, quando soubesse de tudo aquilo que ele pretendia fazer naquele dia de sol – Nem que eu tenha que ir com os meus avós... Eu vou!... Pois eu quero muito descobrir aonde fica à Terra Encantada.

– Quer dizer agora que você até inventou um lugar de onde eles vieram?... – pergunta para o seu filho em um tom muito debochado – Era só o que me faltava mesmo... E você realmente acredita que no final dessa rua vai ter um portal que te levará para essa tal de...

Terra Encantada?... Não é esse o nome?... – Francesca começa a rir de forma muito descontrolada, querendo muito ver a reação de seu pai quando soubesse daquilo tudo.

*

Vendo que sua mãe não acreditava em sua história, Arthurzinho imediatamente decide correr até a cozinha, para ver se o seu avô poderia levá-lo até onde ele queria explorar. Mesmo sabendo que não tinha o preparo adequado, para enfrentar a escuridão de uma floresta, que por outro lado, também poderia iluminar o seu caminho, caso ele achasse algo mágico por entre aquelas árvores.

– Vovô!... Vovô! – corre até a cozinha Arthurzinho, querendo muito falar com ele – Quero muito te contar o que eu não consegui lembrar na noite passada – percebe que somente à presença daqueles seres mágicos em sua rua, fez com que ele se esquecesse do principal.

– Se sente aqui do meu lado... – nota que o seu neto já estava usando o seu uniforme de escoteiros, com a intenção de descobrir o local exato por onde aqueles gnomos tinham saído – Pois então... Me conte... O que você não lembrou de me contar ontem à noite?

– Conseguí lembrar dos nomes deles vovô... – se senta apressadamente naquela cadeira, bem ao lado de seu avô, antes que sua mãe pudesse chegar para brigar com ele mais uma vez – Eram... Durban!... Era o primeiro... Nestor... Fausto... e o último era... Heitor!... E não para por aí... – tenta recuperar o seu fôlego, começando a falar mais devagar – Me lembro também que eles insistiam em dizer que tinham que voltar o quanto antes para a Terra Encantada.

– Terra Encantada?... – seu avô repete o nome daquele lugar, pensando que não tivesse escutado direito da primeira vez – Foi isso que eles falaram?... – tenta buscar em sua memória de criança, para ver se já tinha escutado ou lido sobre aquilo em algum lugar – Mas aonde que ficará isso por aqui?... – tenta buscar um caminho possível para aquele lugar em Petrópolis.

– Não sei vovô... Não tenho a menor ideia de onde fica isso – pega um pedaço de bolo para comer – Gostaria muito que o senhor me ajudasse a procurar a Terra encantada... – fica na expectativa Arthurzinho, tendo a absoluta certeza de que se ele aceitasse, sua mãe não poderá impedi-lo de explorar a rua A e a floresta também – O senhor me ajuda?...

– Mas é claro que te ajudo... – responde sem pensar o seu avô, querendo muito procurar mais informações que o levem para esses gnomos da montanha também – Você sabia que mal consegui dormir à noite pensando nisso também?... Isso é uma oportunidade muito rara que

tivemos. Sabia disso?... Agora poderemos explorar o trajeto que eles fizeram até chegar aqui. Não deve ficar muito longe...

– Por favor pai... – entra pela cozinha a sua filha, já tendo escutando toda aquela empolgação dele também – Não faça isso!... Não alimente mais essa história. O senhor sabe que isso não vai dar em nada... É tempo perdido! – Francesca tenta à todo custo, convencê-lo à não fazer aquilo.

– Francesquiiiiitaaaa! – esbraveja com a sua filha, não gostando nenhum pouco daquilo que escutou – Jamais diga a um escoteiro que explorar é tempo perdido. Me escutou bem?... E mesmo se formos e não acharmos nada... Qual é o problema nisso?... – olha para ela tentando repreende-la por aquela atitude autoritária de mãe – Pelo menos sairemos com mais coragem por termos explorado uma área desconhecida... E esse é o verdadeiro espírito de um escoteiro... Não temer o desconhecido.

– Tudo bem!... Tudo bem!... – Francesca joga à toalha, percebendo que eram três contra um naquela cozinha – Então eu também vou!... Mas antes... – vai até o fogão pegar o bule do café – Eu vou tomar o meu café da manhã em paz.

– Que assim seja!... – a senhora Carmella fica muito mais tranquila com o término da discussão – Então depois do nosso café... Iremos com você Arthurzinho! – apoia a decisão de seu neto, enquanto ele pegava o pote de mel da mesa, para despejar um pouco em seu waffle.

– Quer dizer que você fez até esses waffles para o Arthurzinho foi?... – olha para o seu marido, ficando muito impressionada de como ele tinha pensado em tudo naquela manhã.

– Fiz sim!... – Fica muito orgulhoso o senhor Enzo, querendo mudar de assunto para não brigar mais com a sua filha – Pois sabia que ele gostava – Vê o seu neto espetando com o garfo algumas camadas de waffles, tentando colocar tudo na boca – Então...

– Aqui está o leite minha filha... – sua mãe lhe oferece em sua xícara, sabendo que ela gostava de misturá-lo com o café, para que não ficasse muito forte – Agora deguste um pouco e se acalme. Está bem?...

– Não coma tudo assim de uma vez Arthurzinho... – sua mãe percebe que ele estava tentando enfiar todos aqueles waffles na boca – Você pode se engasgar. Viu?...

– Está aqui a geleia de amora que você gosta... – oferece à ele o seu avô, ignorando totalmente os conselhos de sua filha – Só não sei se fica bom ao misturar com mel também.

– Mas o que é isso?... – se assusta com a quantidade de mel e de geleia de amora que seu o filho estava colocando por cima daqueles waffles, sem pensar – Você quer ficar diabético ou o quê mocinho?...

Começando a sentir aquele delicioso gosto em seu paladar, Arthurzinho tem a ligeira impressão que está provando as nuvens do céu, se é que isso teria um gosto tão bom quanto aquele sabor doce que estava sentindo no céu de sua boca, em dias esquecidos de verão.

— Arthurzinho!... — chama o seu avô, esperando que ele abrisse os olhos novamente depois daquele viagem que tinha feito — Já falei com a sua avó sobre isso pela manhã... — olha para ela tentando repetir as mesma coisas que tinha falado anteriormente — Eu estive pesquisando alguns relatos de aparições de gnomos na internet e... — volta a sua atenção para a tela de seu notebook novamente — por incrível que pareça... Conseguí encontrar muitos iguais ao seu. Você não é o único!... Sabia disso?... E eu que sempre pensei que os gnomos já pudessem estar extintos há alguns anos, acabei me enganando completamente — seu coração se enche de esperança novamente.

— Isso é demais vovó!... — seus olhos voltam a brilhar, vendo que sua mãe não estava gostando nada daquela conversa infantil — Viu mamãe?... Como eu estava falando à verdade quando te contei.

— Eu já sabia que a presença desse notebook em cima da mesa já não era boa coisa... — Francesca observa atentamente aquela empolgação de explorador de seu pai, enquanto ele relia todos aqueles relatos — Só podia estar aberto em alguma página idiota dessas... — ataca de maneira ríspida o seu pai, mesmo sabendo que ele sempre tinha um certo interesse em buscar essas criaturas mágicas na internet.

— Respeite a minha curiosidade Francesquita!... — se irrita mais uma vez com ela, conseguindo fazer com que ele se desconcentrasse de seus estudos — Pois enquanto eu estiver vivo, sempre manterei o meu coração aberto à novas descobertas, porque acredito que é somente desse jeito, que alcançamos à eterna juventude... Mesmo eu tendo uma idade bem avançada, diga-se de passagem.

— Seu pai está certo minha filha... — apoia aquela colocação muito sabia de seu marido — Mas acho que você ainda não conseguiu entender o motivo pelo qual ainda lemos todas essas lendas e mitos para o Arthurzinho... Porque conforme vamos envelhecendo, a sociedade acaba nos sugando tanto para ela, que simplesmente acabamos esquecendo de olhar para toda à magia e a fantasia que ainda nos cerca. E é por esse motivo que você tem que admirar muito o seu pai... — sente muito orgulho por ter casado com aquele homem que estava na cozinha — Porque ele sempre manteve a chama da descoberta muito bem acesa em seu coração. Mesmo tendo passado por algumas terríveis dificuldades tanto na Itália como no Brasil... Como eu também tive que enfrentar. Mas uma coisa é certa... Nós nunca admitimos à falta de magia em

nossas singelas vidas... Tente fazer isso também minha filha... – olha para ela com muito carinho, que somente uma mãe conseguia fazer – E você verá que sua vida irá mudar completamente, adicionando um pouco mais de fantasia, em seus sonhos da realidade.

*

Depois daquele delicioso café da manhã, todos voltaram para os seus respectivos quartos, na expectativa que pudessem achar as suas mochilas de acampamento.

– Acho que está tudo aqui... – O senhor Enzo dá uma última conferida em sua mochila, com receio que pudesse ter esquecido alguma coisa – Lanternas... à minha barraca... e alguns mapas também... Caso alguém se esqueça de levar os seus.

– Eu estou levando várias garrafas de água... – se preocupa com a hidratação de sua família, a senhora Carmella – Pois nunca se sabe se iremos beber muita ou pouca água.

– Muito bem pensado minha querida... – logo percebe que não tinha colocado nenhuma garrafa de água em sua mochila – Viu só?... Eu sabia que estava esquecendo de alguma coisa... Aonde está a minha garrafa de água?...

– Desculpa meu amor!... – Pega a sua garrafa de dentro da sua mochila – É para isso que serve o companheirismo.

– Está pronta minha querida?... – pergunta para a sua esposa, pegando a garrafa de água em suas mãos.

– Acho que sim!... – revê mais uma vez a sua mochila de acampamento, mas logo percebe que todas estavam equipadas com as mesmas coisas.

*

– Só o meu pai mesmo para me convencer à fazer isso... – pensa em voz alta, Francesca, enquanto o seu filho já estava todo eufórico lhe esperando no corredor.

– Olha o que eu consegui encontrar mamãe!... – espera ela colocar nas costas aquela enorme mochila de acampamento – A minha bússola. Não é demais?...

– Mas para que você vai usar isso meu filho?... – fica sem entender a finalidade daquilo naquele simples passeio que eles iriam fazer pela manhã – Até parece que vamos explorar toda a floresta ao final da rua A...

– Nunca se sabe... – Arthurzinho olha para a sua bússola, acreditando que seu avô o acompanharia até o infinito se fosse preciso – Já está pronta?...

– Sim! Sim!... Já podemos ir! – sai com o seu filho pelo corredor, indo em direção à sala de estar.

*

– Estão todos prontos para a aventura?... – pergunta o senhor Enzo, de uma forma muito empolgada para a sua família.

– Sim vovô!... Eu e o panqueca mal podemos esperar para chegar na floresta – salta do chão Arthurzinho, como se estivesse querendo preparar os seus músculos da perna, para a ladeira que teria que subir junto com a sua família.

– Au!... Au!... Au!... Au!... – começa a latir Panqueca, como se soubesse que iria passear em algum lugar diferente naquela manhã.

– Marchando!... – sai pela porta de casa o senhor Enzo, sendo acompanhado por sua família logo atrás.

*

“O que a gente não faz por um filho... – pensa Francesca, olhando para a empolgação de sua família ao subir aquela ladeira, demonstrando estarem cheios de energias para gastar naquele dia ensolarado de inverno.

– Deixa eu te mostrar uma coisa Arthurzinho... – o seu avô tenta aumentar o ritmo de seus passos, querendo logo terminar de subir aquela difícil ladeira – Venha cá meu garoto!... Deixa eu te mostrar esse lindo visual aqui de cima... – começa a suspendê-lo no ar, pegando por baixo de seus braços – Você vai ficar encantado... – lhe coloca por cima dos seus ombros, para que pudesse ver a bela vista lá em baixo.

– Cuidado pai!... – lhe avisa Francesca, um pouco preocupada com aquele peso extra que ele mesmo tinha colocado em suas costas.

– Está tudo bem minha filha!... Só estou mostrando ao Arthurzinho essa magnífica paisagem que temos aqui de cima... – contempla aquelas belas montanhas esverdeadas que acolhiam perfeitamente todas as casas do condomínio lá em baixo – É bonito ou não é?...

– Puxa vida vovô!... – Arthurzinho se encanta com aquela paisagem, que mais parecia uma pintura – Essas montanhas são maravilhosas!... – olha por toda aquela extensão esverdeada sem se cansar.

– Pois é meu neto... – começa a sentir um pouco de dor em suas costas – Isso aqui é o meu Paraíso Perdido... Porque nunca se sabe por quanto tempo essas montanhas vão ficar assim... Intactas!... Ainda mais se levarmos em consideração toda a degradação ambiental que o homem insiste em preservar.

– Muito bem pensado meu querido... – sua esposa também começa a contemplar à bela vista lá de cima – Será que isso tudo que a gente está vendo agora irá ser preservado para o futuro do nosso país?

– Não tenho a mínima ideia meu amor... Tudo dependerá de uma melhor conscientização do governo – pousa o seu neto novamente no chão, pegando o panqueca para lhe mostrar a paisagem também.

– Essas montanhas trazem uma paz tão grande... É realmente maravilhoso o som que elas transmitem quando o vento bate em suas matas... – observa Francesca, notando ao longe, que à vegetação estava se mexendo de um lado para o outro, sem que ela conseguisse escutar ruído algum, daquele esplendoroso movimento.

– É o som do silêncio minha Francesquita... – lhe responde o seu pai, com muita sensibilidade ao presenciar aquele mesmo movimento sem som – E isso é a coisa mais rara de alguém conseguir escutar hoje. Temos que aprender à valorizar o que a natureza nos ensina. Não achas?...

– Sim papai!... Isso aqui é o maior patrimônio que um ser humano pode ter em sua vida... – Francesca não consegue mais tirar os olhos daquela paisagem – O Amor à natureza!...

*

A paisagem daquele lugar era realmente deslumbrante. O verde das montanhas e das matas se contrastava perfeitamente com às cores de todas aquelas casas que ficavam lá em baixo. Dando um significado muito mais espiritual, para aquela proteção natural que todos desfrutavam, sem dar muita atenção.

– É melhor irmos... – o senhor Enzo chama a atenção de sua família, querendo logo chegar ao final da rua A – Já devemos estar quase chegando.

– Oba!... – Arthurzinho vai todo empolgado na frente, já imaginando o que a floresta poderia lhe reservar – mal posso esperar vovô.

– Mas esperem um pouco pessoal... – tenta alcançá-los Francesca, não entendendo ainda por que estava fazendo aquilo – Se a rua acaba... O que iremos fazer lá afinal de contas?...

– Ao final dessa rua, existe uma pequena trilha no meio da floresta... – o senhor Enzo olha de relance para o seu neto, ainda pensando muito naquela história de gnomos que ele tinha lhe contado na noite passada – que agora tenho motivos de sobra para acreditar que esse pequeno caminho pode levar para algum outro lugar desconhecido.

– Ah entendi!... – sua filha lhe responde de uma forma muito debochada, não acreditando nenhum pouco, naquela história inventada por seu filho – Quem sabe esse lugar não possa ser a famosa Terra Encantada então...

– Já estamos chegando!... – avisa à senhora Carmella, cortando aquele possível clima para a discussão, ao avistar o final da rua A.

– Arthurzinho!... – chama a sua atenção o seu avô, esperando à hora certa para lhe contar aquilo – Estive lendo pela manhã sobre esses gnomos que você viu na noite passada, e coincidentemente, também me deparei com alguns caminhos parecidos com esse aqui... – olha para aquele estreito caminho de barro que desaparecia no meio de todas aquelas árvores retorcidas.

– Não vai me dizer agora que esses caminhos são espécies de portais que levam para algum outro lugar... – Francesca continua a caçoar daquelas teorias elaboradas por seu pai.

– Exatamente!... – apoia a teoria de sua filha, não conseguindo reparar aquele tom de ironia no ar – De acordo com as minhas leituras, possivelmente esse caminho aqui... Também pode ser uma espécie de portal.

– Você acha que a Terra Encantada pode começar nesse caminho aqui vovô?... – pergunta a ele Arthurzinho, acreditando muito naquela possibilidade.

– É bem provável... Ainda mais se considerarmos que eles não foram tão longe assim para pegar lenha – seu avô olha para trás para ver o trajeto que fizeram.

– Mas como vamos saber que a Terra Encantada começa aqui nesse caminho?... – faz mais aquela pergunta ao seu avô, chegando bem perto daquele caminho de barro.

– Pelo que sei... – seu avô tenta desvendar aquele enigma, lembrando de alguns mitos que já tinha estudado na juventude – Esses portais só são abertos por crianças... Mas não é qualquer criança. Veja bem!... Somente aquelas que acreditam na magia da imaginação é que podem abrir o portal da fantasia.

– Espere um minuto!... – Francesca não consegue ver aonde estava aquele portal que o seu pai falava – Eu quero que o senhor me mostre aonde está o portal... Pois eu acho que o senhor é o único que está vendo.

– Tá vendo meu neto... É por isso que a maioria dos adultos não consegue mais enxergar a fantasia... – seu pai não sabe como indicar aquele caminho que já era muito nítido para ele entre a floresta – Porque eles não sabem mais como é ser uma criança. Não está vendo Francesquita?... Está bem aqui!... – olha para aquelas duas árvores que tinham crescido entre o caminho de folhas caídas do outono – Não está vendo?...

– É claro que eu estou vendo um simples caminho de barro no meio da floresta... – olha atentamente para aquele mesmo ponto que o seu pai estava indicando, não conseguindo ver o que ele via – Mas o senhor não acha que se tivesse realmente um portal bem aqui... Alguém já não teria descoberto isso antes.

– As vezes não... – o senhor Enzo coloca o seu pé direito dentro do início daquele caminho, para ver se acontecia algo de estranho no solo – Porque na maioria das vezes as pessoas insistem em enxergar com a visão, deixando o coração totalmente de lado para poder imaginar. E isso é um erro gravíssimo...

– Exatamente minha filha... – concorda inteiramente com a colocação de seu marido à senhora Carmella – Porque de que adianta a visão, se o coração da imaginação não está disposto a ver também.

– Então meu neto... – seu avô lhe oferece a sua mão, para que ele pudesse ser o primeiro a entrar naquele caminho mágico – Será que você poderia nos conceder essa honra?...

– Mas é claro vovô!... – dá o seu primeiro passo dentro daquela trilha, sendo acompanhado por seu cachorrinho também – Seguirei até o final dessa trilha para ver aonde ela vai dar... – Arthurzinho começa a caminhar dentro daquela trilha, tomando muito cuidado para que nenhum galho de árvore lhe espalasse a cabeça – Até mais!...

– Tome cuidado Arthurzinho! Estaremos bem atrás de você!... – sua vó entra na mesma trilha que ele, vendo-o ser engolido pela fechada vegetação.

– Para quem se dizia ser um verdadeiro explorador do desconhecido... – Francesca retorna com suas piadas para cima de seu pai – Até que você é um medroso. Sabia disso?... Quer dizer então que você deixa o meu filho ir na frente? E se algo o machucar?... Quero muito saber por que você não foi primeiro?...

– Como disse antes... – o senhor Enzo para imediatamente de caminhar naquela trilha, para explicá-la mais uma vez – Eu não fui o primeiro... porque os portais só são abertos para

as crianças. E seu eu fosse, não encontraria nada além da natureza, se a minha teoria se comprovar é claro.

*

Arthurzinho começava a entrar cada vez mais fundo no coração daquela floresta – junto com o seu cachorrinho que o seguia também – guiando-se exclusivamente por aquele estreito caminho de outono – tendo que pisar em algumas folhas secas que lhe respondiam com muito barulho, por serem tratadas daquele jeito – onde alguns galhos retorcidos de árvores, insistiam muito para conseguir acariciar a cabeça dele ao passar.

“Aonde será que essa trilha vai dar? – se pergunta Arthurzinho, olhando um pouco preocupado para o seu cachorrinho, com medo que eles pudessem se perder naquela mata fechada – *Só espero que eles estejam fazendo a mesma trajetória que a gente Panqueca... –* Olha para trás para ver se conseguia vê-los – *Mas até agora nenhum sinal deles*”.

Mas de uma maneira muito inexplicável, conforme Arthurzinho foi avançando pela floresta, todo o pavor inicial que ele mantinha pelo desconhecido em seu coração, foi aos poucos, dando lugar para à coragem; que o fez ter força para continuar apreciando todo o encanto natural daquele lugar.

– Au!... Au!... Au! – do nada, Panqueca começa a latir, como se estivesse vendo alguma coisa que o seu dono ainda não tinha percebido naquela floresta fechada.

– O que foi Panqueca?... – Arthurzinho não consegue entender aquela reação de seu cachorrinho – Você viu alguma coisa? – olha com mais cuidado para frente.

– Au!... Au!... Au!... – Continua latindo o seu cachorrinho

Depois que o Arthurzinho teve tempo de analisar aquele caminho com mais cuidado, ele imediatamente entendeu porque o seu cachorrinho estava reagindo daquela maneira super estranha:

– Ué?... – Arthurzinho se assusta com o final daquela trilha – Não é possível?... Chegamos em um espaço em branco?... Não pode ser?... Caminhamos tanto para isso?... – fica totalmente irritado por ver apenas um fundo em branco ao final daquele caminho – Veja

isso aqui Panqueca!... Até as árvores dessa floresta terminam aqui também... – não consegue acreditar naquela ilusão que estava vendo – É como se toda a natureza dessa floresta terminasse no final dessa trilha... Como isso pode acontecer?... Parece impossível!

Mas Panqueca, o seu cachorrinho, começou à ter uma outra reação muito estranha, farejando mais alguma coisa no final daquela trilha, empurrando-o – contra à sua vontade – para dentro daquele fundo em branco, mesmo que aparentemente, não tivesse nada para que ele pudesse continuar.

– Mas o que foi agora Panqueca?... – pergunta Arthurzinho um pouco sem paciência para o seu cachorrinho – Não vai me dizer agora que você quer que eu continue andando?... Mesmo sabendo que não existe mais nada em minha frente?... – acha super estranho aquela reação de Panqueca.

– Au!... Au!... Au!... Au!... – Panqueca continua empurrando as pernas de seu dono, em direção ao espaço em branco.

– Para você estar me empurrando desse jeito... – Arthurzinho fica um pouco assustado por não conseguir ver nada que tranquilizasse o seu espírito em sua frente – É porque de fato deve existir alguma coisa que eu não estou conseguindo ver com os meus próprios olhos... – faz um voto de confiança naquilo que o seu cachorrinho está pressentindo – Não é?... Então...

Arthurzinho pega um pouco de fôlego, para dar o seu primeiro passo naquele espaço em branco, tentando demonstrar à sua coragem diante de seu cachorrinho, que o incentiva à tomar aquela iniciativa.

Porém, quando ele finalmente conseguiu colocar o seu pé direito dentro do nada, os dois companheiros de jornada foram instantaneamente sugados para dentro daquele lugar, como se estivessem sendo transportados para um outro universo bem distante daquele em que estavam.

*

A família de Arthurzinho tinha ficado um pouco para trás naquela mesma trilha. Mas Francesca estava totalmente apavorada de estar seguindo àquele caminho há algum tempo, sem ter encontrado nenhum tipo de resquício de seus dois filhos, que tinham ido na frente, para tentarem descobrir à magia que aquela floresta poderia proporcionar com a sua fantasia para eles.

– A minha vontade era de te estrangular... Sabia disso? – Francesca corre por aquela mesma trilha, temendo que pudesse ter acontecido alguma coisa com os seus dois filhos – O senhor é muito irresponsável mesmo... E eu ainda caí nessas suas historinhas de portais mágicos.

– Tenha calma minha Francesquita... – lhe segue pelo caminho, sendo acompanhado por sua esposa também – Eu duvido que tenha acontecido alguma coisa de ruim com o Arthurzinho. Você vai ver... Tudo é uma questão de tempo... Daqui a pouco iremos alcançá-los – seu pai fala com muita convicção, enquanto caminhava rapidamente por aquela trilha, tomando muito cuidado para que não fosse acertado por aqueles galhos retorcidos de árvores.

– Isso é o que vamos ver papai... – se apressa Francesca, na esperança que pudesse ver aonde aquela trilha na floresta terminava.

*

A Família Vittorio nunca poderia imaginar que algum dia teria que correr tanto daquele jeito, na esperança que pudesse reencontrar o grande elo que os unia em amor. Percorrendo aqueles longos minutos de eternidade, que imediatamente trouxeram respostas maternais para Francesca, que finalmente tinha se deparado com um par de botas de seu filho, que estava jogado no final daquela trilha.

– Está satisfeito agora pai?... – Francesca lhe mostra aquele par de botas de seu filho, chegando ao final daquela trilha – Tenho certeza que alguma coisa os pegou... – se convence daquilo ao olhar para baixo – Vejam só!... Às pegadas deles terminam bem aqui... Aonde eu estava com a cabeça de ter deixado eles irem na frente, sem a devida supervisão de um adulto... Isso é tudo culpa sua... – Francesca começa a chorar de forma ininterrupta, pensando que alguma coisa de ruim pudesse ter acontecido com os seus filhos.

– Agora não é hora para acusar ninguém minha filha... – tenta apaziguar aquele desespero inicial de sua filha, confortando-a – Vamos pensar com calma... Por onde eles poderiam ter ido?... – olha para aquele mesmo espaço em branco em sua frente, que o seu neto tinha passado há alguns minutos atrás, junto com o seu cachorrinho também.

– Não está óbvio!... – seu marido olha para onde toda aquela floresta terminava, como se já soubesse do paradeiro dos dois – Eles não foram levados por ninguém.

– Mas como o senhor pode ter tanta certeza assim?... – sua filha observa aquele espaço em branco, reparando que até mesmo as árvores terminavam naquele lugar – Olhe para esse

lugar aqui pai?... Tanto essa trilha como a floresta... Terminam bem aqui!... Não existe outro caminho adiante. O senhor não está vendo?... A única coisa que restou foi o nada.

– E foi exatamente esse nada que os levou... – responde aquilo de forma muito convicta para a sua filha – Acho que eles conseguiram meu amor... – se emociona com o feito heroico de seu neto, por ter tido a coragem de enfrentar o poder desconhecido daquela floresta – Finalmente o portal da Terra Encantada está aberto para qualquer pessoa que queira sonhar com a magia de sua imaginação.

– E lá vem o senhor de novo com uma outra história... – Francesca não admite mais aquelas palhaçadas saindo da boca de seu pai – Acho que precisamos voltar imediatamente para chamar ajuda. Não acham?...

– Desculpa filha! Mas eu quero muito continuar!... – sua mãe não aceita aquela ideia, ainda tentando assimilar todas aquelas novas informações em sua cabeça – Agora eu só regresso novamente com a minha família completa.

*

– Francesquita!... Me dê esse par de botas um instante... – pega das mãos de sua filha, tentando tomar alguma coragem para enfrentar aquele espaço em branco – Acho que o portal para a Terra Encantada começa bem aqui. Se puder me dar licença agora... Começarei a minha trajetória para o nada.

Conforme o senhor Enzo avança para dentro daquela espécie de portal em branco, seu corpo é fortemente puxado para aquela outra dimensão, que inevitavelmente também acaba levando os outros integrantes de sua família, para o mesmo universo encantado à ser explorado.

3. O VALE DAS TULIPAS COLORIDAS

– Aí!... – acaba se esborrachando no chão o senhor Enzo, ao chegar naquele novo destino – Onde viemos parar afinal?... – fica totalmente admirado com aquele novo lugar que estava repleto de tulipas por onde quer que olhasse – Isso aqui é simplesmente deslumbrante... Olhem para essas tulipas aqui!...

– É verdade meu amor... – sua esposa também se encanta com aquelas diversas colorações de tulipas em sua frente – Esses jardins estão muito bem cuidados... Mas olhem para esses moinhos... Não são as coisinhas mais lindas também?... – observa o vento bater neles de uma forma bem devagar.

– Muito bem notado minha querida... – desvia sua atenção daquelas tulipas, percebendo que o vento estava bem fraco naquela hora do dia – Esses moinhos trazem muita calma à alma. Não acham?...

– Deixem isso para depois... Por favor! – Francesca tenta chamar a atenção de seus pais novamente, como se não tivesse tempo para se encantar naquele momento – Ou será que vocês simplesmente se esqueceram do sumiço de Arthurzinho e de Panqueca?...

– Calma minha Francesquita... – seu pai começa a caminhar por aquele caminho de terra batida, tentando encontrar alguma pista à respeito do paradeiro dos dois – Eles não devem ter ido muito longe não... – volta a sua atenção para o chão, como se estivesse decifrando-o – Olhem para essas pegadas aqui!... Isso não parece ter alguma familiaridade para vocês?... Quem sabe eles não possam estar protegidos em algum chalé desses aqui...

– Essas pegadas parecem ser de Arthurzinho, enquanto essas patinhas aqui... – a senhora Carmella se lembra das mesmas marcas que o seu cachorrinho deixava em seu jardim de casa também – Não tenho dúvidas que são de Panqueca.

– Então vamos!... Estou com muito medo que alguém possa ter feito algum mal à eles – Francesca acompanha todas aquelas marcas na terra, tentando ver até onde iriam – Só espero que eles não tenham entrado em nenhum chalezinho desses aqui... – fica totalmente apavorada com aquela possibilidade – Pois sempre lhe aconselhei a não entrar na casa de estranhos.

– E você realmente acha que esse lugar possa ter algum tipo de maldade?... – Discorda completamente de sua filha, sem conseguir parar de apreciar aquele local – Olha quanta paz é transmitida para a gente aqui minha Francesquita...

*

Que lugar era aquele afinal?

Ninguém sabia ao certo responder aquela pergunta com muita precisão. Pois todos olhavam para aquelas belas tulipas coloridas, como se todas as cores daquelas flores, fossem retiradas diretamente de algum arco íris que tinha se formado no céu. Deixando à encargo do vento, a responsabilidade de guiá-los por entre aqueles moinhos, que teimavam em girar bem ao lado daqueles chalezinhos de madeira, que expeliam muita fumaça de suas chaminés, indicando que talvez pudesse ter “alguém” disposto à ajudá-los, naquele frio que começava a ganhar forma, com o início do pôr do sol.

— Esses chalezinhos são realmente muito encantadores... — a senhora Carmella observa aquela pequena vizinhança, apreciando aquelas construções aconchegantes de dois andares.

— Só espero que os meus filhos estejam seguros em algum chalezinho desses aqui... — Francesca continua a seguir aquelas pistas deixadas na terra batida — Esperem!... Acho que sei aonde eles podem ter ido. Vejam aqui!... — percebe a mudança de direção daqueles indícios — Acho que eles foram até aquele chalezinho ali... — indica a direção para os seus pais, enquanto continuava a olhar para aquelas pegadas.

— Pois então vamos até lá para nos certificar... — toma a frente de sua filha, a senhora Carmella, com medo que ela pudesse estragar tudo com o seu temperamento um pouco explosivo — Mas deixa que eu mesmo falo com os gnomos esta bem?...

— Sinta-se à vontade mãe... — Francesca reduz os seus passos, enquanto sua mãe começava a subir aquelas escadarias que ficavam na varanda daquele chalezinho — Acho que à primeira impressão é a que fica mesmo.

— É melhor vocês ficarem por aqui mesmo no jardim... — sua mãe lhe avisa da sacada da varanda, um pouco preocupada com a receptividade dos gnomos naquela hora do dia — Porque você sabe né meu amor... Eles costumam ser uma espécie muito difícil... Ainda mais se levarmos em conta o que já aconteceu na história.

— Como assim Pai?... — Francesca pergunta para o seu pai, ficando muito curiosa para saber o que tinha acontecido nas entrelinhas do passado — Me explique isso melhor!...

— Bem... Acho que tudo começou com a Primeira Guerra Mundial... Quando a espécie humana iniciou o seu projeto de destruição do planeta, usando todas aquelas armas e bombas que infelizmente... — seu pai começa a se emocionar, ao relembrar daqueles terríveis momentos da história — toda a nossa família acabou presenciando na Itália.

– Mas o que isso tem haver com os gnomos?... – sua filha ainda não conseguia ligar os pontos daquilo tudo.

– Bom... Pelo que pude pesquisar hoje pela manhã... – começa a explicar para a sua filha, enquanto observava sua esposa ao longe, bater naquela porta arredondada, na esperança que alguém pudesse estar ali para atendê-los – Algumas lendas afirmam em dizer que os gnomos ficaram muito aborrecidos com a espécie humana por causa disso, e desde então, suas aparições foram se escasseando, se transformando em algo muito raro de se ver, por causa das duas grandes guerras que trouxeram prejuízos irreparáveis para o habitat natural deles.

*

– Toc! Toc! Toc!... – bate suavemente na porta à senhora Carmella, dando alguns passos para trás, na expectativa que alguém pudesse atendê-la.

– Quem está me perturbando à uma hora dessas... – do outro lado da porta falava uma voz muito rouca e rabugenta – Posso saber?...

– Oi! Com licença... Desculpe eu estar te incomodando... – a senhora Carmella dá uma pequena tossida, tentando falar da forma mais agradável possível – Mas é que eu sou a avó do Arthurzinho e do Panqueca e a gente gostaria muito de saber se eles estão aqui nessa chalezinho com você. Porque viemos seguindo as pegadas deles até aqui.

– Mas é claro que os dois estão aqui comigo. Por quê?... – a voz rouca insistia em ficar de mau humor, evitando a todo custo recebê-los.

– Puxa que bom... – sente-se muito mais aliviada por ter conseguido finalmente achá-los – Agora sabemos que eles estão bem acolhidos com você.

– Gostei muito dos dois... Sabia?... – a voz rouca percebe o elogio e tenta ser um pouco mais agradável com a visita que estava em sua porta – São super inteligentes e criativos também. E eu gostaria muito de agradecer à senhora por ter contado algumas histórias a nosso respeito para eles antes de dormir. Isso para mim fez toda a diferença.

– Aaah!... – a senhora Carmella fica um pouco sem graça atrás daquela porta, como se jamais imaginasse que aquela cena algum dia, pudesse realmente acontecer – Muito obrigada!... É porque eu e meu marido sempre tivemos o hábito de exercitar a imaginação dos dois, lendo alguns contos de fadas para eles antes de dormir.

– Fizeram muito bem... – a voz rouca permanecia no mesmo local, ficando com um pouco de medo para abrir aquela bela porta arredondada de seu chalezinho – Porque dificilmente vemos alguma criança que saiba da existência dos gnomos hoje em dia. Também

não é para menos não é?... – Aquele gnomo torna a esbravejar a sua voz, como se tudo aquilo que tivesse acontecido com eles fosse culpa dela – Depois que o mundo foi inteiramente devastado, por causa daquelas malditas guerras que destruíram todas as nossas florestas, nós acabamos nos recolhendo definitivamente da espécie humana. Mas infelizmente... Às vezes ainda conseguimos ser vistos por vocês.

– Mas você não está arrependido de ter conhecido o meu neto e o seu cachorrinho ou está?... – a senhora Carmella fica sem entender se os gnomos realmente gostavam de crianças, depois daquilo que ela escutou.

– Mas é claro que não!... – o gnomo muda a entonação de sua voz – Sempre preferimos aparecer para as crianças que ainda estão livres da maldade do mundo do que para os adultos, que já estão todos corrompidos.

– Me desculpe! Mas... Nem todos os adultos se deixam corromper pela idade... – fica um pouco nervosa ao olhar para o restante de sua família, que permanecia no jardim da frente à sua espera – Veja o caso de nossa família, por exemplo, nós sempre tivemos o hábito de ensinar a bondade através da leitura dos contos de fadas para a nossa descendência. Então...

– Uhum!... Entendo que vocês são uma exceção bem rara de se ver hoje, mas ainda temos muitos preconceitos formados em relação à espécie humana – aquela voz rouca defende a sua posição, não estando muito aberto ao diálogo entre as raças como a sua visitante estava – Me Compreende?...

– Me perdoe se eu estiver errada, mas... Os gnomos não podem rotular toda a espécie humana, só porque tiveram algumas experiências ruins com parte dela... – argumenta sabiamente à senhora Carmella, deixando um pouco mais pensativa, aquela voz rouca que estava atrás da porta – Tudo bem... Eu entendo a raiva que vocês sentem da gente, mas pelo menos conseguimos reconstruir tudo novamente.

– Como à senhora se atreve a falar uma asneira dessas?... – a voz retorna a ficar muito furiosa – Será que vocês não aprenderam nada com as duas grandes guerras?... Vocês podem até terem conseguido reconstruir tudo, mas e quanto à gente?... A natureza tem um tempo totalmente diferente para se recompor, minha senhora. Não é igual a todas aquelas construções arquitetônicas que o homem se encarrega de fazer. Viu?... Nós perdemos o nosso habitat natural, por causa daquelas malditas bombas que foram jogadas no solo fértil de nossas florestas, deixando-as inférteis.

– Mas vocês acham o quê?... Que a gente também não sofreu perdas inestimáveis na guerra é?... – se irrita com aquela criaturinha bem desaforada que estava atrás daquela porta – Pois me escute agora senhor Gnomo... Somente os meus pais sobreviveram as duas grandes

guerras mundiais. E foi exatamente por esse fator, é que decidimos fugir para o Brasil de navio na época. Abandonamos tudo... – esbraveja por trás daquela porta a Senhora Carmella, notando que a sua filha já estava bem ao seu lado, tentando lhe acalmar um pouco – Nem um grão de terra de nossa adorada Pátria, nós conseguimos levar na mala, então... Não me venha dizer que os seres humanos não entendem à dor de um sofrimento, pois entendemos tanto, que não tem um dia em que não nos lembramos do país que abandonamos.

*

Não se escutou mais nada durante alguns minutos. Mas logo a resposta veio através daquela porta arredondada de madeira, que aos poucos, começava a se destrancar.

– Chuckak!... Chuckak!... Chuckak!... Chuckak!

– Me perdoe senhora!... – o gnomo termina de abrir a sua porta, um pouco arrependido por tê-la tratada daquele jeito hostil – Mas eu não sabia que à família de vocês tinham passado pelas duas grandes guerras também... – faz uma pequena reverência a ela, sendo um pouco mais cortes – Por isso... Espero que à senhora consiga aceitar os meus pedidos de desculpas.

– Desculpas aceitas!... – a senhora Carmella se abaixa um pouco para apertar aquelas mãozinhas bem pequeninhas — Mas agora eu quero saber qual é o seu nome?...

– Meu nome é Durban minha senhora... – lhe cumprimenta com as mãos cruzadas aos punhos, como se aquilo fosse um hábito de todos os gnomos daquela região – E quais são os nomes de vocês?... – observa aquele senhor subir as escadas de seu chalezinho.

– Prazer!... Meu nome é Carmella... – sorri para ele de forma muito amorosa, com receio que a sua filha não o tratasse com a cordialidade necessária para aquela ocasião – E esses aqui são...

– Oi!... Meu nome é Francesca, e eu sou a filha dela – cumprimenta-o sem muita gentileza, querendo logo avistar os seus dois filhos brincando lá dentro.

– E eu me chamo Enzo Vittorio, e sou casado com essa bela mulher aqui... – chega bem perto de Carmella, lhe dando um belo beijo em seu rosto.

– Prazer em conhecê-los!... – se esforça para cumprimentá-los na ponta de seus pés, ao mesmo tempo em que também se certificava para ver se não tinha mais ninguém para entrar em seu chalezinho – Podem entrar... Fiquem à vontade.

Durban era um gnomo bem rechonchudo de barbas brancas, que fazia questão de usar em sua cabeça, um chapéu bem pontiagudo da cor vermelha, que contrastava perfeitamente com a sua camisa de lá azul, que preferia colocar para dentro de suas calças esverdeadas – sendo presas por um cinto de couro alaranjado – que deixava em evidência, toda a protuberância de sua barriga de cerveja. Enquanto que em seus pés, usava botas acinzentadas bem peludas, que mais pareciam ter sido feitas com pele de animal.

– Bem vindos ao meu chalezinho!... – pronuncia aquelas palavras cheio de orgulho, o gnomo Durban, levando-os imediatamente para a sua sala de estar, para que pudessem se acomodar melhor.

Entrando por aquele chalezinho de madeira, a Família Vittorio acabou se surpreendendo com aquela incrível sala de estar. Não deixando de reparar naquela suntuosa lareira que estava no lado esquerdo – já queimando algumas lenhas para manter aquele ambiente um pouco mais aquecido – Sem contar com aqueles magníficos móveis de madeira, que aparentemente poderiam ter sido projetados artesanalmente, por alguma espécie de gnomo que ainda era desconhecida pelos visitantes. Formando um ambiente muito moderno, mas ao mesmo tempo, também conseguindo manter uma aparência um pouco mais rústica, aos olhos de quem chegasse.

– Nossa!... Mas que lugar admirável... – olha ao redor de todo aquele ambiente, o senhor Enzo, completamente encantado com o que via ali – Você tem muito bom gosto sabia disso?...

– Ah! Muito obrigado por suas palavras, meu senhor. Receber elogios é sempre bom... – lhe agradece gentilmente o gnomo, percebendo que o garotinho e seu cachorrinho não estavam mais naquele local – Mas vale ressaltar... – olha de uma forma muito orgulhosa para cada detalhe que tinha sido feito em sala – Que fiz tudo isso aqui sozinho...

– Desculpa senhor Durban... – Francesca não consegue ficar admirando aquele local por muito tempo sem a presença de seus dois filhos – Mas aonde eles estão?...

– Não está vendo minha filha?... – sua mãe tenta chamar a sua atenção, olhando para aquelas pegadas que estavam no piso de madeira – Eu acho que eles foram lá para fora.

– Não se preocupem! Eles devem estar brincando entre os vinhedos do quintal – o gnomo começa a seguir todas aquelas pegadas deixadas em sua sala de estar, não se preocupando muito em limpá-las.

– Não vai me dizer que você faz plantação de uvas em seu quintal?... – Lembra de sua adega o senhor Enzo, deixando em evidência os seus gostos pessoais.

– Faço sim! Por quê?... Por acaso o senhor também aprecia vinho? – pergunta à ele o gnomo, conseguindo pressentir um gosto em comum com aquele senhor.

– E se aprecio meu amigo!... – sua boca começa logo à salivar, ficando muito curioso para saber como é o processo de fabricação naquele universo – Eu gosto tanto dessa bebida... Que acabei fazendo uma adega de vinhos em casa.

– Mas aqui a fabricação é um pouco diferente... – Começa a explicar à ele, o gnomo Durban, enquanto os levava por aquele corredor que dava para o quintal – Porque fazemos o vinho de maneira totalmente artesanal... Adicionando muito mel em sua composição final. Fica uma delícia... – aperta uma de suas orelhas, o gnomo, como se estivesse comprovando o que estava falando – O senhor nunca experimentou?...

– Infelizmente ainda não tive o privilégio... – enfatiza o senhor Enzo, ficando muito curioso para saber mais à respeito daquela fabricação artesanal – Porque em nosso universo só costumamos usar o álcool para a fabricação dos vinhos, então... Acredito que o gosto deva ser completamente diferente do que estamos acostumados em provar. Ou estou errado?...

– O gosto é realmente muito diferente meu senhor... – o gnomo tenta se lembrar da última vez que degustou uma taça de vinho com álcool – Porque a gente acredita que o mel realça mais o gosto natural da uva em nosso paladar do que o álcool. Se o senhor quiser depois...

– Mas é Claro!... – antes mesmo que o gnomo pudesse completar a sua fala, o senhor Enzo imediatamente aceita aquela possível proposta – Eu ficaria extremamente honrado em poder experimentá-lo.

– Será um enorme prazer... – chega ao final do corredor, o gnomo, abrindo a porta que dava para o seu quintal – Agora vamos ver se eles estão aqui... – olha para fora tentando avistá-los.

– Já os vi!... – Francesca sai por aquele corredor, trombando desajeitadamente em seu pai ao passar – Eles estão ali!... – corre na direção dos dois, na esperança que nenhum tenha se machucado em sua ausência – Arthurzinhooooo!... Panquecaaaaa!... Mamãe chegou meus amores!

Entre aqueles enormes vinhedos estavam seus dois filhos, correndo de um lado para o outro – como se não houvesse o amanhã – pisando em alguns cachos de uva que já estavam

no chão – só que agora a sujeira da lama se misturava com aquela coloração roxa das uvas – que estavam prontas para serem colhidos quando houvesse uma melhor oportunidade.

Mas o que mais chamava a atenção não era isso, e sim, o encontro verdadeiro daquele amor inexplicável, que somente uma mãe poderia sentir por seus filhos.

– O tesouro da vida é o amor de uma mãe por seus filhos... – reflete sobre aquilo o gnomo Durban, ainda um pouco emocionado por ter visto aquela cena em seu quintal, relembrando da união de sua família também – Não concordam comigo?...

– Mas é claro!... – o senhor Enzo olha para a expressão de felicidade de sua filha, enquanto ela conferia o estado físico de seus netos – Ter alguém para nos proteger da maldade do mundo, enquanto ainda somos pequeninos, é uma dádiva. Não acha querida?...

– Sim meu amor... – relembra da emoção inexplicável que sentiu quando teve a sua filha no hospital – Gerar uma vida é uma arte que amamentamos à vida inteira. Não tem fim... E só quem é mãe pode entender essa loucura eterna que o amor gera em nós.

*

– Mamãe!... Mamãe!... – Corre em sua direção Arthurzinho, sendo acompanhado por seu cachorrinho logo atrás também – Eu sabia que vocês iriam achar o caminho de casa.

– Eu iria até os confins da terra para procurar vocês se fosse preciso meu amor... – lhes abraça fortemente, Francesca, não se importando com aquelas lambidas de felicidade em seu rosto – Como você está Panqueca?... Pelo visto você comeu algumas uvas por aqui... Não foi?...

– Mamãe!... Você não vai acreditar... – Arthurzinho observa à floresta que ficava atrás daqueles vinhedos, tentando se desvencilhar do abraço forte de sua mãe – Mas nós vimos quatro unicórnios na floresta enquanto estávamos brincando por aqui. Isso não é incrível?... Nunca imaginei que pudessem existir esses cavalos com chifres de verdade... – fica muito fascinado com aqueles belos animais que tinha visto no quintal.

– Vem cá meu garoto!... – Panqueca corre na direção de seu avô, enquanto ele lhe esperava de braços abertos – Quer dizer que vocês estão se divertindo à beça por aqui?...

– E como vovô!... – Arthurzinho abraça os seus quadris com muita força, enquanto sua avó se aproximava dele também – Vocês precisavam estar aqui para ver esses unicórnios... Eles eram lindos!... Cada um era de uma cor diferente... o primeiro era branco... O segundo era azul... o terceiro era vermelho e... o último era marrom.

– Puxa vida!... Quanta sorte você teve meu neto... – se surpreende com aquela notícia o seu avô, tentando ver se via aquelas belas criaturas mitológicas também – Pois sempre quis ver um quando tinha a sua idade também, mas o universo nunca me privilegiou com essa dádiva.

– Não se preocupem com esses unicórnios... – lhes comunica o gnomo Durban, verificando a saúde de seus amados vinhedos, enquanto temia que a mãe daquele garotinho pudesse ficar com medo daqueles animais – Eles sempre tiveram o hábito de vir até os meus vinhedos com a intenção de pegar alguns cachos de uvas que caem no chão.

– Aproveitando a oportunidade... Será que eu poderia provar um cacho de uva também? – se aproxima daquele vinhedo do quintal, o senhor Enzo, começando a imaginar o gosto daquela fruta em sua boca.

– Faça as honras... – o gnomo gentilmente lhe indica um cacho de uva que aparentava estar bem maduro – Essas aqui devem estar muito apetitosas... Experimente, por favor... – lhe entrega aquelas belas uvas roxas, depois de ter se esforçado para alcançá-las.

Ao colocá-las em sua boca, o senhor Enzo se surpreende com toda aquela acidez doce que ficava cada vez mais forte em seu paladar, na medida em que ele ia mastigando as sementes daquela fruta.

– Minha nossa!... Essas uvas estão uma delícia... – fica com receio de engoli-las, o senhor Enzo, temendo que todo aquele sabor pudesse se dissolver em sua boca – De longe é a melhor uva que eu já provei em toda a minha vida.

– Obrigado pelo elogio meu senhor... – o gnomo faz uma pequena reverência em sinal de agradecimento – Mas alguém quer experimentar?...

– Se o meu marido disse que é bom... – se aproxima daquele mesmo vinhedo a senhora Carmella, pegando outro cacho de uva que estava nas mãozinhas daquele gnomo – É porque suas uvas devem ser as melhores mesmo.

– Meu Deus do Céu!... – se assusta Francesca, ao colocar aquelas uvas em sua boca – São simplesmente deliciosas... Você está de Parabéns! Viu?...

– Eu mal posso esperar para provar o vinho artesanal que vocês fabricam com mel – fica na expectativa o senhor Enzo, tentando imaginar em seu paladar o gosto único daquela bebida.

– Pois que assim seja... Que tal se voltássemos lá para dentro? – propõe à eles o gnomo Durban, já percebendo a presença da lua iluminando o seu quintal.

– Acho uma ótima idéia! Pois já está escurecendo – lhes alerta Francesca, com um pouco de medo de ficar ali naquele quintal ao anoitecer.

– Pois então venham todos... – começa a se dirigir para dentro do seu chalezinho o gnomo Durban – Porque a partir de agora... Vocês são meus convidados especiais para passar essa noite aqui comigo.

– Passar à noite aqui?... – Francesca não entende aquela proposta do gnomo, demonstrando sua preocupação com a probabilidade de ter que passar à noite em um lugar totalmente desconhecido – Mas será que não podemos ir para a casa agora?...

– Bem... Digamos que não é aconselhável andar pela floresta à noite... Vocês podem muito bem se perder no caminho de volta para a casa – tenta convencê-los o gnomo Durban, olhando para a mesma floresta que saíram aqueles quatro unicórnios coloridos de seu quintal.

– O senhor Durban tem toda a razão minha filha... – Olha para aquele céu cheio de constelações no céu, a senhora Carmella, não querendo em hipótese nenhuma se arriscar por dentro daquelas florestas negras à uma hora daquelas – Já que ele está nos oferecendo abrigo... É preferível passarmos essa noite aqui para que amanhã bem cedo, possamos voltar todos para casa. Não acham?...

– Concordo com a sua mãe Francesquita... – tenta esconder sua felicidade o senhor Enzo, mal podendo acreditar que irá dormir pela primeira vez na casa de um gnomo da montanha – É preferível não nos arriscarmos por essas florestas à noite.

– Mas aonde iremos dormir se temos tamanhos diferentes? – se intriga com aquilo Francesca, já imaginando que terá que dormir no chão naquele frio.

– Eu não vejo nenhum problema nisso minha senhora... – fica despreocupado com aquilo o gnomo Durban – Vocês terão que confiar no poder da magia... Prometo que dará tudo certo. Aqui onde nós moramos é muito seguro, e nada vai acontecer com vocês. Dou minha palavra de gnomo em relação a isso – fala aquelas palavras confiantes ao passar pelo seu corredor, já imaginando o que terá que fazer para solucionar aquele pequeno probleminha de última hora.

– Sua casa vai ficar um pouco suja meu amigo... – lhe comunica o senhor Enzo, antes de entrar por aquele corredor do chalezinho novamente – Porque agora os nossos calçados estão sujos de terra úmida.

– Podem entrar sem medo... – os motiva à entrar, o gnomo Durban, já pensando em algum truque para limpá-los.

– Plack!... Plack!... Plack!... Plack!... Plack!... – ao bater as suas mãozinhas uma nas outras, o gnomo Durban imediatamente consegue limpar todos aqueles calçados, antes que eles pudessem entrar pelo seu corredor, inclusive as patinhas de Panqueca também – Prontinho!... Acho que agora vocês estão limpos...

– Mas e as marcas que nós deixamos nessas tábuas de madeira também? – o senhor Enzo observa todas aquelas marcas de terra que sua família tinha deixado ao passar.

– Vou fazer a mesma coisa também... – o gnomo faz os mesmos barulhos com as suas mãos, observando todas aquelas marcas saindo do chão, na medida em que ele ia se aproximando de sua sala de estar, para receber os seus convidados ao anoitecer – Plack!... Plack!... Plack!... Plack!...

– Olhe as minhas botas como estão limpinhas vovó... – Arthurzinho entra por aquele corredor sem perceber que tinha feito um belo de um estrago antes de ir para o quintal brincar com o seu cachorrinho – Não é incrível?...

– Acredito que esses gnomos da montanha são capazes de fazer muito mais coisas do que se queremos somos capazes de imaginar – surpreende-se com aquilo à senhora Carmella, vendo que até as patinhas de Panqueca estavam bem limpinhas também.

*

– Estão todos aqui?... – Olha ao redor de sua sala para se certificar de que não faltava ninguém ali – Pois bem...

– Plin!... Plon!... Plen!... Plin!... Plun!... Plan!... – o gnomo faz aquele estranho barulho com a sua boca, enquanto aos poucos, ia desaparecendo por dentro de seu chalezinho, todos aqueles rastros de terra que os seus convidados tinham deixado pelo caminho.

– Agora só faltam as acomodações de vocês... – o gnomo Durban Coloca as suas mãozinhas no queixo, como se estivesse pensando no que iria fazer para resolver aquele pequeno probleminha – Já vou resolver isso... Esperem um pouco...

Naquele momento, todos ficaram bastante confusos com aquela estranha reação. Mas quando o gnomo das montanhas resolveu fechar os seus olhos por alguns minutos – e logo em seguida, tornou à abri-los – sua sala foi inexplicavelmente preenchida por duas camas enormes de casais, que acabou surpreendendo todas as expectativas da família Vittorio.

– O que vocês acham?... – Lhes pergunta o gnomo, se sentindo muito orgulhoso com o que tinha acabado de imaginar – Acredito que com essas camas de casal, todos irão ficar bem acomodados essa noite aqui pelo menos. E reparem que eu ainda escolhi essas cobertas com pelo de carneiro... – observam aqueles cobertores bem branquinhos que estavam bem em cima daquelas camas de casal – Que acredito... que esquentam muito mais nesse frio cortante da serra. Está bom assim?...

– Se está bom?... – começa a rir o senhor Enzo, ao ver aquelas belas camas de casal que tinham aparecido do nada naquela sala de estar – Você só pode estar brincando com a gente... Aposto que é bem melhor do que sequer imaginávamos.

– Que bom!... Isso é sinal de que estou servindo bem os meus convidados essa noite – abre um belo sorriso ao redor de sua barba branca, o gnomo Durban, demonstrando toda a pureza de seu coração.

– Acho que nunca vou ter palavras para te agradecer quanto a isso... – Francesca se aproxima daquele gnomo, ainda ficando um pouco sem jeito por ter lhe tratado de forma tão rude no início – Mas mesmo assim... Muuuuitooooo!... Mais muito obrigada mesmo por você ter cuidado de meus filhos na minha ausência. Viu?... Não era a sua obrigação... E eu sei muito bem disso... Mas mesmo assim você abriu o seu chalezinho para recebê-los. Mas já imaginou se você não tivesse aberto?... Aonde eles poderiam estar à uma hora dessas agora?...

– Imaginaaaa!... – sente a força daquele abraço em volta da sua cintura, o gnomo Durban, temendo que aquela mulher pudesse lhe quebrar algum osso – Não iríamos deixá-los desamparados aqui na Terra Encantada. Se não fosse eu... Com toda a certeza outros gnomos da montanha iriam recebê-los. Pode apostar que iam...

– Ainda tenho as minhas dúvidas quanto à isso... – não se convence daquilo, a senhorita Francesca, ainda pensando na maneira ríspida em que tinha sido tratada naquele lugar, só porque era da espécie humana – Mas quem sou eu para julgar os gnomos desse lugar.

– Agora se me permitem... – tenta disfarçar o gnomo Durban, sentindo todo aquele aroma agradável que estava vindo de sua cozinha – Eu gostaria muito de pedir à ajuda de vocês... Se não for incomodá-los é claro...

– Mas de maneira nenhuma!... – se prontifica logo a ajudá-lo o senhor Enzo – O que poderemos fazer por você essa noite?... – olha para aquelas belas camas de casal que estavam naquela sala de estar, querendo muito retribuir o favor

– Quem poderia me ajudar à trazer algumas coisas que fiz na cozinha? – Lhes pergunta Durban, temendo que a quantidade de pães e bolos não fosse dar para o acaso daquela última refeição antes do anoitecer.

– Eu posso!... – se candidata a senhora Carmella, levantando sua mão de modo confiante – Vou te ajudar com o que precisar. Viu?...

– Eu também! – Francesca também faz o mesmo movimento que sua mãe.

– Ótimo então!... Irei colocar tudo aqui nessa mesa da sala... Espero que todos gostem do que eu preparei... Fiz tudo com muito amor e carinho... Agora se me dão licença... – começa a caminhar em direção a cozinha, o gnomo Durban, calculando se a extensão daquela mesa comportará toda à comida que fez.

– Esperem um pouco!... – Tenta chamar a sua atenção o senhor Enzo, querendo muito ser útil naquela refeição da noite também – E quanto à nós?... – olha para os seus dois netos que tinham ficado na sala, sem ter o que fazer – De que maneira podemos servi-lo?...

– Que tal se vocês me ajudassem com as garrafas de vinho?... – Propõe aquilo para eles, o gnomo Durban, notando toda aquela expressão de satisfação daquele senhor ao escutar aquilo.

– Seria um enorme prazer meu amigo... – mal consegue acreditar naquele pedido o senhor Enzo, ao entrar pela cozinha adentro, sendo acompanhado por seus dois netos que já começavam a xeretar o novo ambiente para possíveis brincadeiras.

Para o espanto da família Vittorio, a cozinha de Durban parecia ser um ambiente totalmente artístico para o preparo das refeições – ao perceberem logo quando entraram – uma bela bancada de mármore ao centro – que continha alguns pães de queijo que estavam esfriando junto com aquelas enormes baguetes que tinham acabado de sair do fogão à lenha também – enquanto que em baixo daquelas enormes janelas de vidro – que mostravam os magníficos vinhedos no quintal acompanhados pela brisa da floresta – se via nitidamente um bolo de laranja, outro de cenoura e por fim, uma bela torta alemã – que já identificava à origem cultural daquele gnomo da montanha – que estranhamente também gostava de beber vinho – por causa daqueles armários envidraçados de madeira, que mostravam todo o seu gosto pessoal por aquela bebida – ao invés da cerveja – que não poderia em hipótese nenhuma, ser mantida deitada naquelas paredes laterais, deixando transparecer todas aquelas rolhas de garrafas que alertavam já ter alguns séculos de existência.

– Mas que banquete!... – se surpreende com a quantidade de coisas que tinha naquela cozinha, a senhora Carmella – Foi você que fez isso tudo sozinho?...

– Foi sim senhora!... – Responde de forma entusiasmada o gnomo Durban, já colocando as mãos em alguns pães de queijo para ver se já estavam frios – Eu sei que é muita coisa, mas eu sempre tive o hábito de fazer mais que o necessário, se a senhora me entende é claro... – olha para a sua própria barriga, como se aquela quantidade já respondesse o motivo dele estar um pouco barrigudinho – Quem poderia levar para mim esses bolos de cenoura e laranja para a sala de estar? – olha em volta da sua cozinha para ver quem se candidataria.

– Pode deixar que eu mesmo levo... – se candidata Francesca, se aproximando da pia da cozinha – Aonde estão as luvas?... – pergunta para o gnomo, enquanto colocava suavemente suas mãos naquelas formas onde estavam os bolos, para se certificar de que não estavam muito quentes.

– Estão dependuradas nesses armários do alto – avisa à ela o gnomo, enquanto cortava as baguetes em vários pedaços com a sua faca – Conseguiu achar?...

– Ahhhh!... Muito obrigada Durban! – Francesca fica um pouco sem graça por não ter conseguido vê-las antes.

– Quem vai se encarregar de levar essa deliciosa Torta Alemã? – Torna a perguntar para os seus convidados, o gnomo Durban, enquanto colocava as suas baguetes cortadas em um belo cesto artesanal.

– Eu fico encarregada disso! – Levanta à sua mão, a senhora Carmella, demonstrando o seu gosto pessoal por aquela torta, mesmo sendo italiana.

– E esses pães de queijo?... – Termina de colocá-los ainda quentes naquela cesta.

– Eu! Eu! Eu!... – se oferece Arthurzinho, ao ver aqueles enormes pães de queijo que pareciam que à qualquer momento iriam pular daquela cesta – Obaaaaa!...

– Cuidado para não queimar suas mãos meu amiguinho – lhe oferece um pequeno pano de prato para que ele colocasse por baixo daquela cesta, para que assim, pudesse transportá-la em segurança até à sala.

– Pode deixar!... – Arthurzinho começa a levar aquela cesta lotada de pães de queijo até a sala, enquanto o seu cachorrinho ficava esperando à sua vez para poder ajudar também.

– Agora vamos ver... – olha rapidamente em volta de sua cozinha, o gnomo Durban, para ver quem tinha sobrado para lhe ajudar – Ah Sim!... Acho que já sei o que o senhor vai querer levar... – Começa a subir aquelas pequenas escadarias de madeira, que davam acesso aos armários embutidos lá no alto da cozinha – Essas duas garrafas de vinho tinto de minha própria safra. Estou Certo disso?...

– Mas é claro!... – Segura com todo o cuidado do mundo aquelas duas garrafas de vinho, o senhor Enzo, como se estivesse segurando taças de diamante – Irei levar com todo o meu prazer.

– E quanto a você?... – Durban começa a descer aquelas escadarias, pensando se aquele cachorrinho poderia lhe ajudar em alguma coisa também – Quer levar essa cesta de pães para mim?...

– Au!... Au!... Au!... Au!... – responde Panqueca abanando rapidamente o seu rabinho, como se entendesse perfeitamente o que aquele gnomo estava lhe pedindo para fazer.

– Acho que isso foi um sim... Não foi?... – sorri para o cachorrinho, o gnomo Durban, dando-lhe um pequeno carinho em sua cabeça, ao oferecer a alça daquela cesta para que ele pudesse levar até a sua sala, com a ajuda de seus dentes – Bom garoto!... Bem... – dá uma última olhada na cozinha, para ver o que poderia estar faltando para levar – O que sobrou?... Ahhhh Sim!... Vou levar o chá, o leite e o café também.

*

– Deu na medida!... – Francesca coloca as formas dos bolos de cenoura e laranja em cima daquela mesa da sala com todo o cuidado possível – Se essa mesa fosse um pouquinho menor... Acho que não caberia tudo.

– Agora só estão faltando os pratos e os talheres... – avisa ao gnomo Durban, a senhora Carmella, indo imediatamente lhe ajudar com todas aquelas garrafas térmicas que estava trazendo até a sua sala – Aonde você costuma colocá-los?...

– Ohhh Sim!... Venha comigo minha senhora... – Dá uma última ajeitada nas coisas que já estavam na mesa, o gnomo Durban, antes que pudesse voltar para a sua cozinha – Me ajude à pegá-los, por favor... Sim?...

– Eu vou com a senhora mãe! – Se oferece mais uma vez Francesca, tentando acompanhá-los até a cozinha novamente – Me esperem aqui um instante...

*

De uma forma um pouco inesperada, quando o gnomo Durban chegou a sua cozinha para pegar o que estava faltando naquelas gavetas dos armários – que ficava embaixo das janelas que espreitavam os vinhedos de seu quintal – tanto a senhora Carmella, como a sua filha, ficaram totalmente espantadas quando ele começou a retirar toda aquela louça do jantar:

– Mas os seus pratos e talheres são de ouro?... – surpreende-se com aquilo a senhora Carmella, tendo que desviar imediatamente os seus olhos, para que aquele reflexo dourado não lhe incomodasse as vistas.

– Ahhh Simmm!... São de ouro puro!... – começa a lhes entregar o gnomo Durban, como se todos tivessem aqueles mesmos utensílios de cozinha em casa – Quando temos tempo vamos até as montanhas da floresta retirar esse material, para que assim, possamos fabricar essas ferramentas. São bonitas né?... – passa suas mãos por cimas daqueles desenhos laterais dos talheres, relembrando o trabalho que aquilo tinha dado para fazer – Fui eu mesmo que as moldei desse jeito. Cada um aqui no Vale das Tulipas Coloridas tem um jeito único de fabricá-las, mas o material é sempre o mesmo.

– Nossa!... São fabulosos... – diz Francesca ao se encantar em pegar todos aqueles talheres e pratos de ouro, que eram muito mais pesados do que aparentavam ser – Nunca vi nada parecido em toda a minha vida. Parabéns pelo Trabalho!...

– Muito obrigado por elogiar o meu amado trabalho minha senhora... – faz aquela conhecida reverência com o corpo, como se fosse uma espécie de hábito ou costume bem antigo daquela raça de gnomos da montanha.

– Pode deixar que eu pego o resto... – avisa à senhora Carmella ao gnomo Durban, voltando imediatamente para a cozinha, com a intenção de apanhar o restante da louça do jantar.

– Ohhh!... Quanta gentileza de sua parte – Sorri para ela o gnomo Durban, um pouco sem graça em ter que retornar para a sala com as mãos vazias.

*

– Quem aí está servido?... – adentra pela sala Francesca, mostrando aquele belo conjunto de louças que estava trazendo.

– Uauuuu mamãe!... Esses talheres e pratos são de ouro? – Lhe pergunta Arthurzinho, ao ver o brilho dourado que eles emitiam – São incríveis!...

– São sim!... Querem ver mais de perto?... – Francesca coloca as louças em cima da mesa do jantar, tomando muito cuidado para que ninguém as quebrasse – Durban acabou de me explicar que eles recolhem esse ouro das profundezas das montanhas em estado bruto, e logo na sequência, o aquecem até que consigam derretê-lo para fazer esses belos moldes que estamos vendendo aqui. O feitio é bem legal não acham?...

– Deixa eu ver essas belezuras aqui!... – Pega aquelas louças com muito cuidado o senhor Enzo, tentando sentir o peso de cada peça daquela. – Minha nossa!... São realmente muito mais pesadas do que se fossem feitas apenas em prata... – Acha magnífico todas aquelas formas artesanais produzidas por aquele simples gnomo – Isso deve ter dado um trabalho tremendo... Não?...

– Como tudo na vida meu senhor... – Durban coça a sua barba branca, tentando transmitir toda a sua experiência de vida – Ainda mais quando realizamos o nosso ofício com amor... Sabe?... Aí tentamos ultrapassar as nossas próprias limitações cotidianas para chegar o mais perto possível da eterna perfeição do universo, e isso... Acredito que é a melhor recompensa que alguém pode ter ao realizar o seu trabalho. Me entende?...

– Mas é claro! Totalmente... – comprehende perfeitamente o que aquele gnomo estava lhe dizendo, ao se lembrar de sua própria profissão também – Veja o meu caso, por exemplo...

– Recorda daqueles longos períodos que ficava longe de sua família, para estudar a cultura dos índios na Amazônia – sou antropólogo e simplesmente amo estudar diversas culturas diferentes, para ver como uma determinada sociedade pensa e se relaciona com o meio em que vive. E também não me vejo fazendo outra coisa na vida... – olha de relance para a sua esposa e sua filha, que passavam longos meses sem vê-lo – por mais que a minha família seja contra eu ficar longos períodos fora de casa. Fazer o que né?... Ninguém escapa de seus dons, porque sem ele, jamais conseguiremos fazer do mundo um lugar melhor.

– Acho que agora poderemos nos servir... – tenta mudar de assunto a senhora Carmella, com medo que sua filha começasse a brigar com o seu marido, por causa da ausência que ele sempre deixava em casa – Por mais que eu ache que esses utensílios de cozinha sejam verdadeiras obras de arte – expressa sua opinião a respeito, com um pouco de receio em ter que sujá-los, temendo que todo aquele brilho da louça pudesse ser ofuscado pela comida.

– Espero que tudo o que eu preparei esteja gostoso... Sirvam-se à vontade! – fica um pouco nervoso o gnomo Durban, com a aprovação de seus convidados – Enquanto isso... Acho melhor eu ir ligando à lareira, porque aqui costuma esfriar muito ao cair da noite.

*

Chegando à sua lareira, o gnomo Durban imediatamente começa a pegar alguns troncos de árvore – que tinha extraído junto com os seus amigos nas florestas de Petrópolis na noite passada – para que pudesse acender logo o fogo. Mas conforme a lareira ia se alimentando de

todos aqueles troncos de árvore, as opiniões ao fundo, acabavam se sobressaindo mais do que aquelas labaredas:

– Uhhmm!... Se delícia Francesca, ao provar os bolos de cenoura e o de laranja também

– Ainda não sei qual é o melhor ainda... Se é esse que acabei de experimentar ou se é o primeiro.

– nhac!... nhac!... nhac!... nhac!... – Mastiga aquelas baguetes em sua boca o senhor Enzo, não querendo em hipótese nenhuma, que aquele gosto terminasse em sua boca – Essa farinha está muito saborosa... Sem dúvida é o melhor pão que já comi em toda à minha vida.

– Vá com calma Arthurzinho!... – Orienta à sua mãe, ao perceber que ele já estava no segundo pedaço de torta alemã – Nossa família já tem histórico de diabetes, e eu não quero que você comece a desenvolver essa doença por desleixo... Me escutou bem?...

– Deixa ele minha filha... – tenta protegê-lo a senhora Carmella, ao ver a expressão de satisfação que o seu neto estava transmitindo ao saborear aquela torta – Só tome cuidado para não passar mal... Viu?...

– Uhhmmmm!... Poooodeeeee deixar vooooóooooó – Arthurzinho se atrapalha todo ao falar, por causa daquele enorme pedaço de torta alemã que tinha acabado de colocar em sua boca, ao mesmo tempo em que também olhava para aqueles enormes pães de queijo que estavam dentro daquela cesta artesanal.

– Acho que vou experimentar esses pães de queijo aqui... – se aproxima da mesa a senhora Carmella, já conseguindo sentir o aroma inconfundível do queijo ao forno – Mas o que é isso?... Está uma delícia esse pão de queijo... E olha que sou mais de comer doce, eih?... – olha de relance para aquela torta alemã, temendo que o seu neto pudesse comer tudo, sem que ela tivesse a chance de experimentá-la primeiro.

– O que acharam?... – volta para a sala o gnomo Durban, depois de ter ido acender à sua lareira – Alguma coisa que eu fiz ficou ruim?... O tempero ficou no ponto?... Aonde eu poderia ter melhorado?... – toma um susto ao observar todos os seus convidados degustando sua comida com os olhos fechados.

– Não sei dizer se tem como alguém cozinar melhor do que você – esclarece logo à ele Francesca, ao perceber a sua entrada na sala, indo imediatamente provar o bolo de laranja que estava em cima da mesa do jantar.

– Concordo plenamente com você minha Francesquita... – chega às mesmas conclusões o seu pai, ao terminar de provar aquela apetitosa torta alemã, que o seu neto estava simplesmente devorando em poucas mordidas.

– Pelo visto... Você é tão bom em fazer doces como salgados também... – termina de provar aquela deliciosa torta alemã, à senhora Carmella, depois que já tinha experimentado o seu pão de queijo também.

– Mas eu ainda quero provar um pouquinho de cada coisa... – avisa à todos Arthurzinho, enquanto ia em direção aquelas baguetes, mesmo sabendo que a sua barriga corria um grave risco de não aguentar mais tanta comida – E acho que o Panqueca também está nessa expectativa... – olha para o rabo de seu cachorrinho, que estava abanando rapidamente, como se ele estivesse pedindo um pouquinho de tudo que o seu dono estava experimentando naquela mesa também.

– Já que ninguém tem reclamações sobre a minha comida, peço licença para ir até a minha cozinha mais uma vez, para pegar as xícaras de café e do chá também... – Explica à todos o gnomo Durban, tentando se lembrar de mais alguma coisa que estava esquecendo.

– Estou muito ansioso para experimentar o seu vinho meu caro amigo... – Diz à ele o senhor Enzo, tentando fazê-lo lembrar das taças de vinho também – E se for tão bom como tudo o que provamos até agora... Finalizaremos essa refeição com chave de ouro – faz questão de lhe acompanhar pelos corredores, querendo ajudá-lo a trazer o que estava faltando para a mesa do jantar.

Retornando à cozinha, os dois se depararam com uma magnífica noite estrelada – que dava para ser vista através daquelas janelas centrais da pia – que realçava ainda mais o encanto daquelas uvas roxas, tendo como iluminação principal à lua cheia escarlate.

– Caramba!... – fica muito impressionado com a tonalidade daquela lua, o senhor Enzo, ao olhá-la pela janela com mais cuidado – É a primeira vez que vejo uma lua vermelha na vida... Como ela é bonita... – não consegue desgrudar a sua atenção daquela paisagem, que mais parecia uma pintura – É impressão minha ou os dias aqui costumam passar mais depressa?...

– Nunca parei para pensar sobre isso... – sobe aquelas escadinhas o gnomo Durban, com a intenção de pegar algumas taças de vinho que estavam no armário de madeira do alto – Mas agora que o senhor me perguntou... Acho que tem algumas diferenças bem significativas sim... Como por exemplo... Aqui na Terra Encantada... – olha mais uma vez para aquela lua vermelha, como se ela fosse a sua guia espiritual – Nós temos o hábito de nos guiar exclusivamente pelo sol e pela lua... Ao invés de utilizarmos o calendário, como costuma ser no mundo de vocês. Estou errado?...

– De maneira nenhuma!... – pega com muito cuidado aquelas taças de vinho da mão do gnomo – Ainda temos esse hábito sim... É por isso que andamos sempre correndo de um lado para o outro, porque temos que cumprir as nossas obrigações em anos, meses, dias, horas, minutos e até mesmo em segundos, muitas das vezes.

– Pois é... Nós nunca conseguimos entender isso no mundo de vocês... – desce daquelas escadinhas, o gnomo Durban, indo em direção aos armários de baixo da pia, para buscar as suas xícaras que estavam faltando na mesa do jantar – Para falar à verdade... Achamos isso tudo uma loucura. Por que você sabe como se vive aqui?... – olha para o rosto daquele senhor, que demonstrava não ter a mínima ideia de como era a vida naquele lugar – Bem... Para começar... Nós não costumamos lutar contra o tempo... Preferimos fazer os nossos afazeres diários, sendo abençoados pelo presente que a mãe natureza nos dá cotidianamente.

*

– Espero que vocês não tenham esperado muito tempo... – chega rapidamente em sua sala o gnomo Durban, já oferecendo aquelas xícaras aos seus convidados – Quem preferir pode misturar o café com leite também... Fica uma Delícia! – desatarraxa aquelas garrafas térmicas, com a intenção de servi-los.

– Mas de onde vem o leite daqui?... – Arthurzinho pega aquela xícara da mão de sua mãe, enquanto pensava em outros animais que também poderiam produzir o leite naquele lugar.

– Ahhh!... Retiramos de alguns búfalos que nós cuidamos... – por um instante o gnomo Durban tinha se esquecido de falar à origem de seus produtos aos seus convidados – Afinal de contas... Todos sabem que o leite desses animais é bem mais forte do que o de vaca... E inclusive, por causa de sua durabilidade, acaba durando muito mais tempo também... E até acredito que seja por essa razão, que a nossa colônia optou pelo uso desses animais por aqui.

– O gosto está muito saboroso... – experimenta o leite de búfalo a senhora Carmella, preferindo não misturar com o café – Mas para quem não está acostumado pode parecer muito forte também...

– Posso dar um pouco desse leite para o Panqueca mamãe? – Arthurzinho fica muito curioso para experimentar aquele leite, ao perceber a mesma reação de seu cachorrinho também.

– Com toda à certeza meu amor!... – Quase se engasga Francesca, ao ter experimentado um pouco também – Aproveite e pegue um prato da mesa para que o Panqueca também possa provar... Só tome cuidado porque é muuuuito... mais muuuuito forte mesmo.

– Espero que você não me leve à mal... Mas vou provar só um pouquinho do café, do leite e do chá... Está bem?... – explica para o gnomo, o senhor Enzo, querendo logo experimentar aquela bebida artesanal – Se é que o meu amigo me entende, é claro?...

– Faça da maneira que preferir meu senhor – sorri gentilmente para ele o gnomo Durban, enquanto começava à abrir aquelas duas garrafas de vinho na sua frente.

– Parabéns por tudo Durban!... – Lhe agradece Francesca, já tendo provado tudo na mesa – O chá e o café com leite também estavam uma delícia... Viu?...

– Está aqui a sua tão aguardada taça de vinho meu senhor... – oferece em suas mãos, o gnomo Durban, percebendo o brilho de seus olhos ao pegá-la – Só espero que o gosto agrade ao seu paladar.

– Pode ter certeza que o gosto vai me agradar muito – lhe responde de maneira totalmente confiante o senhor Enzo, ao pegar aquela taça das mãozinhas do gnomo, com todo o cuidado possível – fica na expectativa de experimentar logo aquela bebida feita com mel e sem nenhuma adição de álcool também.

Ao encostar os seus lábios naquela pequena taça de vinho, o senhor Enzo imediatamente começou a se emocionar – por ter se lembrado de sua infância na Itália enfrentando à fome e todas as outras adversidades que viriam com a guerra – mas não foi somente isso que o fez se emocionar, porque ele também tinha o hábito de recolher as uvas do vinhedo de sua família, fazendo daquele singelo trabalho no campo, algo totalmente gratificante de se fazer diante de uma sociedade que estava prestes à ser inteiramente destruída pelo poder da dominação.

*

– O que foi papai?... – Se preocupa com ele, Francesca, ao vê-lo chorar com aquela taça de vinho em suas mãos – O vinho está tão ruim assim?...

– Não é nada disso minha filha... – tenta consolar o seu marido, à senhora Carmella, lhe entregando um guardanapo que estava em cima da mesa – Se é o que estou pensando... Acho que esse vinho o fez lembrar da sua família na Itália... Quando ele ainda recolhia as uvas no vinhedo do quintal de casa, junto com os seus pais.

– Me perdoem!... Me perdoem!... Me perdoem!... – fica sem saber o que fazer o gnomo Durban, ao ver o seu convidado chorar – Se eu soubesse que isso iria acontecer... Não teria deixado ele experimentar esse vinho.

– Mas eu não estou chorando de tristeza... – Tenta se acalmar o senhor Enzo, para que a sua voz ficasse um pouco mais clara – Só que eu acabei lembrando do vinho que fazíamos na Itália com a minha família... Só Isso!

– Mas é por que então vovô?... – Arthurzinho não consegue entender aquelas lágrimas de alegria, ao perceber que o seu cachorrinho também estava preocupado.

– Ahhh meu filho!... – Enxuga as lágrimas de seu rosto, o senhor Enzo, enquanto colocava a sua taça de vinho em cima daquela mesa da sala, com todo o cuidado possível – Acredito que chorei por um tempo que não tem como voltar.... Quando fazíamos tudo pensando apenas na união da família, apreciando mais o tempo livre, e nos preocupando apenas com a nossa própria subsistência durante o dia e nada mais...

– Acho que sei exatamente de qual época o senhor está falando... – Resolve se sentar naquele tapete da sala, o gnomo Durban, como se quisesse compartilhar o seu passado com eles também – Se me recordo bem... A minha família morava na Floresta negra da Alemanha e vivíamos em completa harmonia com a espécie humana antes de explodir as duas grandes guerras mundiais também. Mas é claro que ainda tomávamos um certo cuidado para não sermos visto com tanta frequência por vocês assim.... Escondendo-nos naqueles campos ou até mesmo nas florestas se quiséssemos uma vida mais isolada, como a minha família preferiu, é claro... Bons tempos!... Me lembro como se fosse ontem... Colhíamos uvas em nosso campo e retirávamos o leite da cabra para consumo próprio também... Só tenho à agradecer por ter nascido naquela época... E por meus pais terem me ensinado à apreciar o nascer de um pôr do sol na terra.

– Espere um momento!... – Francesca fica um pouco perdida com tanta informação nova entrando em sua cabeça – Você está me dizendo que vocês não são daqui?... É isso?...

– É isso mesmo!... – Lhe responde orgulhosamente o gnomo Durban – Nós Viemos de vários lugares da Europa, mas minha família em específico veio da Alemanha.

– Mas que interessante!... – engole o choro o senhor Enzo, querendo voltar toda a sua atenção sentimental para aquela nova história que estava prestes à ser contada – Bem que eu já desconfiava à algum tempo... Mas ao mesmo tempo... Eu também pensava que talvez vocês já estivessem aqui desde a fundação da cidade de Petrópolis em 1843.

– Bem... – pensa rapidamente sobre aquilo o gnomo Durban, com medo que pudesse passar alguma informação errada aos seus convidados – Pelo que sei... Alguns vieram de

navio com os imigrantes alemães sim... Mas no meu caso foi um pouco diferente, porque a minha família só veio para o Brasil quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial em 1939.

– Vocês também vieram de navio?... – fica surpreso Arthurzinho, pois sabia que os seus avós também tinham vindo para o Brasil assim.

– Sim!... Sim!... E foi uma viagem muito difícil na época, sendo que... que... que... – seus olhos começam a se encher d'água, por lembrar daquilo – os meus pais infelizmente acabaram morrendo no caminho.

– Sentimos muitíssimo senhor Durban!... – Tenta lhe confortar à senhora Carmella, enquanto todos os outros também o abraçavam com todo o carinho e amor que era possível no momento.

– Não se preocupem!... – Termina de ser abraçado, o gnomo Durban, enquanto o calor humano da compaixão, ainda mantinha o seu pequenino corpo aquecido – Hoje eu já consigo lidar melhor com as minhas perdas... Os cabelos brancos precisam servir para alguma coisa não é mesmo?... – tenta quebrar um pouco aquele clima em sua sala de estar – Mas mesmo assim... Acredito que para a minha família, a gota d'água foi a Segunda Guerra Mundial, pois nós achávamos que com o fim da Primeira Grande Guerra, a Europa iria se reconstruir novamente, mas infelizmente... Não foi isso que aconteceu.

– E como era a vida de vocês na Alemanha?... – Tenta mudar um pouco de assunto, o senhor Enzo, querendo encontrar similaridades com a sua própria história.

– Bem... Não era muito diferente daqui não... Me lembro que cultivávamos as uvas junto com a cevada, para fazer à cerveja... Também tínhamos o hábito de extrair o leite da cabra, e por fim... – tentava puxar pela sua memória para ver se não se esquecia de mais nada – Fabricávamos o nosso pão artesanal para consumo próprio também – lembra com muito carinho daquele período de sua história, que carregava para sempre em seu coração – Só que à única diferença era que não tínhamos todas essas tulipas em nossos jardins, como aqui tem... Porque lá o solo não era propício para o cultivo dessas flores como aqui é.

– Mas você chegou a perder alguém de sua família na Primeira Guerra Mundial?... – Leva um pequeno beliscão em seu braço, o senhor Enzo, pois sua esposa não queria falar sobre aquelas feridas que ainda poderiam estar abertas no coração do gnomo.

– Graças à Mãe Terra Não!... – Respira um pouco mais aliviado, o gnomo Durban, como se já não bastasse ter perdido os seus pais naquele navio – Mas em compensação... – seus olhos voltam à lacrimejar, como se à natureza também fizesse parte de sua família – As nossas florestas sofreram perdas inestimáveis na época das duas Grandes Guerras. E ainda me lembro de pensar que com o fim da Primeira Guerra Mundial, tudo iria voltar a ser como

antes... – Reflete sobre a sua própria ingenuidade na época em que se estabeleceu aquela paz momentânea na Europa – Mas então... Tudo voltou a piorar em setembro de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, que acabou destruindo os nossos planos de reconstruir um mundo melhor na época.

– Então quer dizer que vocês só vieram para o Brasil em 1939?... – Toma coragem ao fazer aquela pergunta, à senhora Carmella, pensando nas mesmas dificuldades que teve que enfrentar para conseguir chegar de navio ao Brasil.

– Isso mesmo!... – confirma com a cabeça o gnomo Durban, tentando reavivar aquelas lembranças em sua memória mais uma vez.

– E como vocês vieram parar em Petrópolis?... – Lhe pergunta Francesca, começando a se interessar mais por aquela história também.

– Se me recordo bem... – tenta puxar pela sua cabeça todos os detalhes de sua jornada – Tudo começou naquela viagem que fizemos de navio da Alemanha para o Brasil, onde alguns alemães já estavam comentando no caminho, sobre uma cidade brasileira que se parecia em muitos aspectos com algumas cidades Europeias, por causa do clima. E assim, quando finalmente conseguimos atracar no porto do Rio de Janeiro, imediatamente percebemos que não iríamos suportar aquele calor excessivo da baixada, e logo, decidimos vir para cá o quanto antes, por ser mais frio e úmido também... O que para a nossa surpresa foi extremamente emocionante, porque quando chegamos aqui, descobrimos que até os nomes das ruas e bairros de Petrópolis, eram de origem alemã – lembra do alívio que sentiu ao pronunciar aquelas belas palavras familiares de sua terra natal – Sem contar que a geografia bastante montanhosa daqui, nos fazia pensar que estávamos em casa também. Mesmo sabendo que jamais seria igual. E assim... Aos poucos, fomos tentando transformar o novo lugar em um ambiente mais familiar de se estar.

– Conosco já foi um pouco diferente – entreolha para o seu marido, à senhora Carmella, como se suas histórias fossem muito semelhantes – Porque infelizmente perdemos muitas pessoas da nossa família já na Primeira Guerra Mundial, e assim como o povo de vocês, também achávamos que a Europa iria se recuperar depois daquela terrível tragédia... Mas não foi isso que aconteceu não é mesmo?... – tenta se lembrar de todos aqueles rostos que já não via à bastante tempo em sua vida.

– Mas ainda bem que a nossa família decidiu fugir da Europa quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial... Né minha querida?... – se aproxima de sua esposa, o senhor Enzo, tentando confortá-la mais uma vez – Já imaginou se os nossos pais tivessem ficado na Itália?... Talvez

ninguém estivesse aqui para contar essa história agora – respira um pouco mais aliviado por ter conseguido escapar de todas aquelas atrocidades da guerra.

– O difícil para mim foi voltar à normalidade depois de tudo o que me aconteceu... Mas hoje eu acredito que o poder curativo do tempo, cicatriza qualquer ferida que insiste em ficar aberta – fala de maneira muito sabia o gnomo Durban, demonstrando que todos podem superar os seus próprios traumas também.

*

Depois daquele delicioso jantar – que ainda estava repleto de história para ser compartilhada – eles inesperadamente começaram à escutar um som esquisito vindo da porta de entrada daquele chalezinho, como se mais alguém quisesse fazer parte daquela reunião acolhedora também.

– Plock!... Plock!... Plock!... Plock!...

– Ué!... O que é isso?... – Francesca se assusta ao escutar aquele ruído vindo da porta, ao acenar com as suas mãos, para que todos parassem de fazer barulho na sala de estar.

– Acho que alguém está batendo na porta meu amigo... – avisa ao gnomo o senhor Enzo, pensando se mais alguém de seu universo poderia ter conseguido chegar naquele local à uma hora daquelas também.

– Ahhh Sim! Puxa vida!... Só pode ser à Dalila me chamando – Explica o gnomo Durban à todos, ficando um pouco desconcertado com aquela inusitada situação – Quase ia me esquecendo... – Fica um pouco sem graça de ter ausentado aquela informação de seus convidados desde o início – É que ao final do dia por aqui, temos o hábito de preparamos uma fogueira lá fora para sociabilizarmos uns com os outros, ao som de uma boa música... Espero que vocês me perdoem por eu não ter contado isso à vocês antes... Mas a conversa estava tão agradável que eu acabei perdendo à noção do pôr do sol.

– Mas espere um segundo!... – Lhe intercepta Francesca, ficando um pouco preocupada com a receptividade daquele possível gnomo que estava batendo na porta, ao mesmo tempo em que também notava a agitação de seu cachorrinho, ao escutar aquele barulho – Você não nos disse mais cedo que os gnomos não gostam muito da nossa espécie?...

– Não se preocupem quanto à isso... – tenta tranquilizá-la com o seu sorriso, o gnomo Durban, enquanto se preparava para receber sua mais nova visita – Pois tudo na Terra

Encantada está aberto ao diálogo, e acredito que também tenho bons argumentos para que vocês possam conhecer os outros gnomos da montanha, sem que haja nenhum tipo de estranhamento.

*

Durban pede licença – de forma muito cortes – aos seus convidados, fazendo sua reverência habitual, enquanto ia em direção a porta de entrada de seu chalezinho, receber sua melhor amiga.

– Já vai!... Um segundo!... – Tenta aumentar o ritmo de suas pernas, o gnomo Durban, ao passar pelo seu corredor – É você Dalila?... – para rapidamente em seu hall de entrada, para ver como estava a sua aparência no espelho.

– Mas é claro que é Durban!... – aquela voz aveludada começa a rir do outro lado da porta – Quem mais seria seu cabeça oca?...

– Um momento!... – Começa a destrancar cuidadosamente a sua porta – Track!... Truck!... Treck!... Trick!... Trock!... Plufi!...

– Até que enfim eih?... – caçoa dele Dalila, não conseguindo entender porque o seu amigo tinha tantas trancas de segurança em sua porta daquele jeito – É verdade o que estão dizendo no Vale?... Que você está recepcionando à espécie humana em seu chalezinho?... Alguns estão até falando que você recebeu uma família inteira da espécie humana... Isso é verdade?...

– É sim!... Mas não vejo nenhum problema nisso... – convida a sua amiga para entrar, tendo à coragem de assumir as suas responsabilidades por aquele gesto – Afinal de contas, todos sabem muito bem que o Portal da Fantasia só é aberto por crianças, mas não tenho culpa nenhuma se a família do menino conseguiu chegar até aqui também. E além do mais... – não gosta nenhum pouco daquela boataria à seu respeito, o gnomo Durban – Ou você se esqueceu Dalila?... É nossa obrigação oferecer abrigo para aqueles que estiverem perdidos no Vale, independentemente dos julgamentos preconceituosos que podemos fazer para a espécie humana, sem antes mesmo conhecê-los.

– Tenho muito orgulho de você meu amigo... – Lhe abraça fortemente Dalila, deixando transparecer os seus sentimentos por ele – É por isso que eu sempre admirei muito o seu caráter.

A gnoma Dalila – depois daquele gesto muito carinhoso – acaba deixando o seu amigo um pouco sem graça, ao ver que as suas bochechas estavam começando à ficar mais rosadas do que o habitual.

– Quer que eu te apresente à eles?... – Durban não consegue deixar de admirar aquelas tranças que Dalila tinha feito em seus cabelos loiros.

– Por favor... Nunca tive a chance de conversar com à espécie humana antes – Anima-se com aquela ideia Dalila, lhe acompanhando pelo corredor.

Dalila era uma das gnomas mais belas da Terra Encantada – despertando muita atenção com as suas tranças loiras, por onde quer que passasse no Vale – Mas não era somente isso que à fazia ser notada, pois a sua família também tinha muito orgulho em demonstrar as suas origens norueguesas, fazendo questão de usar aqueles conhecidos elmos com chifre, junto com as “estranhas” armaduras que usavam por cima de suas cotas de malhas, que insistiam em chamar de vestimenta ao longo de suas explorações.

*

Ao chegar naquela sala, Dalila estava um pouco apreensiva para ver como à espécie humana iria recebê-la no chalezinho de seu amigo. Pois ela logo percebeu ao entrar, que todos se assustaram com a sua presença Viking, demonstrando expressões de surpresa ao olharem para aquela pequena guerreira carismática.

– Prazer em conhecê-los!... Meu nome é Dalila e sou amiga de Durban – Se apresenta de forma simpática à gnoma, indo cumprimentá-los na sala de estar.

– O prazer é todo nosso!... – Se aproxima da gnoma, o senhor Enzo, indo cumprimentá-la também – Desculpe ao falar, mas pela maneira que você se veste... – analisa aquelas pequenas armaduras pelo corpo, tentando adivinhar de onde aquela espécie de gnomos tinha vindo da Europa – Suponho que a sua família tenha vindo da Escandinávia... Ou como todos gostam de falar... Dos países nórdicos... Estou certo disso?...

– Está sim senhor!... – sente muito orgulho de sua origem, a gnoma Dalila, exalando muita simpatia ao cumprimentar o restante daquela família – Minha família veio da Noruega, e diferentemente dos outros povos europeus, não viemos para cá por causa das guerras, e sim,

porque muito antes disso sequer acontecer, já estávamos explorando o mar, à procura de novas terras para desbravar.

– Mas que interessante!... – se surpreende com aquilo Francesca, recordando de toda à sua juventude, quando era absolutamente fascinada por toda aquela mitologia dos países nórdicos – Isso é simplesmente fabuloso!... Nunca pensei que os gnomos também pudesse existir nesses países... Estou sem palavras...

– Estamos onde à cultura de um povo é preservada... – escolhe bem suas palavras a gnoma Dalila, realçando tudo aquilo que já tinha aprendido em sua vida – Seja ela passada em forma oral... Que é transmitida de geração em geração... Como em forma escrita também... Para termos as provas necessárias de nossa existência.

– Viu Francesquita!... – Fica muito orgulhoso de sua filha, o senhor Enzo, ao vê-la muito interessada naquela outra espécie de gnomos da montanha – Como é importante a gente sempre manter os nossos horizontes abertos à outras culturas?...

– Agora entendo o que vocês estão fazendo com o Arthurzinho... – Francesca se envergonha um pouco por ter tratado os seus pais de forma rude, em relação aos livros de fantasia que eles liam para o seu filho antes de dormir – Me desculpe por tudo papai... Espero que vocês algum dia entendam os meus motivos também – não conseguia parar de olhar para aquela bela gnoma na sala de estar, reparando naquela bela armadura de guerreira, que à fascinava quando jovem.

– Há quanto tempo que eu não vejo um cachorrinho... – se aproxima dele a gnoma Dalila, querendo muito lhe fazer um cafuné – Como ele se chama?...

– O nome dele é Panqueca!... – responde de maneira eufórica o garoto, se aproximando dela para se apresentar também – E o meu é Arthur... Mas todos me chamam de Arthurzinho.

– Prazer em te conhecer Arthurzinho... – O abraça carinhosamente, enquanto o Panqueca ficava pulando em volta da mesa, demonstrando ter gostado muito de conhecer aquela simpática gnoma também.

– Deixa eu me apresentar também... – Abaixa-se para ficar na mesma altura que a gnoma, não podendo deixar de notar todos aqueles detalhes incríveis de sua armadura de guerra – Meu nome é Francesca!... Eu simplesmente amei as suas roupas sabia disso?... E além do mais... Você também é muito bonita... – coloca as suas mãos naquelas delicadas tranças loiras, que acabavam enfeitando o seu elmo com chifres.

– Ahhhhh!... – fica um pouco sem graça a gnoma Dalila, ficando com o seu rosto rosado – Muito obrigada minha querida!... Você também é!... Pode ter certeza disso também... –

Retribui aquele elogio, ao sentir uma conexão muito forte com aquela outra raça de seres finitos.

– Já o meu nome é Carmella!... – Demonstra todo o seu calor humano ao se aproximar daquela pequenina – Prazer em te conhecer também!...

– Puxa vida!... – Dalila não consegue acreditar que já tinha criado uma enorme empatia por aquela simpática família – Nunca pensei que voltaria a ver à espécie humana em minha vida novamente – explica à todos Dalila, tentando se lembrar da última vez em que tinha convivido com os seres humanos na terra.

– Deixa eu me apresentar também... – Se aproxima aquele acalorado senhor de cabelos brancos também – Me chamo Enzo Vittorio... E não precisa nem me dizer nada... Porque eu já percebi que seu povo é muito mais aberto à sociabilização. Não estou certo?... – olha disfarçadamente para aquele outro gnomo na sala, que não tinha sido tão cortes assim com eles no início.

– Acredito que pela lógica... Sim meu senhor... – Sorri para ele Dalila, notando que os seus olhos também eram muito esverdeados – Pois a minha família sempre fez questão de me dizer isso também... Que o nosso povo era o mais receptivo da Europa. O que dá para entender perfeitamente, já que somos os desbravadores natos do desconhecido, logo... Temos o dever de estar sempre com a mente livre de qualquer preconceito que possa nos prejudicar em algum tipo de aprendizado, se quisermos conhecer com muito respeito, uma outra cultura – tenta explicar de forma breve, as principais características de seu povo, ao qual se orgulhava muito.

– Com toda à certeza!... – Reafirma aquela visão de mundo da gnoma, o senhor Enzo, passando à entender perfeitamente todo aquele espírito comunicativo dela.

– Vim aqui para convidar todos vocês para a reunião que estamos começando à fazer perto da fogueira lá fora... – Tenta ser sucinta a gnoma Dalila, não querendo se atrasar para a adoração da mãe natureza ao anoitecer – Quem aqui aceita o convite?... – começa à ficar um pouco apreensiva, ao ver os murmúrios se criando em volta daquela mesa da sala de estar, não querendo em hipótese nenhuma, imaginar aquela confraternização sem aqueles convidados.

*

Sem objeções, todos resolvem aceitar aquele convite, mesmo que Durban estivesse um pouco receoso pela receptividade dos outros gnomos em relação à espécie humana. Pois sua

intuição estava dizendo que nem todos iriam gostar de vê-los naquele culto em homenagem à mãe natureza.

– Pensei que todos os gnomos se vestissem de maneira homogênea – olha para aquelas roupas de maneira muito intrigada, o senhor Enzo.

– Engano seu meu senhor... – responde de forma rápida Dalila – Pois assim como a espécie de vocês, vestimos o que nossa cultura nos transmite de geração em geração.

– Então quer dizer que existem por aqui mais gnomos de origens distintas?... – Lhe pergunta à senhora Carmella, tentando adivinhar quantos povos com culturas diferentes poderiam existir naquele lugar.

– Mas é claro!... – confirma com a sua cabeça o gnomo Durban, esperando que todos pudessem lhe acompanhar até a entrada de seu chalezinho – Só não sei dizer com precisão quantas espécies de gnomos existem na Terra Encantada decorrentes da imigração... Mas em compensação, posso afirmar que os primeiros que chegaram por aqui, foram sem dúvida nenhuma os portugueses e os italianos... – percebe o orgulho daquela família ao escutar à última nacionalidade – seguidos dos alemães, franceses, Ingleses... e depois vieram até mesmo os Russos pelo que sei... Agora de resto... Não sei dizer ao certo...

– Os Russos?... – Repete aquela última origem o senhor Enzo, como se estivesse muito surpreendido ao saber de tudo aquilo – Mas eu nunca poderia imaginar que eles também tinham vindo para cá, depois que à guerra de fato tinha terminado na Europa.

– Não está se esquecendo de ninguém não?... – Dalila sabia das supostas brigas que aconteciam naquela região, por causa de algumas nacionalidades que “supostamente” eram consideradas as primeiras descobridoras da região serrana – Pois saiba meu amigo... – tenta comprar aquela briga com Durban – que os noruegueses sempre foram exímios exploradores culturais. Ou você se esqueceu que fomos treinados até a exaustão, para não sentirmos medo do desconhecido?...

– Bem... – fica sem jeito o gnomo Durban, tendo consciência que tinha tocado em um assunto bem polêmico no Vale – Me desculpe Dalila... – lhe olha com ternura – Mas eu sempre me baseie em dados, e pelo que sei... À ordem em que eu disse está certíssima, mas é claro que mesmo assim... O seu povo pode sim ter chegado aqui primeiro... Por que não?... Ainda mais se levarmos em consideração que vocês sempre foram os principais dominadores dos sete mares – Tenta elogiá-la, visando o diálogo e evitando o temido conflito – Mas o que eu estou querendo dizer é que o seu povo não chegou em grandes quantidades nas terras de cá. Entendeu agora?...

– Ahhh sim!... – acalma-se Dalila, enquanto ia saindo do chalezinho de seu amigo, ao mesmo tempo em que também já conseguia ver as chamas da fogueira ao longe – Entendi o que você disse agora... Bem... Vendo por esse lado...

– Agora que já sabemos a sua... Que tal se você nos falasse um pouco sobre a sua origem Durban?... – Pede ao gnomo à senhora Carmella, ficando muito curiosa para saber mais sobre as qualidades principais daquela raça.

– Eles são tímidos... – intercepta à fala de seu amigo à gnoma Dalila, querendo manter a cordialidade entre a sua amizade – Mas depois que passam a conviver com os gnomos de outra origem, imediatamente se tornam muito solidários e prestativos para qualquer tipo de problema que possa vir à acontecer na Terra Encantada. Já os Russos... – olha para Durban, como se não soubesse dizer às suas qualidades – Costumam ser muito fechados entre si e até hoje não gostam muito de se misturar com outras culturas. Além é claro... – tenta falar bem baixinho com medo que alguém do vale pudesse escutar – De sempre estarem desconfiando de tudo o que acontece ao redor deles também.

– Mas não são de incomodar com as suas neuroses... – fala o gnomo Durban, descendo as escadarias de seu chalezinho, como se aquilo fosse uma grande qualidade.

*

Conforme a família Vittorio foi fazendo sua trajetória pelo caminho lamacento, a fumaça foi aos poucos, se elevando pelo céu.

– Acho que já estamos bem perto... – Avisa Francesca à eles, enquanto olhava aquela fumaça que embaçava o belo céu estrelado – Conseguem sentir o cheiro de madeira queimada?...

– Sim mamãe!... – responde Arthurzinho, não conseguindo ver a fumaça por trás de todas aquelas árvores.

– É logo ao final desse caminho minha senhora – Durban mostra toda a fumaça que estava saindo por trás daqueles pinheiros.

– Só espero que eles não fiquem assustados com a nossa presença – Se preocupa com aquilo o senhor Enzo, desejando que os outros gnomos também estejam abertos à receptividade.

– Não se preocupem com isso... – Reage de forma sincera a gnoma Dalila – Eles talvez só fiquem irritados no início, fazendo algumas perguntas sobre conspiração... Achando que

tudo isso aqui foi planejado... Mas no fim... Acredito que eles lhe deixaram em paz, mesmo que para isso... Resolvam não fazer parte da reunião de hoje. Quem sabe...

– Já estamos quase lá... – avisa mais uma vez o gnomo Durban, já começando à inalar um pouco mais daquela fumaça, ao chegar mais perto dos pinheiros.

– Tenho certeza que vocês vão gostar... – afirma de forma convicta a gnoma Dalila – Estamos assando um leitão delicioso na fogueira.

– Obrigado pela gentileza minha querida... – lhe agradece a senhora Carmella, já sentindo a sua barriga um pouco inchada, em decorrência de seu exagero – Mas comemos tanto no chalezinho de seu amigo, que acho que ninguém vai querer repetir a dose por aqui.

– Entendo!... Mas pelo menos vocês poderiam experimentar à nossa cerveja artesanal – sente muito orgulho daquele ofício, à gnoma Dalila – Pois ela ajuda muito na digestão por ser totalmente natural.

– Espere um momento!... – Fica um pouco confuso com aquela informação, o senhor Enzo – Por que os gnomos alemães não se encarregaram em fazer à cerveja?... Já que todos sabem muito bem que eles dominam essa arte com muita maestria.

– Muito boa pergunta meu senhor... – Fica com um pouco de receio a gnoma Dalila, de ter que voltar para aquela discussão inicial – Mas contrariando um pouco o meu melhor amigo agora... Acredito que esse mal entendido seja explicado, pelo simples fato de termos chegado aqui primeiro... – insisti naquela antiga história, por mais que os dados falassem ao contrário... – Porque querendo ou não... Acabamos escolhendo uma demarcação de terra que era muito mais propícia para o cultivo da cevada, por ser mais seca... Enquanto os gnomos alemães acabaram ficando em uma região onde o cultivo da uva era muito mais favorável, por causa do clima úmido. Conseguiu entender agora?...

– Agora sim!... Muito obrigado por você ter me esclarecido essa dúvida – Lhe agradece gentilmente, o senhor Enzo, já começando à escutar uma espécie de música medieval no fundo daquelas árvores.

– A honra é toda minha, meu senhor... – fala como uma guerreira viking, a gnoma Dalila, já conseguindo avistar o grupo de gnomos que estava lá embaixo.

– Mas que música agradável!... – fica simplesmente fascinada com aquele som, à senhora Carmella, enquanto descia aquele íngreme penhasco entre as montanhas com muito cuidado.

– O som deve estar saindo do alaúde que o Nicolau está tocando... – Pareciam bem familiares aquelas notas aos ouvidos de Durban – Cuidado para não escorregarem!... – alerta aos outros, enquanto também fazia o mesmo percurso – A fogueira fica bem ali embaixo...

4. UM SUMIÇO ABOMINÁVEL

– Quem aí se candidata à dançar perto da fogueira?... – Lhes pergunta o gnomo Durban, depois de ter conseguido descer daquele penhasco.

– Veja como aquele gnomo está dançando vovô!... – se surpreende Arthurzinho, com aquele estilo diferente de dançar.

– Pelas Roupas... – o senhor Enzo olha de relance para aquele gnomo dançando, tentando estudar os seus hábitos culturais – Acho que é um gnomo Russo... Ou estou enganado?... – consegue identificar aquele conhecido gorro peludo que os russos sempre usavam.

– É isso mesmo... Fica impressionada à gnoma Dalila, com a capacidade que aquele senhor tinha de identificar uma outra cultura, sem que antes à julgasse primeiro – Aquele ali é o Bóris... E Ele veio da Rússia sim... Mas agora... A minha única preocupação é saber se ele irá receber vocês adequadamente. Só isso... – olha para o seu amigo Durban, como se ele também estivesse pensando na mesma coisa que ela.

A reunião perto daquela enorme fogueira parecia estar muito agradável. Porque de longe já dava para ver que tinha um gnomo comendo um leitão assado – que parecia estar muito apetitoso – perto do fogo. Enquanto o segundo se divertia à beça, ao tocar aquele alaúde medieval – com os seus dedinhos gorduchos – para que o seu companheiro pudesse continuar dançando pela noite adentro sem ser incomodado.

Porém, quando a Família Vittorio finalmente conseguiu descer por aquele penhasco entre as montanhas, a bela música medieval imediatamente parou de ser tocada, como se algum gnomo já estivesse sentindo a presença de alguns intrusos, em seu próprio habitat.

– Mas por que você parou de tocar Nicolau?... – Lhe pergunta aquele estranho gnomo com o gorro na cabeça – Logo agora que eu estava me divertindo?...

– Eu não estou acreditando no que eu estou vendo!... – Se levanta o outro gnomo, ao deixar o seu alaúde em cima de seu banco de madeira – Olhem Lá!... Olhem Lá!... Será que eu estou enxergando mal?... – Fica muito preocupado com aquela aparição inesperada – Mas vejam se não é aquela espécie se aproximando? – esfrega os seus olhos com muito cuidado, temendo que aquilo fosse uma miragem de sua cabeça.

– Aonde?...

– Bem ali!... – aponta o gnomo Nicolau com um de seus dedos gorduchos – Estão vindo em nossa direção.

– Mas pelos raios de Thor!... Vou avisar o Alastor!... – Avista-os o gnomo Bóris, não conseguindo acreditar naquilo também.

– É melhor mesmo! – Nicolau concorda com a decisão de seu companheiro, começando a sentir um pouco de medo daquela espécie também.

– Alastor!... Alastor!... Alastor!... – Se aproxima rapidamente da fogueira, o gnomo Bóris, tentando alertá-lo sobre aquele evento – Acho que temos novos convidados para a reunião – avisa-o muito esbaforido.

– É mesmo?... – se vira o gnomo Alastor, já conseguindo avistá-los – Então tenha muita calma meu amigo... – ajeita delicadamente o seu elmo prateado com chifres dourados na cabeça, como se fosse um guerreiro preparado para negociar – Porque eles estão vindo juntos com a minha filha...

– É Bóris!... Vamos ver o que eles têm a nos dizer... – Tenta aconselhar o seu amigo, o gnomo Nicolau, não querendo fazer nenhum tipo de julgamento antes de conhecê-los primeiro.

– Dizer?... É isso mesmo?... – Fica totalmente furioso com a calma de seus amigos – Era só o que me faltava agora... Eles não têm nada a dizer... Ou será que vocês se esqueceram da destruição que a espécie humana causou e ainda causa em todo o planeta terra?... Eih?...

– É claro que não!... – Lhe responde de forma convicta o gnomo Alastor – Mas antes de tudo... Temos que saber respeitar à cultura deles... Não acha?...

– E eles por acaso respeitaram o planeta terra quando estavam em guerra?... – Insisti naquele assunto o gnomo Bóris, lembrando de todas as tragédias ambientais que já tinha presenciado.

– Não me venha com essa agora... – Alastor começa a perder a paciência com o seu amigo – Porque você sabe muito bem que a nossa raça foi criada pela mãe natureza, apenas para preservá-la... Ao contrário da espécie humana, que já foi presenteada no ato da criação, com a dádiva do livre arbítrio, cabendo somente à ela, decidir o que irá fazer com suas ações diante do universo que à rodeia... – se emociona ao dizer aquilo – Mesmo que para isso... Tenham que escolher muita das vezes... As piores opções para o avanço da civilização.

– Não podemos condená-los até a eternidade meu amigo... – Reafirma com convicção o gnomo Nicolau, se apoiando nos argumentos plausíveis de seu amigo também – Tente escutar o que eles têm a nos dizer... Está bem?...

– Exato!... Tente acreditar nas melhores qualidades que cada espécie tem a oferecer... Porque se não... De que adianta estarmos aqui cuidando da mãe natureza se não nutrimos dentro de nossos corações à esperança eterna?... – argumenta sabiamente o gnomo Alastor, enquanto tentava preparar os seus companheiros para recebê-los – Não é mesmo?...

*

– Trouxemos novos convidados para a reunião... – avisa a gnoma Dalila cheia de entusiasmo ao se aproximar.

– Estamos vendo!... – esbraveja o gnomo Bóris, ignorando totalmente aqueles conselhos de seus amigos – Agora!... Quem foi que disse para vocês que eles são bem vindos em nossa reunião... Eih?... – Se enfurece com aqueles dois gnomos que tinham acabado de chegar também.

– Pare já com isso Bóris!... – Se aproxima gentilmente daquela outra espécie, o gnomo Alastor, não querendo nenhum tipo de conflito naquela reunião – Todos vocês são muito bem vindos por aqui... Fiquem à vontade... Está bem?... Não liguem para o que ele fala... É da boca pra fora.

– Não queremos incomodá-los... – Diz um pouco sem jeito o senhor Enzo, ao perceber toda a rispidez inicial daquele gnomo mal educado – Só viemos até aqui porque Dalila nos chamou.

– Está vendo só os problemas que a sua filha causa por aqui Alastor... – continua berrando com o seu amigo, o gnomo Bóris, tentando evitar qualquer tipo de contato com aquela espécie.

– Não vejo problema nenhum nisso Bóris... – Lhe ignora o gnomo Alastor, querendo muito se apresentar para aquela outra espécie – Me desculpem por isso... Mas meu amigo sempre foi assim... – olha para ele de maneira muito amável, como se entendesse perfeitamente aquele seu comportamento – Mas com o tempo vocês verão que ele tem um bom coração... Prazer!... – estica a sua mãozinha para cumprimentar aquele senhor de cabelos brancos – Me chamo Alastor!... E venho dos Bosques dos Elmos Dourados... Sejam muito bem vindos à nossa Reunião.

Enquanto o gnomo Alastor estava cumprimentando os seus novos convidados – que não puderam deixar de notar em sua cabeça, aquele lindo elmo prateado com chifres dourados, que combinava perfeitamente com aquela bela armadura de prata, que também estava usando

por cima de suas cotas de malha, acompanhadas por suas ilustradas sandálias de couro romano – alguns da família Vittorio aproveitaram a oportunidade para observar os outros dois gnomos da reunião, que já demonstravam vir de outras regiões da Terra Encantada, por causa daqueles novos padrões culturais de se vestir.

Como era o caso do gnomo Bóris, que parecia ter vindo de algum lugar bem mais remoto da Terra Encantada, pois suas roupas eram feitas com a pele dos lobos cízentos – para aquecer-lo do frio intenso de sua região – Começando por sua cabeça, que tinha um enorme gorro peludo que lhe cobria totalmente os seus ouvidos, já emendando naquele aconchegante sobretudo de pelos, que ia até a altura de seus pés, que ficavam super aquecidos com aquelas botas das neves.

Muito diferente da vestimenta do gnomo Nicolau, por exemplo, que mais parecia um trovador medieval, ao segurar aquele alaúde que não desistia de fazer música. Usando em sua cabeça uma espécie de boina alaranjada – deixando à mostra apenas alguns fiapos de cabelos perto de suas orelhas gorduchas – Vestindo uma espécie de túnica marrom com babados laranjas em volta do pescoço – passando toda aquela sensação de conforto – que combinavam perfeitamente com as suas calças de veludo amarela, e com suas sapatilhas pontudas amarronzadas também.

– Muito obrigado por sua receptividade... – Lhe cumprimenta de forma muito cortes o senhor Enzo, começando a apresentar à sua família para aquele simpático gnomo – Essa é minha esposa Carmella... Minha filha Francesca... Meu neto Arthurzinho e por fim... O nosso cachorrinho que se chama Panqueca.

– Panqueca?... Alguém aí falou em Panquecas?... – Fica muito intrigado com aquele nome o gnomo Nicolau, apreciando muito aquele tipo de comida pelo café da manhã – Vocês sabiam que as panquecas ficam uma delicia com mel?...

– Parece que ele gostou muito de você Nicolau! – Observa o gnomo Alastor, vendo aquele amável animal querendo brincar com o seu amigo.

– Parece que sim!... – Se assusta com aquele cãozinho, o gnomo Nicolau – Vejam como ele pula em cima de mim!

– Esse é Nicolau!... Ele veio das Florestas dos Trovadores – Explica para os seus convidados, o gnomo Alastor.

– Pr-prazer em co-conhecê-los... – Se aproxima daqueles convidados o gnomo Nicolau, de um jeito um pouco tímido e bastante desengonçando também.

– O prazer é todo meu senhor Nicolau!... – Lhe cumprimenta Francesca, ficando completamente fascinada com aquela roupa medieval que o gnomo estava usando.

– Que bela música o senhor estava tocando... – Sente muita afinidade por aquela melodia medieval, à senhora Carmella, ao se lembrar da Itália.

– Fico feliz que tenha gostado minha senhora... – Começa a se emocionar, o gnomo Nicolau, relembrado de uma época muito agradável em sua vida, ao esconder aquele alaúde atrás de seu corpo rechonchudo.

– Não chore meu amigo... – Se aproxima dele o gnomo Alastor, demonstrando muita compaixão por suas perdas na vida – Você sempre foi um excelente Trovador... Viu?...

– Mas por que você se emocionou desse jeito?... – Recebe uma repreensão de seu marido à senhora Carmella, sabendo que tinha tocado em um assunto muito sensível para o gnomo responder.

– Em tem-tempos de Reis e Rainhas na terra Encantada... – Tenta controlar a sua emoção, o gnomo Nicolau, ao olhar para o seu alaúde – Eu ficava encarregado de ser o Trovador do Reino junto com a minha família também...

– E a família de Nicolau era uma das melhores na época... – Lembra daquele período o gnomo Bóris, ao se esquecer de sua estranheza inicial.

– Todos eram Trovadores... – complementa com mais aquela informação, o gnomo Alastor, não querendo deixar os seus convidados perdidos na história.

– Então quer dizer que em gerações passadas vocês tinham um Rei e uma Rainha?... – Fica muito curioso com aquela história o senhor Enzo, querendo saber mais sobre o que Durban ainda não tinha lhes contado antes.

– Tínhamos sim senhor!... – Orgulha-se daquilo o gnomo Bóris, dando mais ênfase ao seu orgulho patriótico – Pois antigamente... A Terra Encantada era governada por apenas um Rei e uma Rainha.

– Minha família era responsável por animar todo o vilarejo em que vivíamos... – Sente muitas saudades daquele tempo, o gnomo Nicolau – E me lembro muito bem que uma tinha o hábito de recitar alguns poemas em versos, enquanto a outra ficava encarregada de tocar as harmonias em seus respectivos alaúdes... Bons tempos aqueles para o povo.

– Mas continuo sem entender uma coisa... – Surgem algumas dúvidas na cabeça de Francesca que precisavam ser respondidas o quanto antes – Vocês falam de uma maneira como se não existissem mais Reinados por aqui...

– E não existe mais minha senhora... – Reafirma o gnomo Bóris, com um enorme pesar em seus olhos.

– Infelizmente... – Começa a falar o gnomo Alastor, ao olhar para as chamas daquela fogueira – Depois de 200 anos, o Rei Otávio e a Rainha Lurdes, decidiram encerrar o seu Reinado, pois não estavam mais gostando do poder que acometia as suas mentes.

– Isso é impressionante!... – Fica fascinado com aquela atitude o senhor Enzo – Viu minha querida?... Ainda temos que aprender à evoluir como os gnomos... – olha para a sua família, ao pensar no futuro de seu país – Pois o poder sempre destruiu à cultura de uma Nação.

O gnomo Bóris – em um primeiro momento – se assusta ao escutar aquilo, pois estranhava que a espécie humana, estivesse realmente interessada em aprender alguma coisa com eles.

– Já em nosso mundo... Esse aspecto é completamente diferente... – Reflete sobre os defeitos de sua sociedade, à senhora Carmella, tendo consciência de que ainda teriam que progredir muito se quisessem alcançar um status de bem estar social que comportasse todos os seus integrantes – Porque quanto mais poder colocamos na mão de uma única pessoa, mais ela consegue mudar à sua essência.

– Sabemos muito bem disso!... – Responde de forma convicta o gnomo Bóris, tentando colocá-los na mesma definição – Já vimos o que vocês são capazes de fazer com a Mãe Natureza em tempos difíceis.

– Mas que afronta Bóris!... – Lhe recrimina o gnomo Alastor, ao demonstrar muita esperança em seu coração, em relação à espécie humana – Não podemos enquadrá-los nesses parâmetros preconceituosos de antigamente, porque eles também foram vítimas daquele genocídio mundial.

*

– Alguém aí quer um pedaço de leitão?... – Oferece para os novos convidados, o gnomo Nicolau, como se quisesse mudar de assunto, ao cortar aquela carne com uma espécie de facão.

– Não! Não!... Imagina!... – Francesca agradece em nome de sua família – Estamos muito satisfeitos senhor Nicolau... Comemos muito no chalezinho de Durban... E acho até que explodiríamos se começemos mais alguma coisa...

– Me desculpem se eu estou sendo chato... – Insiste em voltar naquele assunto, o senhor Enzo, para desgosto de sua esposa – Mas na época do Rei Otávio e da Rainha Lurdes, vocês tinham que trabalhar para servi-los?

– De maneira nenhuma!... – Quase se engasga o gnomo Bóris, com aquele pedaço de leitão em sua boca – Vivíamos para a nossa própria subsistência mesmo... E ainda hoje é assim por aqui. Mas por que o senhor está nos perguntando isso?... – Olha para aquele senhor de cabelos brancos um pouco assustado – Por acaso no mundo de vocês não é assim também não?...

– Antes fosse!... – Responde à senhora Carmella, muito insatisfeita com o governo de seu país – Já em nosso mundo temos que trabalhar em troca de dinheiro... Sabiam disso?...

– Não!... Nunca ouvimos falar disso por aqui. O que é?... – Pergunta aos seus convidados, o gnomo Alastor, muito curioso para entender aquela peculiaridade.

– É uma espécie de papel que usamos para comprar absolutamente tudo... Desde alimentos até roupas... Entenderam?... – Francesca fica sem saber ao certo, se conseguiu explicar aquele tema complexo para os gnomos

– Mas por que vocês têm que fazer isso?... – Não consegue compreender aquilo muito bem, o gnomo Bóris, começando a achar horrível o jeito de viver daquela espécie.

– Foi uma implementação imposta pelo governo, para ordenar que as pessoas utilizassem esse mesmo papel para sobreviver – Observa as expressões de repulsa na face daqueles gnomos, o senhor Enzo, tentando complementar com outras palavras, o que a sua filha já tinha dito.

– Que horror!... – Se assusta com aquele universo horripilante, o gnomo Nicolau, não querendo em hipótese nenhuma conhecê-lo – Mas vocês não podem se livrar desse papel?...

– Nem se quiséssemos conseguiríamos... – Lhe responde sem alternativa, o senhor Enzo, pensando se poderia viver de uma outra maneira que não aquela – Infelizmente... – reflete sobre os infortúnios que aquilo fazia nas mentes das pessoas – Sem esse papel não conseguimos ser nada perante à nossa sociedade.

– Então quer dizer que vocês não são livres como a gente?... – Come mais um pedaço de leitão assado, o gnomo Bóris, pensando em algumas rebeliões que aquela sociedade poderia vir à enfrentar no futuro.

– Se não tivermos esse tipo de papel para sobreviver... – Reflete sobre a miséria do mundo, o senhor Enzo – É quase impossível termos a tão sonhada independência... Eu sei que pode parecer bem triste... – observa aquelas faces aterrorizadas olhando para ele – Mas o pior é a distribuição desses papéis em meu mundo... Porque a gente sempre irá encontrar uma

minoria que tem muito à oferecer em sua abundância, enquanto que a grande maioria, mal consegue sobreviver com o seu ofício.

– Não sabia que a espécie de vocês vivia em prisões concedidas por esse tal de Governo... – Busca entender aquele tipo de universo, o gnomo Alastor, tentando ver se conseguia aprender alguma coisa com aquilo.

– Não é uma prisão... – Discorda em parte daquele ponto de vista, Francesca – Só que utilizamos esse papel que ganhamos com os nossos ofícios, para pagarmos os impostos estabelecidos pelo Governo, enquanto que ele em troca... Nos dá algumas garantias, como por exemplo... Saúde, Educação, Segurança, Alimentação e Moradia... Não é tão ruim assim... – olha de relance para o seu pai, que demonstrava estar muito insatisfeito com aquela camuflagem que ela tinha acabado de fazer para os gnomos.

– Como não é muito ruim?... É Horrível! – Esbraveja com ela o senhor Enzo, sabendo muito bem que o governo do seu país não aplicava o dinheiro que recebia dos impostos para a melhoria da Nação – Porque do jeito que você fala Francesquita... É só utilizarmos esses papéis para pagarmos os nossos impostos, que o governo imediatamente nos dará todos esses benefícios para alcançarmos o desenvolvimento do País.... E isso não é bem assim... Eu até gostaria de acreditar nisso. Mas infelizmente a realidade é outra... – Reflete com os seus cabelos brancos, em cima daquele céu estrelado – Porque os políticos que regem à nossa sociedade, só se interessam pelo acúmulo desses papéis, que acabam destruindo as melhores qualidades da condição humana, por causa da quantidade de poder que eles usufruem em seus renomados ofícios.

– Então quer dizer que a espécie de vocês é definida pela quantidade de papéis que um tem em relação ao outro... É isso?... – Sente muita dificuldade para compreender aquela questão, o gnomo Nicolau, ainda sem entender quais eram os motivos que aquela espécie se diferia entre si.

– Bem... – Retorna à falar, o senhor Enzo, buscando uma melhor compreensão daquele aspecto vergonhoso em sua sociedade – Para falar à verdade... Aonde vivemos... Existem vários níveis sociais que se distinguem por causa desses malditos papéis que guardamos no banco, local esse, que serve exclusivamente para esse fim. E dessa maneira, alguns acabam valorizando os que têm mais papéis que os outros.

– Então o mundo de vocês ainda não é evoluído o suficiente... Estou certo disso?... – Compreende rapidamente todos os malefícios daquela sociedade, o gnomo Bóris, se sentindo muito mais aliviado de nunca ter pertencido à ela.

– Pode se dizer que não... – Se entristece com aquilo, à senhora Carmella, ao pensar na quantidade de favelas que existiam no Brasil, e que o governo simplesmente fazia questão de ignorar diariamente, como se todos que morassem naquelas regiões, fossem indignos de exercer a sua cidadania também – Infelizmente... Ainda continuamos vivendo em um mundo bastante desigual. Onde a fome faz companhia para aqueles que não têm papéis suficientes para sobreviver.

– Mas por que aqueles que têm mais papéis, não ajudam os que não têm?... – Busca solucionar aquela desigualdade social, o gnomo Bóris, propondo um possível equilíbrio entre as partes – Porque assim... Todos seriam beneficiados com o presente da esperança no final.

– Alguns até fazem isso... – aborda aquela delicada questão, o senhor Enzo, refletindo sobre a Miséria do Mundo – Mas na maioria das vezes... Não se tem interesse em ajudar à quem precisa.

– Vocês vivem em uma sociedade muito maléfica... – Fala sem pensar o gnomo Nicolau, ficando um pouco sem graça por ter-lhes ofendido também – Aonde já se viu um negócio desses?... Ainda bem que aqui na Terra Encantada não é assim... Porque nós sempre escolhemos os nossos ofícios em relação às aptidões individuais de cada um... Sem que alguém tenha que nos obrigar à fazer algo, em troca de alguma coisa... Isso seria bem ruim.

– Gostaria muito que em nossa sociedade também fosse assim... – Se deprime um pouco ao pensar sobre aquilo, o senhor Enzo – Mas infelizmente... É apenas uma minoria que consegue exercer as suas aptidões individuais, enquanto que a maior parte precisa trocar o seu precioso tempo, para conseguir sobreviver com dignidade.

– Isso é muito triste... – Se decepciona com aquele universo o gnomo Bóris, ao saber que nem todos poderiam trabalhar naquilo que gostavam – Já aqui na Terra Encantada sabemos respeitar muito bem as aptidões de cada gnomo, em relação ao ofício que exercem com maestria.

– Que tal se mudássemos um pouco de assunto agora?... – Propõe aos gnomos, o senhor Enzo, como se quisesse se desprender um pouco das mazelas de sua sociedade.

– Excelente idéia!... – Se atrapalha um pouco, o gnomo Nicolau, com aquele pedaço de leitão que estava em suas mãos – Porque assim... Bóris poderá contar para vocês de onde veio. Né meu amigo?...

– Obaaaaa!... – Fica muito entusiasmado, Arthurzinho, para escutar a origem daquele gnomo da Terra Encantada – Será que o senhor poderia nos contar?... Por favor!

– Mil desculpas garoto... Aonde eu estava com a cabeça... – Se esquece de falar sobre a sua origem, o gnomo Bóris, para aqueles novos convidados – Minha família veio da Fortaleza

dos Gorros Peludos... Como vocês podem perceber é claro... – Aponta para a Ushanka que estava usando em sua cabeça, como se aquilo fosse óbvio de se pressupor – Lá é uma região muito fria, então para suportarmos o inverno rigoroso, temos que usar essas roupas peludas – mostra o seu casaco e aquelas botas acinzentadas – Elas são feitas com a pele de lobos cinzentos... Sabiam disso?... – sente um pequeno orgulho ao realçar aquela informação – Nos ajuda a manter a temperatura do corpo... Mas é claro que... – demonstra com as mãos uma caneca de bebida – Com a dose certa de uísque e vodka que fabricamos... Não é mesmo? – solta um pequeno sorriso entre os seus lábios.

*

– Esperem um minuto! – Pede o gnomo Alastor para os seus companheiros, tentando escutar alguma coisa que estava fazendo barulho na floresta.

– Plock!... Tlack!... Plock!... Tlack!...

– Que barulho é esse?... – Fica apavorada Francesca, indo imediatamente ao encontro de seu filho para protegê-lo.

– Está vindo da floresta! – Alerta o gnomo Nicolau, tentando imaginar o que poderia ser à uma hora daquelas.

De repente, a chama daquela fogueira onde todos estavam reunidos, inesperadamente se apaga, ficando somente à iluminação natural da lua e das estrelas, em cima de suas cabeças.

– Cholock!... Chalack!... Tlack!... Plock!... Track!... Troeck!...

– O que está acontecendo? – Se pergunta a senhora Carmella, tentando enxergar alguma coisa naquela escuridão.

– Fiquem calmos! Não deve ser nada demais... – Tenta tranquilizá-los Bóris, ficando em estado de total alerta.

– Socorro!... Me ajudem!... Estão me levando! – Berra à pleno pulmões Francesca, sentindo que seus pés não estavam mais tocando aquele solo lamacento.

– Ajudem minha filha! – Implora a senhora Carmella para aqueles gnomos, que estavam totalmente petrificados.

– Me solte!... Não!... Vovó!... Me ajude! – Se debate Arthurzinho, percebendo que também estava sendo levantado do solo – Para onde estão me levando?... Estou com medo vovô.

– Olhem lá em cima! – Alerta o gnomo Nicolau, começando a enxergar naquela penumbra – Se não me engano são as...

– Abomináveis mulheres das neves! – Identifica rapidamente a gnoma Dálila, já tendo visto aquela espécie vagando na floresta.

– Au!... Au!... Auuuuu! – abruptamente Panqueca começa a latir, ao sentir que também estava sendo apanhado do solo.

– Elas estão levando o cachorrinho do garoto também – Avisa o gnomo Alastor, ficando preocupado e ao mesmo tempo fascinado com aqueles seres que estavam bem na sua frente.

– E vocês vão ficar aí parados?... – se irrita com aqueles gnomos, a senhora Carmella, vendo que todos estavam hipnotizados – Sem fazer nada?

– De onde vieram esses seres?... – Pergunta à eles o senhor Enzo, não conseguindo esconder o seu fascínio também – Sem dúvida nenhuma é a espécie mais bonita que eu já vi em toda a minha vida.

– Você só pode estar ficando maluco mesmo... – esbraveja com o seu marido a senhora Carmella, percebendo que ele estava mais fascinado com aqueles seres do que com o rapto de toda a sua família naquele universo desconhecido – Pare já de se maravilhar com tudo o que você encontra por aqui, e comece a fazer alguma coisa à respeito... Agora!... – sobe o tom de sua voz, assustando os outros gnomos que não estavam esperando por aquilo.

– Não precisa ficar preocupada minha senhora... – tenta acalmá-la o gnomo Nicolau, ao se aproximar dela – as Abomináveis mulheres das neves não irão fazer nada de mal com a sua família... Lhe dou minha palavra – observa aqueles seres peludos se distanciando daquele lugar – Tenho certeza que elas só ficaram curiosas para conhecer mais a fundo a espécie humana. Só isso.

– E precisavam levar a minha família para isso?... – não se conforma com aquilo à senhora Carmella, já sentindo a mudança em seus batimentos cardíacos.

As Abomináveis mulheres das neves trajavam pelos muito brancos à luz do luar – que somados com a altura – Mais pareciam árvores de natal andantes. E talvez fosse por essa razão, que os gnomos ficaram encantados com aqueles movimentos rápidos que elas fizeram ao redor daquela fogueira. Afinal... Esses seres vinham das Geleiras Azuis, e todos sabiam o quão raro era vê-los por essa região, pois devido à degradação do meio ambiente, essa espécie

começou a perder o seu habitat natural, sendo avistados com uma maior frequência em florestas que não tinham muita adição de neve em sua camuflagem natural.

– Bem que eu estava com uma sensação estranha quando viemos por aquele íngreme caminho entre as montanhas... – olha para trás o gnomo Durban, tentando confiar mais em sua intuição a partir de agora – Uma sensação de que estávamos sendo seguidos por alguma coisa que eu não sabia o que era...

– Mas vamos ao que realmente importa... – tenta ser direta com a sua preocupação a senhora Carmella – Essa espécie é perigosa ou não?

– De maneira nenhuma... – responde rapidamente a gnoma Dálila, com base no que já sabia a respeito – As Abomináveis mulheres das neves são incapazes de fazer mal as espécies que habitam essas terras.

– Só acredito nisso vendo a minha família intacta novamente... – responde de forma convicta à senhora Carmella, sem acreditar naquelas palavras que não tinham valor algum naquela hora – E algum de vocês poderia me dizer aonde esses seres vivem por aqui? – pergunta aos gnomos que continuavam boquiabertos – Porque só saio desse lugar quando descobrir o paradeiro deles.

– As Abomináveis mulheres das neves vivem nas Geleiras Azuis... – Responde aquela pergunta o gnomo Bóris, ficando na dúvida se aquela resposta traria algum conforto para ela naquela hora – Fica perto da Fortaleza dos gorros peludos... De onde venho... Mas não se preocupem com isso agora minha senhora... Já estou pensando em alguns companheiros que podem nos ajudar a procurar a sua família pela manhã.

– Iremos encontrá-los em mais dias ou menos noites... – tenta confortá-la o gnomo Alastor, olhando-a com muita ternura – Isso a senhora pode ter certeza.

– Mas que garantias vocês me dão de que eles estarão bem até lá? – insiste naquela mesma pergunta a senhora Carmella, como se não estivesse acreditando na pureza daqueles estranhos seres da floresta.

– Porque as Abomináveis mulheres das neves estão encarregadas de cuidar da harmonia da natureza – explica de uma forma muito atenciosa, o gnomo Durban – Existe uma garantia na Terra melhor do que essa?...

– Eu nunca poderia imaginar que nesse lugar pudessem existir tantas espécies diferentes assim... – Comenta com os gnomos o senhor Enzo, achando maravilhoso todo aquele conhecimento que estava absorvendo deles.

– Mas é claro que existe! – enfatiza o gnomo Alastor, tentando contar mentalmente quantas espécies diferentes já teve o privilégio de encontrar na Terra Encantada – Querem que eu cite um exemplo bem corriqueiro que no mundo de vocês é bastante confundido com a nossa espécie também?

– Por favor!... – pede para dar seguimento a mais aquela revelação o senhor Enzo.

– Os duendes, por exemplo... – faz uma cara de poucos amigos ao mencionar aquela espécie – Eles são totalmente trapaceiros e maldosos em suas brincadeiras.

– Com toda a certeza estaríamos bem mais preocupados agora... – olha de relance para a senhora Carmella, o gnomo Bóris – E acho que teríamos que juntar o maior número de gnomos possíveis, se quiséssemos encontrá-los novamente.

– Vire essa boca para lá! – Se assusta com aquela hipótese o gnomo Nicolau, deixando transparecer todo o seu ódio por aquela outra espécie da Terra Encantada.

– Acho que ficou bem claro por aqui que não gostamos dos duendes – esclarece o gnomo Bóris, aos seus convidados, querendo muito mudar de assunto.

– Bem... Da minha parte eu não posso falar o mesmo... – não se convence da pureza daqueles seres, à senhora Carmella – porque não foram eles que raptaram a minha família... Então.

– Prefiro confiar no que eles estão dizendo meu amor... – Se arrepende ao dizer aquilo, o senhor Enzo, vendo toda a expressão de fúria de sua esposa – De que adianta pensarmos no pior numa altura dessas?

– Desculpe a minha intromissão... – tenta cortar aquele clima pesado o gnomo Durban – Mas não é melhor descansarmos um pouco para que amanhã possamos começar a busca? – propõe aquilo de uma forma muito educada aos seus convidados.

– Acho uma excelente ideia meu amigo – fala na frente de sua esposa o senhor Enzo, dando à entender que não daria para encontrá-los naquele breu, já tarde da noite.

– Não se preocupem!... – tenta tranquilizá-los o gnomo Bóris – Tentaremos trazer alguns amigos conosco amanhã.

– Já estou começando a traçar diversos caminhos em minha mente que podem nos levar até onde eles estão – informa para aquela senhora aflita o gnomo Alastor, não querendo que ela sofresse por antecipação.

– Muito obrigada pela gentileza de todos vocês – se controla para não chorar, a senhora Carmella, ao perceber que todos estavam se arriscando por sua família, mesmo tendo alguns que não sabiam direito como procurá-los naquelas terras.

– Deixem para agradecer no reencontro de vocês – se assusta ao dizer aquilo a gnoma Dálila, pois o pensamento positivo de sua mente não deixava espaço para que as adversidades a impedissem de completar aquela tarefa, mesmo tendo consciência que não sabia por onde começar sem a ajuda de seu pai.

– Bem meus companheiros... É hora de voltarmos para os nossos respectivos lares, porque amanhã enfrentaremos um longo dia pela frente – Se preocupa com à hora o gnomo Durban, não querendo em hipótese nenhuma acordar tarde no outro dia.

– Que coisa mais bonitinha de se ver meu amor... – Não cansa de olhar para aquele jeito carinhoso de se despedir daqueles gnomos – Veja só Enzo!... Eles encostam um nariz no outro. Que fofos!

– Fico imaginando em nosso universo se um homem se despede assim de um amigo... – reflete momentaneamente sobre aquilo o senhor Enzo, ao analisar a diferença de evolução entre aqueles dois mundos – Quanto preconceito iria surgir diante desse belo gesto de carinho e amor... Você se lembra de quando viemos para cá meu bem?...

– Se me lembro... – Recorda daquele período em suas vidas, a senhora Carmella – Foi bem difícil pertermos o hábito de cumprimentar os nossos amigos dando-lhes dois beijinhos no rosto, tanto na chegada como na saída.

– Pois é... Na Itália tínhamos o hábito de fazer isso, mas quando viemos para cá, eu percebi que todos achavam esse gesto muito estranho. Enfim... – olha para a sua esposa, nutrindo sempre o seu sorriso nos olhos, ao se lembrar de sua terra natal – Cada lugar tem uma cultura diferente e é preciso saber respeitar isso de forma adequada. Não achas?...

*

Na hora da despedida, tanto a senhora Carmella como o seu marido – em sinal de respeito e adoração – resolveram manter os mesmos costumes dos gnomos. Só que eles tiveram que se abaixar para poderem encontrar aqueles narizes rechonchudos e gelados que davam uma aparência bastante acolhedora e amável para aqueles que não estavam acostumados com tanta ternura, amor e carinho entre uma mesma espécie.

– Descanse com a paz da mãe terra em suas vidas... – Profere aquelas belas palavras o gnomo Nicolau, enquanto encostava o seu nariz em uma outra pele – Pois amanhã será um novo dia para a esperança do reencontro.

– Ate amanhã meus amigos... – acena para eles o gnomo Durban – Que a luz da lua os guie para o repouso merecido

Percorrendo novamente aquele íngreme caminho de barro entre as montanhas, a senhora Carmella resolveu orar por aquelas estrelas que estavam lhes resguardando do céu, para que elas trouxessem a proteção necessária para o restante de sua família.

*

– Acho que aqui não é o melhor lugar... – explica à eles o gnomo Durban, olhando para o local que estava aquela cama de casal – Plack!... Plock!... – bate suas mãos e inexplicavelmente a cama de casal sai do chão e vai em direção à lareira – Aí está perfeito!... – a cama pousa no chão bem devagarinho – Agora vocês não irão sentir mais frio durante à noite, pois por aqui, a temperatura costuma cair muito na madrugada, então... Acho que assim está melhor.

– Muito obrigado Durban! – sorri para ele o senhor Enzo, pensando que poderia ver aquilo à noite inteira que jamais se cansaria – Seu poder é incrível!

– Puxa vida! – olha mais uma vez para aquela cama, o gnomo Durban, tentando se lembrar de mais alguma coisa – Me perdoem!... Mas como vocês vão dormir sem cobertores? – percebe o sorriso da senhorita Carmella, como se ela também concordasse com aquilo – Um momento!... Tlack! Tlock!... – estala os seus dedinhos em um ritmo musical – Prontinho!... cobertores de pelos de cabra. Acho que agora sim... Você não irão passar mais frio.

*

– Qualquer coisa que precisarem, estarei em meu quarto lá em cima, está bem?... – lhe avisa o gnomo Durban, ao fazer a sua reverência habitual antes de se retirar – Durmam com a Paz da Mãe Terra. E que o amor da Esperança possa amenizar o sofrimento da perda que vocês tiveram – olha-os com muita compaixão – Mas não se preocupem... meu companheiros conhecem muitos gnomos que sabem andar por essas terras e.... acredito que iremos reencontrá-los logo logo... Você vão ver!... Mas alguma coisa que poderei ser útil?

– Não!... Não!... Está tudo ótimo por aqui... melhor impossível... mas é claro... a noite ficaria mais perfeita se eles estivessem aqui com a gente – desabafa finalmente o senhor Enzo,

relutando em demonstrar os seus sentimentos, ao olhar de relance para aquelas outras duas camas que infelizmente estavam vazias naquele aconchegante ambiente ao som da lareira.

*

O gномo Durban preferiu não dizer mais nada para os seus convidados naquele momento dolorido, pois em sua experiência, algumas situações na vida não precisavam de palavras, para que uma outra espécie se sentisse acolhida.

Mas mesmo assim, ele acabou utilizando os seus poderes secretos, para que seus convidados pudessem repousar os seus pensamentos na calmaria daquele lugar acolhedor.

*

— Que coisa estranha meu amor! — se deita naquela confortável cama, a senhora Carmella — Por mais que eu esteja preocupada com tudo isso que aconteceu com a gente... o meu coração está em Paz. Estranho isso não acha?

— Estou aprendendo a não achar nada de estranho nesse lugar... — lhe rebate o seu marido, indo se deitar naquela mesma cama — Pois também estou sentindo isso desde que cheguei por aqui. Parece que de alguma forma esse lugar mágico trás um certo alívio para os infortúnios que enfrentamos em nossas vidas. Ou quem sabe... Isso pode ser a magia desses gnomos sobre a nossa maneira de pensar e agir... vai saber.

— É verdade meu amor... muito bem pensado — olha para o teto daquele chalezinho, a senhora Carmella, não conseguindo mais manter os seus olhos abertos — vamos tentar descansar um pouco, porque amanhã será um dia cheio.

— Tudo bem!... Boa noite minha querida! — pronuncia aquelas últimas palavras, o senhor Enzo, se cobrindo até a altura do nariz, ao se aproximar de sua esposa, com a intenção que ela pudesse aquecer-lo com o calor de seu corpo também.

5. A COMITIVA DE UMA BUSCA

Na manhã seguinte, tanto os vinhedos como aquelas coloridas tulipas – que inexplicavelmente ainda floresciam naquele jardim – amanheceram encobertas por uma forte geada. Dando a impressão que a temperatura naquela madrugada, possivelmente devia ter chegado muito perto dos números negativos.

– Bom dia! – fala em voz alta o gnomo Durban, começando a abrir as cortinas da sala, para que o sol gelado pudesse iluminar aquele ambiente – Já preparei o café da manhã... Fiz uma torta de nozes que está simplesmente uma delícia. Dormiram bem?...

– Dormimos sim! – se espreguiça a senhora Carmella, percebendo que estava usando um pijama branco com bolinhas cor de rosa, que não lembrava que tinha vestido na noite anterior.

– Olhem só para a gente!... – se diverte com aquilo o senhor Enzo, ao se levantar daquela cama quente e perceber que também estava usando um pijama com bolinhas azuis – Não me lembro de ter vestido esse pijama na noite passada... E quanto à você meu amor?

– Me desculpem pela minha intromissão... mas eu achei melhor vocês vestirem roupas mais apropriadas para o sono. Espero não ter invadido à privacidade de vocês – fica um pouco sem jeito o gnomo Durban, pensando se tinha utilizado os seus poderes da terra de forma correta.

– Mas de maneira nenhuma Durban!... – balança a cabeça, a senhora Carmella, vendo que no chão também tinha pantufas adequadas ao seu número para vestir – Você é um ser muito especial com toda essa ternura em seu coração.

– Muito obrigada senhora! – Durban fica um pouco sem graça ao demonstrar para os seus visitantes, as suas bochechas coradas – Agora... Venham!... fiz café, chá e aproveitei para pegar leite de búfalo nessa manhã também. Espero que vocês gostem... – volta rapidamente para a sua cozinha, como se estivesse preocupado com outra coisa.

– Imagina o banquete que nos aguarda minha querida?... – lhe alerta o seu marido, pensando em tudo aquilo que tinha comido na noite anterior com a sua família – Ainda me pergunto como uma pessoa pode fazer isso tudo sozinho.

– Bem... pelo que pude perceber... o nosso amiguinho tem o hábito de fazer além do necessário. E ainda não sei como toda essa comida por aqui não estraga, enfim... – intrigase com aquela questão à senhora Carmella, enquanto acompanhava o seu marido por aquele corredor estreito que dava para a cozinha.

– Vai ver... o gosto por aqui permanece o mesmo... para sempre.

– Por favor!... Sirvam-se!... Me apressei porque estava com medo de queimar o bolo de fubá que estava no forno – explica sua situação o gnomo Durban, começando a sentir aquele delicioso aroma de bolo se espalhar por toda a sua cozinha.

– Aprendi a fazer esse bolo com a minha mãe, enquanto ainda estávamos na Itália – explica ao gnomo, à senhora Carmella, se recordando de todas aquelas lembranças que ainda guardava em seu coração.

– Provem! Provem!... Mas reservem um espaço na barriga para o queijo de cabra também – Durban coloca na mesa mais aquele recipiente de prata, demonstrando toda a sua satisfação por ver sua mesa repleta de gostosuras naquela manhã.

– Não sei nem por onde começar... – fica na dúvida o senhor Enzo – Desse jeito... Iremos engordar muito.

– Iremos precisar de muita energia para essa busca... – fala de forma rápida o gnomo Durban, ao colocar um pouco de café com leite em sua xícara.

– Você se incomodaria se comêssemos no chão? – lhe pergunta a senhora Carmella, vendo que o seu marido estava um pouco sem graça em perguntar aquilo diante daquela mesa farta.

– Ops!... Me desculpem mais uma vez... Aonde eu estava com a cabeça... Um momento sim?... Plack! Plock! – o gnomo Durban bate as suas mãos e inexplicavelmente todo aquele conjunto de mesa com as cinco cadeiras de madeira ficam um pouco mais altas do que de costume – Agora está perfeito!

– Nunca irei me cansar de ver a magia nesse lugar... – se deslumbra com aquilo o senhor Enzo – Só temos que lhe agradecer por sua hospitalidade.

– Vamos! Vamos!... Experimentem... Experimentem... – fica na expectativa o gnomo Durban, como se seus convidados estivessem ali para avaliar todo o seu trabalho – Gostaria muito de saber o que vocês acharam de tudo.

– Seu pedido é uma ordem meu amigo – diz com água na boca o senhor Enzo, ao admirar aquela mesa farta – Vou experimentar esse queijo de cabra aqui...

– Pois eu não vou resistir à esse bolo de fubá... – corta uma pequenina fatia, à senhora Carmella – Porque acho improvável que alguma coisa aqui esteja ruim.

– Uhhhh!... O queijo está simplesmente divino meu amigo... – fica com muita pena de engoli-lo, o senhor Enzo, pois sabia que aquele gosto delicioso não era para sempre em sua boca – E o melhor... Não está nada salgado. Nunca experimentei nada parecido em toda a minha vida. E quanto ao bolo meu amor?... Como está?

– Nossa!... – a senhora Carmella evita em falar por alguns minutos, como se quisesse manter o seu paladar em evidência naqueles breves momentos – Estou sem palavras... Pois eu acabei de me lembrar do mesmo bolo que a minha mãe fazia enquanto ainda estávamos na Itália. E acho até que o Durban conseguiu superá-la... – coloca mais um pedaço de bolo na boca.

– Quem sou eu para duvidar de uma excelente cozinheira, não é mesmo?... Agora experimente esse bolo aqui meu amor... Enquanto eu experimento esse bolo de fubá. Tudo bem?... – propõe aquilo para a sua esposa o senhor Enzo, ao sentir que seu paladar estava lhe pedindo algo doce para comer – Tenho certeza que você vai amar esse queijo também.

– Minha nossa! Que maravilha!... – se surpreende, à senhora Carmella, ao colocar um pequeno pedaço daquele queijo em sua boca – Há muito tempo que eu não provo um queijo dessa qualidade. E até acho que é bem difícil encontrarmos uma qualidade dessas em nosso mundo. Podemos até encontrar... mas pagaremos muito para ter esse prazer que estou tendo agora.

– Digo o mesmo em relação ao bolo meu amigo... – tenta se controlar, o senhor Enzo, para que não comer um segundo pedaço daquele delicioso bolo de fubá.

– Plow! Plaw! Pluw!

– Mas que barulho é esse? – se assusta à senhora Carmella, ao escutar um estranho ruído vindo da porta.

– Não se preocupem!... Devem ser meus companheiros... – Lhes avisa o gnomo Durban, ao pousar sua xícara de chá em cima da mesa antes de ir atendê-los.

– Plow! Plaw! Pluw!... Durban?... abra essa porta seu molenga... conseguimos trazer uma comitiva bastante experiente com a gente... – fala de forma bastante entusiasmada Alastor – Acho que você vai gostar!

– Mas que ótima notícia meu amigo! – Durban sorri do outro lado da porta, enquanto se enrolava um pouco para abri-la – Vocês conseguiram trazer quantos gnomos?

– Uhm!... Deixa eu contar aqui... 24 contando comigo, é claro.

– Estupendo!... – Durban desce as escadarias da sua varanda, e se surpreende com aquilo tudo que vê – E pelo visto vocês também trouxeram alguns lobos, ursos e unicórnios para carregarem os nossos mantimentos nessa jornada, não é mesmo?...

– Exatamente! – responde Alastor, olhando para aqueles belos animais no jardim – Eles vão facilitar o nosso caminho.

– Que tal se vocês se apresentassem aos meus convidados, eih?... – propõe Durban, enquanto contemplava a comitiva.

– É uma excelente ideia meu companheiro... – Alastor retorna para perto de sua comitiva, com a intenção que pudesse repassar o convite – Comitiva!... Nossa amigo gostaria muito que vocês entrassem, para que pudesse se apresentar aos nossos convidados. Topam?...

A resposta daquele silêncio coletivo já tinha sido transmitida à diante. Pois Alastor notou que todos estavam descendo de seus animais de transporte, como se aquele sinal já ficasse subentendido que todos tinham aceitado aquele caloroso convite daquele anfitrião.

– Senhor Enzo!... Senhora Carmella! – volta correndo por aquele estreito corredor, o gnomo Durban – Formamos uma Comitiva de 24 gnomos!

– Minha Nossa Senhora!... Mas que ótima notícia meu amigo – olha de forma extasiada o senhor Enzo para o rosto de sua esposa, como se quisesse lhe transmitir toda a esperança em seu coração – Então isso quer dizer... que um número significativo de gnomos se solidarizou com a nossa inestimável perda. Ficamos muito felizes com isso.

– Tomará que eles consigam achá-los o quanto antes, meu amor – fica um pouco apreensiva à senhora Carmella, para ver quem poderia entrar por aquele chalé.

– Fique tranquila meu benzinho... Nós vamos encontrá-los o quanto antes, você vai ver – aperta as mãos de sua esposa, o senhor Enzo, como se quisesse lhe passar toda aquela certeza que já nutria em seu coração.

– Aqui está à nossa Comitiva!... – adentra por aquela cozinha o gnomo Alastor, trazendo consigo todos aqueles que tinha conseguido reunir com seus companheiros na noite anterior – Apresento-lhes... Clóvis... Beatriz... Lana... Kátia... Úrsula... Leônidas... Margarida... Demétrio... Klaus... Bento... Dalva... Astolfo... Paola... Lilla... Leilla... Lailla... Alva... Micaella... Nicolau... Dalila... Nestor... Heitor e por fim e não menos importante... Bóris.

A Comitiva de gnomos se instalou confortavelmente naquela espaçosa cozinha de Durban, porém, alguns ainda estavam um pouco receosos por terem que compartilhar um mesmo espaço com a espécie humana, ao qual, ninguém mais ali tinha contato algum.

– Ainda vou demorar algum tempo, até que eu consiga guardar todos esses nomes em minha cabeça – Explica à senhora Carmella, à todos aqueles gnomos que estavam começando a se servirem na cozinha de Durban.

– Não se preocupem com isso... – tenta tranquilizá-los o gnomo Alastor, acreditando que aquilo pouco importava no momento – Ao longo da jornada vocês irão assimilar aos poucos. De acordo com a convivência, é claro.

– Eu e minha mulher estamos muito agradecidos por vocês terem saído de suas vidas com a intenção de nos ajudar nessa busca – se levanta da mesa o senhor Enzo, como se quisesse brindar aquele momento.

– Não se incomodem em nos agradecer agora... – fala suas primeiras palavras o gnomo Astolfo, enquanto pegava um enorme pedaço daquele bolo de fubá – Nós acolhemos essa missão, porque ainda acreditamos na espécie humana. Quer dizer... Ainda mantemos a nossa esperança acesa em vocês. E ainda por cima... quando soubemos que uma criança tinha desaparecido por aqui... queríamos fazer algo à respeito imediatamente... pois sempre gostamos da maneira que elas pensam e indagam sobre as coisas que estão ao seu redor.

– Acho que todos estão nessa jornada pelos mesmos motivos... – começa a falar a gnoma Leilla, como se todos daquela Comitiva já fossem de sua família – Mas na minha situação, optei em ajudá-los, porque nunca tive o privilégio de conhecer a espécie humana e dessa maneira... vi que essa oportunidade seria a ideal. Pois não sei os meus companheiros... Mas no meu caso, sempre escutei horrores da espécie humana. Minhas amigas sempre me diziam que vocês gostavam muito do Poder e da Destruição e com isso tudo em mente... eu acabei optando em vir para essa jornada com o intuito de aprender o máximo que conseguir da espécie humana, se me permitirem é claro.

– Contanto que nos contem tudo sobre vocês também... não vejo problema algum nisso – complementa o senhor Enzo com um sorriso enorme em seu rosto, na expectativa que houvesse naquela simpática Comitiva, uma maravilhosa troca de culturas.

– É melhor irmos Durban!... – Avisa o gnomo Bento, olhando a floresta pela janela – Quanto mais cedo começarmos é melhor.

– Está bem! Vou lá em cima buscar o meu mochilão, um minuto sim?... – Sai em disparada o gnomo Durban, enquanto os outros gnomos começavam a arrumar a mesa do café da manhã.

– Mas esperem um momento! – alerta à senhora Carmella, um pouco preocupada – Nós não trouxemos nada do nosso mundo com a gente, somente a roupa do corpo.

– O que desejam? – pergunta à eles o gnomo Klaus, como se fosse um gênio da lâmpada.

– Se der para vocês arrumarem algum jeito de nos trazer algumas roupas que temos em nossa casa, que seja quente para que consigamos enfrentar esse frio pela manhã, já

agradeceríamos muitíssimo – pede com muita humildade o senhor Enzo, já tendo consciência do que eles eram capazes de fazer naquele lugar.

– Pleck!... Plock!... Plack!... – Klaus bate suas mãos uma na outra – Pedido feito é sonho realizado! Vejam se está faltando alguma coisa nesses dois mochilões aqui.

– Isso foi incrível!... Mas como vocês conseguiram fazer isso? – fica embasbacada a senhora Carmella, ao ver aquelas enormes mochilas encostadas naquele fogão de lenha.

– São as nossas roupas, minha querida... – avisa o senhor Enzo à sua esposa, enquanto ia abrindo o zíper daqueles mochilões – Está tudo aqui! Veja só isso aqui!... meus moletons... minhas meias, camisas, cuecas. Se eu viesse para cá, com toda a certeza... trazeria isso tudo.

– Deixa eu ver... – a senhora Carmella começa a abrir o zíper do seu mochilão – Da minha parte... Eles também não se esqueceram de nada não... veio tudo certinho... todas as roupas de frio que mais gosto estão aqui. Muito obrigada meu querido!

– Que tal se fossemos nos trocar agora? Enquanto eles ficam aqui ajeitando as coisas até Durban voltar – propõe à sua esposa o senhor Enzo, já carregando aquele mochilão em suas costas.

– Acho perfeito meu amor. Voltamos em um instante pessoal! – avisa à senhora Carmella, enquanto ia seguindo o seu marido pelas escadarias em caracóis.

*

– Estou pronto! – fala alto o gnomo Durban, enquanto ia descendo aquelas escadarias – Acho que não estou esquecendo de nada... Mas aonde estão os meus convidados?

– Eles devem estar no banheiro se trocando... – avisa à ele o gnomo Demétrio, enquanto segurava um xícara de café com leite em sua mão – Klaus teve que pegar algumas roupas deles para levarmos conosco, tendo em vista que eles só vieram com a roupa do corpo.

– Oh não! – se entristece com aquilo Durban, ao pensar que ele mesmo poderia ter sido mais solícito com os seus convidados – Como eu pude me esquecer disso?... Bem... pelo menos vocês estão aqui para me ajudar com tudo, não é mesmo?

– Desculpem a demora! – alerta à eles o senhor Enzo, descendo com muito cuidado aquelas escadarias – Mas já estamos prontos para sair!

O casal estava vestido de uma maneira que pareciam que iriam fazer uma excursão pelo Alasca. Pois tanto à senhora Carmella, como o senhor Enzo, estavam vestindo casacos impermeáveis da cor cinza, que ainda por cima, tinham forros de lã. Sem contar suas calças e

botas, que detinham o mesmo material também. Além é claro, de um belo gorro da cor vermelha, que tinha a intenção de esquentá-los contra o frio cortante daquele inóspito lugar.

– Chegou o grande dia Durban! – lhe comunica o gnomo Leônidas – Se despeça de seu chalezinho, sim?... Pois não sabemos se iremos fazer uma jornada longa ou breve a partir de agora.

Durban olha ao redor de seu chalezinho de uma forma muito emocionada, como se tentasse guardá-lo em sua memória, pois ele nunca poderia imaginar que algum dia teria que sair daquele lugar tão acolhedor, para que ele pudesse ir em busca de um outro mundo que o aguardava cheio de novas oportunidades à serem descobertas.

– Já podemos ir! – Durban evita derramar suas lágrimas na frente de seus companheiros – Que a mãe terra nos acompanhe nessa jornada.

– Estaremos sempre com ela meu amigo. Não se preocupe com isso, está bem? – Lhe conforta a gnoma Úrsula, percebendo toda a expressão de desespero de seu amigo, antes que ele pudesse abrir a porta.

Quando enfim a Comitiva finalmente conseguiu sair daquele chalezinho, para a surpresa dos novos integrantes, alguns belos animais já estavam esperando eles nos jardim, com uma boa quantidade de suprimentos amarrados em suas costas.

– Mas eles vão com a gente também? – arregala os seus olhos à senhora Carmella, ficando absolutamente fascinada ao ver todos aqueles belos animais naquele jardim.

– Mas é claro! – responde de forma muito convicta a gnoma Beatriz, indo em direção à sua loba cinzenta – Pois como a senhora pensou que percorreríamos grandes distâncias... a pé?

– Eles são simplesmente deslumbrantes! – fica muito fascinado com aqueles belos animais o senhor Enzo – Nunca pensei que faríamos à busca com todos esses unicórnios... ursos... pôneis e... lobos?

– Sim! Sim!... São lobo sim! – lhe responde o gnomo Astolfo, indo em direção à um – Só que eles tem o mesmo tamanho que os ursos. Por isso que o senhor não soube em um primeiro momento identificá-los. São bonitos, não são?...

– E como! – responde pelo seu marido à senhora Carmella – Mas em qual desses animais nós vamos?

– Bem... separamos um unicórnio para a senhora e um urso preto para o seu marido... – aponta com a mão para aqueles belos animais a gnoma Laila – Se não se incomodarem é claro.

– Mas de maneira nenhuma... – caminha euforicamente em direção ao seu urso, o senhor Enzo, como se eles já se conhecessem há muito tempo.

– Tome cuidado meu amor! – fala em voz alta à senhora Carmella, temendo que o animal pudesse reagir de forma totalmente hostil à ele.

– Pode deixar benzinho!... Não se preocupe!... Pelo jeito esse urso não aparenta ser selvagem como vemos em seu habitat na televisão – o animal opta em deitar no chão, como se estivesse permitindo que o montasse.

– Já pode montar em seu unicórnio senhora Carmella! – lhe passa aquelas coordenadas à gnoma Alva, indo em direção à ela.

– Ah sim!... muito obrigada minha querida – a senhora Carmella se aproxima daquele unicórnio, com um certo receio que pudesse tomar algum coice.

– Olha amor!... O urso gostou de mim. Veja só!... Montei nele sem nenhum problema. Você vai conseguir também.

A senhora Carmella respira fundo, ao chegar bem perto daquele unicórnio branco, temendo que o pior pudesse acontecer num piscar de olhos.

– Puxa vida!... – se admira à senhora Carmella, ao ver uma espécie de reverência que aquele belo animal tinha acabado de lhe fazer, como se ela fosse uma rainha – Isso é incrível!... – faz um pequeno carinho na cabeça do unicórnio, antes de montá-lo – Por um simples instante... pensei que isso seria impossível de acontecer. Afinal de contas... esses animais nunca conviveram com a gente antes. Como eles podem ser tão respeitosos e ao mesmo tempo carinhosos com a gente? – lhes interroga já montado em seu de seu unicórnio.

– É porque nós conversamos com todos eles antes... – lhe responde a gnoma Kátia, enquanto montava rapidamente em seu urso polar – e explicamos que essa jornada seria muito importante para vocês, pois deve ser horrível perder quem a gente ama em um universo desconhecido como esse.

Ao escutar aquilo, imediatamente à senhora Carmella conseguiu compreender que naquele lugar, até mesmo os animais agiam de uma forma inexplicavelmente mágica. Havendo uma harmonia inacreditável com as outras espécies, sem que houvesse à selvageria habitual de sobrevivência instaurada naquele lugar.

E assim, toda a Comitiva, aos poucos, começou a sair do Vale das Tulipas Coloridas, por um estreito caminho de barro que ia até as montanhas que ficavam ao sul.

– Que a nossa jornada esteja repleta de aprendizagens! – Se pronuncia o gnomo Durban, ao olhar por uma última vez para o seu chalé, tendo deixado tudo o que mais gostava para trás.

– O desconhecido sempre irá nos ensinar alguma coisa meu amigo... por mais que muitas das vezes... não estejamos preparados para enfrentá-lo adequadamente – tenta confortá-lo Alastor, enquanto contemplava todas aquelas belas montanhas cobertas com muita neve à frente.

– O que vocês estão levando com esses animais? – lhes pergunta o senhor Enzo, ao notar os primeiros flocos de neve que começavam a cair do céu.

– São os nossos suprimentos – responde rapidamente o gnomo Nicolau, como se aquilo fosse a coisa mais importante em sua vida.

– Mas não é só isso que estamos levando não... Pois eu por exemplo, além dos alimentos é claro, também estou levando algumas barracas para que possamos acampar à noite – lhe explica o gnomo Leônidas, indicando aquela bolsa verde que seu lobo branco estava carregando no lado esquerdo de suas costas.

– O tempo já está mudando! – Alerta à senhora Carmella, percebendo que o seu casaco já continha alguns pingos de flocos de neve.

– Preparem-se!... – fala em voz alta o gnomo Bóris, como se já fosse o líder daquela Comitiva – Estamos indo em direção as Montanhas Solitárias – aponta a sua frente o gnomo, se maravilhando com a beleza natural daquele lugar.

A Comitiva logo percebeu a mudança de temperatura, enquanto os seus animais começavam a pisar em espessuras cada vez mais densas de neve, onde antes só se tinha o barro à sua frente.

– Por que vocês à chamam de Montanhas Solitárias? – fica curiosa à senhora Carmella, ao perceber que o seu unicórnio tinha diminuído o ritmo de suas passadas por causa da neve.

– Porque ninguém ousa se fixar em um terreno instável – responde a gnoma Lana, temendo que algo pudesse acontecer à eles durante à travessia.

– Então por que estamos indo para lá? – fica muito preocupada à senhora Carmella, pensando no pior.

– Infelizmente é o único caminho que temos para percorrer – lhe responde o gnomo Bento, querendo que houvesse um outro caminho alternativo também.

– E que garantia temos se algo de ruim acontecer com a gente? – torna a perguntar à senhora Carmella, demonstrando todos os seus medos diante do desconhecido.

– Me desculpa senhora!... Mas não vivemos à nossa vida assim... Pois sempre jogamos para o universo fluidos de bondade e de esperança – lhe responde o gnomo Klaus, não gostando nenhum pouco daquelas incertezas.

– Mas vocês não se preparam para o pior? – insiste naquela situação à senhora Carmella, começando a inclinar o seu corpo para enfrentar o início íngreme daquelas montanhas em sua frente.

– Mas é claro que nos preparamos... – assume aquela explicação o gnomo Alastor, sabendo que o seu companheiro não iria querer responder mais aquilo – Mas quando algo de ruim acontece com a gente, sempre tentamos tirar algo de positivo para o nosso próprio aprendizado. Pois não temos o hábito de lamentar o porque que isso ou aquilo chegou a acontecer conosco, mas sim... Para que isso aconteceu?... O que mudou em nosso interior depois que o fato ruim aconteceu?... Entenderam agora?... Acreditamos que isso faz toda a diferença se quisermos estar aqui na terra para protegê-la e ao mesmo tempo, progredir junto com ela também.

– Isso faz todo o sentido! – comprehende com muita atenção o senhor Enzo, querendo levar aqueles ensinamentos para a sua vida também.

– Vamos começar a subir!... – se ajeita em seu pônei a gnoma Úrsula, começando a sentir um pouco mais de dificuldade para respirar, por causa daquele ar gelado que entrava em seus pulmões – Tomem cuidado!... O pior ainda está por vir.

A neve começava a cair do céu em espessuras cada vez maiores.

– É melhor nos apressarmos se quisermos montar um acampamento confortável para a gente lá em cima – expõe seus planos iniciais a gnoma Micaela, ao pensar no bem de estar de todos.

– Você tem razão Micaela! Não podemos deixar que a neve dificulte a nossa passagem – olha para baixo o gnomo Clóvis, temendo que o seu pônei não conseguisse passar sob aquela espessura de neve.

– Que tal se deixarmos ir na frente aqueles que estão montados em unicórnios, pôneis e lobos gigantes? – propõe à seus companheiros à gnoma Alva, ao perceber o aumento da nevasca – Que tem patas mais finas e são muito mais ágeis que os ursos, pois dessa maneira, saberemos que os ursos conseguiram enfrentar à neve, enquanto os outros já estarão são e salvos lá em cima.

– Excelente ideia Alva!... – o gnomo Astolfo faz os mesmos comandos com as suas mãos, para que o seu urso diminuísse o ritmo de suas passadas também – É preferível deixarmos os ursos por último mesmo... já que eles conseguem andar mais facilmente por cima da neve do que os outros animais.

Dessa maneira, a Comitiva optou em deixar na linha de frente, aqueles gnomos que estavam montados em pôneis, unicórnios e lobos gigantes, tendo em vista que esses animais eram muito mais rápidos do que os que estavam montados em ursos, que por outro lado, poderiam enfrentar muito bem à dura nevasca que começava a se instaurar ao longo daquela íngreme subida.

– Se apressem pessoal! – esbraveja Bóris, enquanto olhava para aqueles que tinham ficado para trás – Nós não temos o dia todo.

– Nos vemos daqui a pouco meu amor... – lhe beija à senhora Carmella, antes que o seu unicórnio iniciasse aquela subida – Estarei te esperando lá em cima, viu?

– Está bem minha querida... Só tome cuidado com o solo, pois o gelo pode enganar os olhos – lhe aconselha o senhor Enzo, ao olhar para o topo daquela montanha e perceber que lá em cima tinha muito mais gelo do que onde eles estavam.

– Pode deixar meu amor!... Te prometo que tomarei todo o cuidado do mundo.

– Vamos minha senhora! – alerta-a o gnomo Leônidas, percebendo que aquele unicórnio ainda estava muito atrás de seus pares naquela subida – Só falta você!

Naquele instante, a comitiva teve que se separar em dois grupos, deixando para trás os gnomos que estavam montados em seus respectivos ursos, que ocasionalmente detinham mais condições físicas para enfrentar aquela terrível nevasca que se alastrava por toda a Montanha Solitária.

– Estou começando a ter muito falta de ar! – se preocupa com aquilo à senhora Carmella, ao notar que quanto mais o seu unicórnio subia, mas difícil era para ela respirar.

– Isso é normal!... É porque quanto mais subimos na altitude mais o oxigênio fica escasso – explica à ela a gnoma Paola, enquanto desmontava de seu pônei.

– Daqui a pouco o nosso corpo se habitua à essa mudança de altitude – tenta tranquilizá-la a gnoma Margarida, ao perceber que a sua loba já estava com a língua de fora.

– Só espero que você tenha razão! – começa a inspirar o ar para dentro de seus pulmões, à senhora Carmella, com a intenção que pudesse ir soltando-o aos poucos naquele ambiente inóspito.

– Já estamos no meio do caminho pessoal!... – avisa mais uma vez o gnomo Bóris, ao perceber que a neve já estava muito mais espessa naquele lugar – Só tomem cuidado com a densidade da neve para que ninguém fique preso nela... me ouviram bem?...

– Muito obrigado por nos avisar meu companheiro! – lhe responde o gnomo Demétrio, prestando muito mais atenção por onde o seu unicórnio estava pisando agora – Pode deixar que tomaremos mais cuidado a partir desse trecho.

– Isto está sendo bem mais complicado do que pensei... – desabafa o gnomo Bento, já notando que o sol já estava se pondo do outro lado das montanhas – Será que vamos conseguir chegar até lá em cima antes do anoitecer?

– Espero que sim! Pois estou planejando montar as nossas barracas lá em cima ainda hoje – lhe responde a gnoma Leilla, apressando o seu unicórnio para que ele pudesse ir mais rápido.

Depois de 2 horas e 45 minutos de muita nevasca, todos os gnomos do primeiro grupo conseguiram enfim, chegar ao topo da Montanha Solitária. Porém, à senhora Carmella ainda tinha ficado um pouco para trás – junto com o grupo dos ursos polares – por causa da dificuldade que estava enfrentando para respirar naquele local.

– Estamos quase conseguindo garota! – começa a conversar com o seu unicórnio à senhora Carmella, percebendo que ela estava muito cansada para continuar a caminhar em cima daquela neve toda.

– Acho melhor você sair de cima do unicórnio minha senhora... – tenta alertá-la a gnoma Leilla, temendo que ela pudesse ser engolida pela nevasca – Pois eu acho que ela não está suportando o seu peso, mais a escassez de oxigênio nessa altitude toda.

– Muito obrigada pela dica!... – desmonta imediatamente de seu pônei, à senhora Carmella – Puxa vida!... Não é que o problema era esse mesmo... Me desculpe minha garota!... Não sabia que eu estava te cansando também junto com a falta de oxigênio desse lugar... Como fui burra!

– Venha logo!... Agora falta pouco! – fala em voz alta a gnomo Lilla, notando que aquele unicórnio tinha retomado a sua cadência normal.

Mas inesperadamente, quando faltava apenas alguns passos para que à senhora Carmella e seu unicórnio, pudessem enfim, chegar ao topo daquela Montanha Solitária, eis que todos escutam um estranho ruído bem peculiar vindo da neve.

– Track! Treck! Track! Treck!

– O gelo está se quebrando!... – berra a plenos pulmões o gnomo Bóris, tenta alertá-los do perigo iminente que estava prestes a acontecer – Cuidado!... Andem mais rápido!... Venham logo!

– Vamos garota!... Só mais um pouco... Você consegue... Isso!... Muito bem minha menina! – à senhora Carmella finalmente consegue chegar ao topo, enquanto via o segundo grupo da Comitiva, um pouco mais embaixo.

– Track! Treck! Truck! TOFTT!

– Meu Deus!... Não pode ser!... Ela caiu! – não consegue acreditar em seus próprios olhos à gnoma Micaela.

Todos da Comitiva ficaram totalmente petrificados com aquele desastre. Pois a senhora Carmella tinha acabado de chegar ao topo das Montanhas Solitárias junto com o seu unicórnio. Mas infelizmente, no momento em que ela tinha firmado os seus primeiros passos no chão, o gelo acabou repartindo, levando-a para um estranho buraco que se abriu na neve.

– Senhora Carmella!... Senhora Carmella! – chama por seu nome o gnomo Bento, ao se aproximar daquele buraco – A senhora está bem?

– Aiiiiiiii!... – tenta se levantar à senhora Carmella, temendo que possa ter quebrado algum osso com a queda – Não sei ao certo, mas... Acho que sim!

– Pessoal!... Venham aqui um instante! Vejam!... Ela conseguiu se levantar sem maiores problemas, mas a grande questão é... Como iremos tirá-la desse buraco? – se preocupa com

aquilo o gnomo Bóris, tentando traçar em sua cabeça, algumas soluções para aquele tipo de problema.

– Deixa eu ver a profundidade desse buraco... – se aproxima daquele local a gnoma Margarida – O buraco até que não é tão fundo assim... Que tal se fizermos uma espécie de corrente com os nossos próprios corpos?

– Até que não seria uma má ideia... – lhe apoia o gnomo Klaus, compreendendo que talvez aquela seja a única maneira de resgatá-la daquele lugar.

– Teremos que esperar o segundo grupo chegar... – olha para baixo o gnomo Klaus, tentando avistar o restante da Comitiva – Pois somente os ursos tem a força necessária para esse serviço.

*

– Acho que alguma coisa deu errado – avisa aos seus companheiros o gnomo Durban, já conseguindo avistá-los lá em cima.

– Como assim algo deu errado? – se preocupa com aquilo o senhor Enzo, temendo que algo possa ter acontecido com a sua esposa.

– Ainda não sei ao certo... mas pelo jeito que estão nos chamando é porque precisam de nossa ajuda – argumenta o gnomo Durban, percebendo que o semblante de todos lá em cima não estava muito bom.

– Então vamos logo grandão!... – se segura mais firme naqueles pelos o senhor Enzo, como se aquele gesto fosse uma espécie de sinal para que o seu urso pudesse andar um pouco mais rápido naquela nevasca.

Para desespero do senhor Enzo, o pior já tinha acontecido quando ele tinha conseguido finalmente chegar ao topo das Montanhas Solitárias, junto com os outros gnomos que o acompanhavam.

– Não me digam que... – se aflige o senhor Enzo, por não conseguir ver sua esposa lá em cima junto com os outros – Meu amor!.... Você está bem?... –

– Estou meu querido! Mas não se preocupe... Acho que não quebrei nenhum osso... Dei sorte... Acabei caindo em neve fofa – tenta tranquilizá-lo a senhora Carmella, com um belo sorriso em seu rosto.

– Como vamos tirá-la desse buraco? – pergunta aos gnomos o senhor Enzo, tentando manter a calma diante daquela situação.

– Estávamos esperando vocês para isso. Pois estivemos pensando à respeito e... – engole em seco o gnomo Klaus, torcendo para que aquela ideia desse certo – A única maneira que temos de resgatá-la e se fizermos uma espécie de corrente entre a gente, onde o primeiro que entrará no buraco, ficará com as mãos livres para agarrar as mãos da senhora Carmella, enquanto todos os outros segurarão nos pés de seus respectivos parceiros, no mesmo tempo em que, os ursos e os outros animais ficarão encarregados de nos puxar até a superfície novamente. Entenderam?...

– Ótima ideia! – concorda com aquele plano o senhor Enzo, querendo recuperar logo a sua esposa daquele lugar.

– Me ofereço à ser o primeiro a entrar no buraco! – levanta as suas mãos o gnomo Bóris, enquanto todos os outros começavam a ficar perfilados atrás dele – Ficarei encarregado de segurá-la até que os ursos e os outros animais nos puxem de volte. Ok?...

– Agarrem uns nos pés dos outros! – pede à Comitiva a gnoma Kátia, ao se assustar com aquela bela sincronia.

– Vou ficar por último para dar mais segurança na pegada – comunica o senhor Enzo à Comitiva, ao ver o lindo movimento daqueles animais que estavam apostos para fazer a retirada de todos aqueles gnomos que começavam a adentrar aquele buraco.

– Estamos entrando para resgatá-la senhora Carmella! – Avisa à ela o gnomo Durban, preferindo fechar os seus olhos na medida em que seu corpo afundava naquele buraco – Fique calma que já já vamos retirá-la daí. Tá bem?

– Senhora?... Você vai ter que segurar em minhas mãos, tudo bem?... – lhe avisa o gnomo Bóris, enquanto se aproximava cada vez mais dela.

– Sem problemas! – já levanta as suas mãos à senhora Carmella, ficando na expectativa daquele resgate.

– Quando você segurar nas mãos de Bóris é só gritar... Me puxe!... que os animais entenderam o comando, entendeu?... – lhe explica a gnoma Beatriz, na esperança que aquele plano desse certo.

– Tudo bem! Entendi... Pode deixar – responde um pouco apreensiva à senhora Carmella, temendo que os gnomos não conseguissem aguentar o peso dela por muito tempo.

– Estou chegando perto!... Mais um pouquinho!... Isso mesmo!... Continuem!... Aí!... Aí está perfeito! – consegue agarrar as mãos da senhora Carmella, o gnomo Bóris, enquanto os

outros passavam a informação adiante, com a intenção que os animais parassem de descê-los por aquele buraco.

– Podem parar!... Excelente! Agora podem puxá-la o mais rápido que conseguirem, por favor! – pede educadamente o senhor Enzo para aqueles animais que começavam a demonstrar seus esforços para que aquele plano desse certo.

O gnomo Bóris, nos primeiros minutos de subida, começou a sentir muita dificuldade por ter que segurar uma espécie que era muita mais pesada do que a dele. E instantaneamente, notou que o seu companheiro de trás também estava tendo as mesmas dificuldades que ele.

– Aguente firme Nicolau!... – tenta motivá-lo o gnomo Bóris, percebendo que as mãos dele estavam começando a se afrouxar em seus pés – Só mais um pouquinho e conseguiremos chegar na superfície novamente.

– Estoouuu... tentandoooo... masssss... Está muitooo pesadooo! – range seus dentes Nicolau, vindo a soltar uma de suas mãos que estava segurando os pés de Bóris.

– Minha mãe terra! – Bóris fica com o seu corpo totalmente torto na subida, levando-o a apertar ainda mais as mãos da senhora Carmella, com medo que ela pudesse escorregar no meio do caminho – Andem logo com isso!... Não sei se vamos aguentar por muito mais tempo.

No exato momento em que a Comitiva estava perdendo as suas forças, os animais finalmente conseguem utilizar suas últimas energias para puxá-los daquele claustrofóbico buraco em segurança. Evitando assim, uma terrível catástrofe.

– Uffffaaaaa!... Conseguimos!... Graças a Mãe Terra conseguimos resgatá-la em segurança – se sente muito mais aliviada a gnoma Úrsula, ao pensar por um instante, que aquele plano poderia ter dado errado.

– Como você está meu amor?... – lhe apalpa o senhor Enzo, se certificando para ver se sua esposa tinha quebrado alguma coisa com a queda – Você caiu de uma altura muito grande... Ficamos todos preocupados com isso.

– Estou bem meu querido!... Não foi nada... Já estou pronta para voltar ao meu destino – Se levanta logo à senhora Carmella, percebendo que o sol já estava quase se pondo ao fundo daquele céu cravejado de nuvens.

– Pensando bem minha senhora... – também contempla aquela bela paisagem lá de cima o gnomo Clóvis – Acho melhor não prosseguirmos mais por hoje. Até entendo que a senhora ainda está cheia de energia para gastar, mas não é aconselhável descermos essas Montanhas ao anoitecer, me comprehende?...

– Tudo bem!... Mas como vamos passar à noite aqui em cima? – pergunta ao gnomo à senhora Carmella, já imaginando o frio que todos iriam passar.

– A senhora não tem com o quê se preocupar... Pois Leônidas, Alastor, Demétrio e Clóvis ficaram encarregados de trazer as nossas barracas de acampamento – Lhe explica o gnomo Bóris.

– Mas será que o vento não irá atrapalhar? – pergunta aos gnomos o senhor Enzo, duvidando que aquela ideia fosse dar certo naquele lugar completamente hostil.

– Acho que vocês ainda não acreditam em todo o nosso poder, não é mesmo?... – argumenta o gnomo Leônidas, querendo muito ver as expressões de surpresa dos dois, quando tudo estivesse pronto – Esperem e verão!

Aos poucos, os quatro gnomos foram montando as respectivas barracas de acampamento, fixando-as com cordas de aço em enormes blocos de gelo que estavam espalhados ao redor daquelas montanhas solitárias.

– Calo a minha boca! – diz o senhor Enzo, ao ver aquelas quatro barracas muito bem montadas – Ficaram simplesmente incríveis!... Me lembro até de alguns espetáculos de circo que assistia quando pequeno, em barracas como essas.

– Mas quem disse que a surpresa acabou?... – cria a sua expectativa o gnomo Leônidas – Se preparem para entrar!

– Só espero que dentro desses lugares seja um pouquinho mais quente, né meu amor?... – desabafa à senhora Carmella, não aguentando mais aquele frio cortante em sua pele.

– Vocês terão que entrar primeiro para terem certeza – abre uma das barracas o gnomo Nicolau, esperando que eles pudessem entrar para conferir com os seus próprios sentidos.

Para a grande surpresa do casal, ao entrarem, os dois começaram a sentir aquele vapor quente na pele, que era um grande sinal que aquele ambiente estava sendo aquecido aos poucos. Mas não foi somente isso que os deixaram em choque, pois por dentro, em nada se parecia com uma simples barraca de acampamento, muito pelo contrário, aquilo mais parecia

um chalé de caçador, porém, sem que tivesse diversos tipos de animais empalhados na sala de estar, servindo como enfeites de decoração.

– Nossa!... Isso é incrível!... Até se parece com o seu chalezinho Durban – se dirige ao gnomo à senhora Carmella, ao perceber que não sentia mais frio naquele lugar.

– Mas que ambiente acolhedor!... – os olhos do senhor Enzo simplesmente brilhavam com a luz da admiração – Eu nunca poderia imaginar que por dentro seria assim...Tão diferente em comparação com o quê presenciamos por fora.

– Que isso sirva de lição à vocês... – fala em um tom de sabedoria o gnomo Alastor – Jamais julguem o exterior de algo, sem que antes tenham conhecido o interior.

Aos poucos, os gnomos da Comitiva foram se dividindo entre aquelas quatro barracas que tinham sido montadas no topo daquelas Montanhas Solitárias, enquanto a lua ia surgindo no céu avermelhado, iluminando as constelações de estrelas que começavam a surgir como guias daqueles que não tinham medo de se encontrarem no desconhecido.

– E para celebrarmos o nosso primeiro dia de jornada... – fala em voz alta o gnomo Nicolau – Nada melhor do que uma boa comida para encerrarmos o dia, não acham?

Inexplicavelmente, todas as barracas começaram um processo de abastecimento tanto de comida como de bebida, que acabaram deixando o senhor Enzo e a senhora Carmella muito surpresos.

– Mas como isso é possível? – pergunta bem baixinho para o seu marido, à senhora Carmella, com medo que os outros pudessem escutá-la.

– Se tem uma coisa que eu acabei de aprender por aqui é a seguinte... – observa atentamente a movimentação de todos aqueles gnomos, em volta daquela mesa de jantar perto da lareira – Jamais duvide dos poderes de um gnomo... pois o impossível para eles... sempre se tornará realidade, então... Prefiro acreditar em toda essa magia que nos permeia, você não?...

– Prontinho!... Até que foi bem rápido. Pensei que íamos demorar mais para por toda a mesa do jantar – se sente um pouco mais aliviada a gnoma Lana, vendo que os seus companheiros estavam mais preocupados com a bebida do que com a comida.

– Com licença!... – pede educadamente à senhora Carmella – Mas aonde ficam os quartos?

– Mas vocês não vão ficar para comer? – pergunta à ela o gnomo Durban, ao olhar para um rosto que já trazia suas marcas de cansaço.

– Peço desculpas!... Mas infelizmente não aguentamos mais... – olha com pesar para o seu marido – Acho que estamos tão cansados que não vamos ter forças nem para comer. Mas mesmo assim, agradecemos a hospitalidade de vocês.

– Se é assim que vocês preferem... Que assim seja! Os quartos de vocês ficam no segundo andar minha senhora... – faz uma pequena reverência aos dois, o gnomo Astolfo, como se fosse um mordomo refinado.

– Muito obrigado! – lhe agradece educadamente à senhora Carmella, puxando o seu marido com as mãos.

O casal começou a subir aquelas escadarias de madeira, já deixando transparecer a falta de vigor físico que já não tinham mais. Ao contrário daqueles gnomos que estavam bebendo e comendo lá em baixo. Que também aparentavam ter muitos anos de vida, mas que por outro lado, ainda mantinham sua energia e vitalidade em dia.

– Minha Nossa!... Mas que quarto espaçoso! – se espanta o senhor Enzo.

– Finalmente uma cama! – Deita com muito cuidado à senhora Carmella.

– Hoje foi um dia muito cansativo meu amor... – também deita na cama o senhor Enzo, refletindo sobre o que tinha passado – Será que iremos aguentar essa jornada até o fim?

– Temos que aguentar!... As condições poderiam ser bem piores, não achas?...

– Com toda a certeza! – se cobre o senhor Enzo, ao perceber que dentro daquela barraca não fazia tanto frio assim.

– Será que eles estão bem? – à senhora Carmella olha para o seu marido, com um semblante de preocupação.

– Eu acho que estão sim!... Porque se não os gnomos tinham nos contado as suas preocupações com o rapto, não acha?

– Bem... quanto à isso... eles podem muito bem ter nos privado de suas preocupações, ou quem sabe... Eles realmente não sabem de muita coisa à respeito dessas Abomináveis Mulheres das Neves, e por isso não nos contaram muita coisa à respeito delas. Vai saber... – fica muito angustiada com aquilo, à senhora Carmella, com um certo receio que eles possam estar passando frio naquele exato momento.

– No final vai dar tudo certo meu amor... – lhe segura a sua mão, o senhor Enzo, tentando transmitir a sua segurança – Não se preocupe tanto assim. Vamos pensar em um dia de cada vez, viu?... Dessa maneira é melhor.

Com as pálpebras já muito pesadas pelo reflexo do cansaço, o casal finalmente conseguiu reposar pela noite adentro, sonhando com o tão almejado reencontro, que trazia muito mais sentido para as suas vidas.

Na manhã do outro dia, o casal tinha dormido mais do que o necessário. Porém, os gnomos não se atreveram a se intrometer naquele merecido descanso, afinal de contas, eles sabiam que para aquele tipo de espécie, os anos exerciam um certo peso para o desempenho corporal. E por esse motivo, todos da Comitiva ficaram esperando eles lá em baixo, sem que fizessem um ruído sequer.

– Bom dia meu amor!... Como você passou à noite? – pergunta o senhor Enzo, ao lhe dar um pequeno beijo em seus lábios.

– Tive um dos melhores sonos da minha vida... Dá para acreditar nisso?... – se intriga com aquilo à senhora Carmella, achando impossível que aquilo pudesse acontecer, sem que o restante de sua família estivesse por perto.

– Por incrível que pareça... Eu também tive a melhor noite da minha vida meu amor.

– Mas é melhor descermos, meu querido... Podemos ter perdido à hora.

– Concordo com você meu amor – se levanta rapidamente daquela cama o senhor Enzo.

*

– Desculpem o atraso! É que não temos mais a mesma energia de antes.

– Vocês não precisam se desculpar por isso, imagina... Entendemos perfeitamente a situação de vocês, afinal de contas... A espécie de vocês vai perdendo a vitalidade ao longo dos anos e isso é bem normal – se arrepende um pouco por ter dito aquilo, o gnomo Leônidas, com medo que pudesse estar sendo muito indelicado por sua sinceridade.

– Se me permitem sugerir... – se pronuncia o gnomo Bóris – Será que vocês poderiam tomar o café da manhã pelo caminho?... É porque já estamos um pouco atrasados.

– Ah sim!... Mas é claro!... Sem problemas – sorri para ele o senhor Enzo, ao ver aquela mesa do café da manhã, sendo recolhida pelos outros gnomos.

Conforme a Comitiva foi descendo as Montanhas Solitárias pela manhã, a luz do sol foi aos poucos, iluminando todas aquelas árvores que estavam cheias de neve em suas estruturas, dando a impressão que a qualquer momento, pudesse cair, devido ao peso extra que carregavam durante todo aquele inverno.

– O visual daqui de cima é simplesmente maravilhoso – se fascina com aquilo, à senhora Carmella, ao perceber que não tinha mais dificuldade para respirar lá em cima.

– Tomem cuidado na descida! – alerta o gnomo Bóris, temendo que pudesse acontecer algo de ruim com eles mais uma vez – Vamos tentar manter o ritmo até lá em baixo.

– Mas esperem um momento... Como nós iremos passar pelo rio? – lhe pergunta o gnomo Nicolau, tentando ver se tinha uma outra alternativa que não fosse aquela travessia.

– Opa! Opa!... Deve ter um outro jeito – se assusta com aquilo o gnomo Durban – Vocês sabem muito bem que eu tenho medo de água, e ainda por cima, não sei nadar.

– Mas você está vendo um outro jeito?... – lhe pergunta sem paciência, o gnomo Leônidas, ao se deparar com a extensão daquele rio.

– Você terá que enfrentar todos os seus medos se quiser avançar nessa jornada, meu amigo... – argumenta sabiamente a gnoma Dálila, pensando em suas próprias limitações também.

– Mas acho que Durban não precisará enfrentar o seu medo de água... – aponta rapidamente para o rio, o gnomo Alastor – Pois olhem lá... a maré está baixando pessoal

– Você é muito sortudo meu amigo... – sorri para ele o senhor Enzo, se sentindo muito mais aliviado também – Então está tudo resolvido... Teremos que esperar a maré baixar, para podermos realizar à Travessia.

– Não é tão simples assim meu senhor... Pois antes de mais nada... temos que calcular por quantos minutos o rio vai ficar com essa maré baixa, para que depois possamos atravessar sem que sejamos surpreendidos pela correnteza novamente, entendeu?... – observa cuidadosamente o gnomo Klaus.

– Bem pensado Klaus! – concorda com o seu companheiro, o gnomo Demétrio.

Chegando ao fim daquela íngreme descida, a Comitiva esperou pacientemente a maré baixar, para que todos pudessem fazer à travessia, por aquelas pedras que iam aos poucos, aparecendo conforme o nível da água ia descendo.

– Ao meu sinal!... Esperem mais um pouco! – fala em voz alta o gnomo Bóris, se preparando para atravessar – Agora!... Me acompanhem!... Sejam rápidos! – sente o seu coração disparar, como se a adrenalina invadisse todo o seu corpo.

Os 26 integrantes daquela Comitiva, começaram a fazer aquela travessia com muito cuidado, depositando em seus animais de transporte, à coragem que faltava dentro de seus corações.

– Vamos lá garoto!... Você consegue! – fala nos ouvidos de seu urso, o gnomo Durban, resolvendo lhe agarrar com muito mais força, enquanto escutava suas passadas na água.

– Andem!... Vamos! Vou ficar por último! – comunica o gnomo Alastor, preferindo ver à salvo os seus companheiros primeiro.

– Se é assim... eu também fico! – informa à Comitiva o senhor Enzo.

– Não demore... Estou te esperando do outro lado, viu?... – se despede de seu marido à senhora Carmella, sentindo muito orgulho de sua bravura naquele momento.

– Se queremos cuidar uns dos outros nessa jornada, alguns terão que se arriscar – justifica à sua escolha o senhor Enzo.

– Se prefere assim... Tudo bem meu amor.

Mas inexplicavelmente, quando os dois começam a fazer à travessia pelo rio, a maré começa a subir em um ritmo muito mais rápido do que de costume. Passando à angustiante sensação para a Comitiva, de que eles talvez não consigam fazer a passagem à tempo.

– Vamos Alastor!... Já estamos no meio do caminho! – se preocupa com o nível da maré, o senhor Enzo.

– Estou bem atrás de você, meu amigo... – avisa Alastor, enquanto começava a escutar um barulho bem incomum vindo daquele rio.

– Chiiiiii!... Cheeeee!... Chaaaaaaa!

– Que barulho é esse?... – tenta escutar melhor à senhora Carmella, indo na beira do rio para ver o que era.

– Essa não!... Posso até estar enganado, mas parece o barulho da água vindo... – teme pelo pior o gnomo Astolfo, reconhecendo perfeitamente aquele barulho.

– Mas como isso não aconteceu antes? – fica sem entender aquilo à senhora Carmella.

– Vai ver a maré fica mais forte nessa hora do dia – tenta explicar aquele ruído se aproximando o gnomo Klaus.

Com o volume de água se aproximando, os últimos ursos acabam ficando muito assustados por sentirem o tremor do solo em suas patas, e inesperadamente, decidem sair em disparada até o outro lado da margem, deixando para trás, os últimos integrantes daquela Comitiva.

– Uffffaaaa! Conseguimos meu amigo... Essa foi por pouco, eih?... – suspira mais aliviado o gnomo Alastor, por ter conseguido chegar do outro lado do rio, pensando que o seu companheiro também tivesse conseguido.

– Nãooooooo!... Façam alguma coisa! Não fiquem aí parados! – grita de desespero à senhora Carmella, ao ver a dificuldade que o seu marido estava tendo, para sair do lugar por causa do aumento rápido da maré.

– Entendemos a sua angústia minha senhora... mas não podemos nos arriscar, porque a maré pode levar mais integrantes da nossa Comitiva, a senhora me entende?... – fala com um pesar enorme em sua voz, a gnoma Alva, ao tentar confortá-la, enquanto todos os outros viam aquele terrível volume de água descendo pelo rio, de uma forma totalmente avassaladora.

– Vou ficar bem meu amor!... – fala em voz alta o senhor Enzo, tentando pensar positivo, mesmo sabendo que aquela enorme onda que estava vindo em sua direção, poderia simplesmente matá-lo.

– Mas você não vai ao menos tentar?... – lhe pergunta a sua esposa, não entendendo os motivos que o fizeram parar para contemplar aquela enorme onda que se aproximava – Não faças isso comigo, me escutou bem?... Nem pense em me abandonar nessa jornada!

Com os braços abertos, o senhor Enzo acabou sentindo todo o impacto daquela onda em seu peito, ocasionando um leve desmaio, que o fez ser levado pela correnteza do rio, que assustadoramente terminava em uma gigantesca cachoeira.

– O que será da minha vida agora?... – se pergunta à senhora Carmella, ao perceber que o seu marido não estava mais naquele lugar – Será que eu vim até aqui para perder as pessoas que eu mais amo na vida?... O que eu fiz para merecer isso?

– Sei que isso é muito difícil de entender minha senhora... Mas nós estamos aqui para te ajudar, viu?... Você não está sozinha nessa jornada. Nós iremos encontrá-lo. É só seguirmos

esse rio, que provavelmente iremos achá-lo – propõe aquele novo plano para a Comitiva, o gnomo Leônidas.

– Vamos encontrar o nosso amigo pessoal!... – comanda a Comitiva, o gnomo Bóris, indo em direção à nova rota de busca – Venham por aqui!

*

– Essa não! – engole um pouco d’água o senhor Enzo, vendo que o rio terminava bem lá na frente, numa espécie de cachoeira – Só espero que a queda não seja muito alta... – diz aquelas últimas palavras se preparando para o pior.

Conforme à água ia batendo em algumas pedras ao longo do caminho, o senhor Enzo instintivamente tentava se segurar em uma delas, porém, acabava não obtendo sucesso algum, por causa da velocidade que já estava sendo jogado para aquela cachoeira.

– Ahhhhh! – grita por instinto o senhor Enzo, ao perceber que estava completamente no ar – Só espero não quebrar nenhum osso com a queda – pensa consigo mesmo, momentos antes de cair no lago lá em baixo.

– Splashhhhh!... Glup! Glup! Glup! Glup!... Glupshhhhhh!

Com a queda daquele corpo, a água em resposta, acabou fazendo um som atípico, que somente os intrusos eram capazes de realizar.

– O que foi isso? – se assusta com aquele barulho, um gnomo que estava retirando água do lago.

– Ainda não deu para ver direito Benjamin... Mas acho que alguém acabou de cair no lago – um outro gnomo se aproxima, na expectativa que aquilo pudesse voltar para a superfície o quanto antes.

– Será que a coisa que caiu no lago sabe nadar? – pergunta um outro gnomo, segurando um balde cheio d’água em suas mãos.

– Isso é o que vamos ver em alguns segundos!

No momento em que as bolhas de água cessaram, eis que me surge uma espécie que há muito tempo não era vista nos arredores da Terra Encantada.

– Olá!... Como vão? – se apresenta aos outros gnomos que estavam na margem do rio – Desculpem o susto!... É porque eu acabei não conseguindo realizar a travessia, enquanto a maré do rio estava baixa e aí... Vim parar até aqui – explica sua situação o senhor Enzo, enquanto nadava na direção da margem, com a cabeça para fora da água.

– Então o que está sendo falado por aí é realmente verdade... – fica muito admirado com aquilo o gномo Benjamin, não sabendo ao certo como reagir diante de uma situação daquelas – Alguns da espécie humana realmente conseguiram atravessar o portal da Terra Encantada, então... Muito interessante!

– Mas aonde estão os outros? – um outro gномo pergunta para o seu grupo, enquanto via aquela espécie se aproximar da margem do rio.

– Minha esposa conseguiu fazer à travessia com os outros gnomos da Comitiva – lhe responde o senhor Enzo, apoiando os seus pés no fundo do rio.

– Comitiva?... Mas que Comitiva? – pergunta para aquele senhor o gномo Benjamin, querendo saber mais à respeito daquilo.

– Antes de mais nada... Deixa eu me apresentar à vocês... – sai da água o senhor Enzo, completamente encharcado – Meu nome é Enzo Vittorio, sou natural da Itália, mas hoje vivo em Petrópolis. Eu cheguei até aqui com a minha família, mas infelizmente, no meio do caminho, duas criaturas gigantescas acabaram levando a minha filha, Francesca; o meu neto, Arthurzinho; e o nosso cachorrinho chamado, Panqueca; enquanto estávamos perto de uma fogueira à noite, junto com outros gnomos que nos faziam companhia.

– Eles estão bem!... – afirma de forma convicta um outro gномo, parecendo que sabia de alguma coisa.

– Não se preocupe com eles... Nós acabamos de sair da Cidadela, e por lá não se fala em outra coisa... – o mesmo gномo, enche um outro balde de água, como se não aguentasse mais ouvir sobre aquele mesmo assunto.

– Como é?... Cidadela!... Então quer dizer que eles estão seguros? – pergunta aos gnomos o senhor Enzo, se enchendo de esperança novamente.

– Com toda a certeza!... Pois esses seres que vocês viram na floresta, provavelmente eram as Abomináveis Mulheres das Neves. E elas gostam muito de agradar à Fada Rainha, lhe mandando algumas oferendas, como sinal de amor, carinho e respeito.

– Fada Rainha?... Me desculpem... mas não estou conseguindo entender nada – começa a sentir muito frio o senhor Enzo, por causa de suas roupas encharcadas.

– Acho que estamos indo rápido demais pessoal! – se prontifica a falar um outro gномo – Que tal se nos apresentássemos primeiro, eih?

– Viemos da Cidadela, uma cidade murada que fica ao redor do Castelo da Fada Rainha – tossi rapidamente aquele gnomo, como se quisesse retirar a rouquidão de sua voz – Meu nome é Benjamin!... Muito prazer em conhecê-lo, meu senhor!... Esses são... Teodoro, Inácio, Estevão e aquelas são... Nina, Pamela, Paloma, Lola, Olívia, Isadora, Bianca, Cássia, Eugênia e por fim... Selena... Aquela que acabou de ir para as carroagens.

– O prazer é todo meu! – se deslumbra com a vestimenta daqueles gnomos, o senhor Enzo.

– Desculpem a minha lentidão... Mas agora acho que entendi... Quer dizer então que essas Abomináveis Mulheres das Neves raptaram parte da minha família, para oferecer de oferenda à Fada Rainha, é isso? – tenta associar todas aquelas informações em sua mente, o senhor Enzo.

– Exatamente!... – lhe responde a gnoma Paloma, parando de retirar a água do rio.

– Lhe pedimos desculpas pelo transtorno, meu senhor... Mas acreditamos que as Abomináveis Mulheres das Neves não fizeram por mal – fala em um tom mais misericordioso, a gnoma Pamela.

– Está tudo bem!... O importante é que eles estão seguros agora – fica com o coração um pouco mais leve, o senhor Enzo, ao saber daquelas informações – Mas não vou negar... Ainda fico um pouco arrependido de ter invadido o Universo de vocês com a minha família. Pois nós nunca poderíamos imaginar que causaríamos tanto transtorno na vida de vocês.

– Mas vocês não causaram transtorno nenhum... – se prontifica a falar o gnomo Teodoro – Pois lembre-se que foi o seu neto é que abriu o Portal da Fantasia; logo, isso quer dizer que, no momento em que vocês também entraram aqui, automaticamente todos da família já estavam fazendo parte desse Universo também. Sem nenhum tipo de exceção, entendeu?...

O senhor Enzo, ao sair da água, estranhou muito as roupas daqueles gnomos que estavam à beira do lago; que em nada se parecia com as que já tinha visto em sua Comitiva.

Pois naquela ocasião, todos estavam usando uma espécie de hábito branco – uma vestimenta que se parecia com as que os franciscanos medievais usavam – com cordas azuis que ficavam amarradas em volta de suas cinturas – como se fosse alguma espécie de cinto monástico – enquanto que em seus pés, todos calçavam sandálias de couro de formato padronizado, dando a transparecer que pudessem ser fabricados em algum mosteiro antigo, que ficava a poucos quarteirões dali.

– Já é hora de irmos embora Benjamin... – avisa o gnomo Estevão, ao olhar para todos aqueles baldes de água que já estavam cheios até a boca, na margem do rio.

– Puxa é mesmo!... Venha conosco, meu senhor!... Estamos voltando para a Cidadela e lá você poderá reencontrar à sua família – propõe o gnomo Benjamin, enquanto começava a carregar alguns baldes d'água margem acima.

– Ficarei eternamente grato por isso... – sorri de felicidade o senhor Enzo, mal podendo acreditar que finalmente iria reencontrar a sua família – Será que eu não poderia lhes ajudar com isso também não?... – tenta retribuir aquela gentileza, indo em direção aqueles baldes que estavam esperando serem carregados até aquelas belas carroagens de madeira, que estavam paradas numa estrada de barro lá em cima.

– Aceitaremos a sua ajuda de muito bom grado, meu senhor – se esforça para carregar aqueles dois baldes com água, a gnoma Olívia.

Com um enorme esforço coletivo, todos enfim, conseguiram colocar os respectivos baldes com água nas duas carroagens que estavam paradas naquele conhecido caminho de barro entre as montanhas. Agora o novo objetivo daqueles gnomos que guiavam seus transportes, era voltar para a Cidadela da Fada Rainha, sem que deixassem derramar nenhuma gota sequer da fonte da hidratação.

– Por que que vocês pegam toda essa água do rio? – pergunta o senhor Enzo, deixando transparecer toda a sua curiosidade.

– É para fazer o nosso vinho e a nossa cerveja artesanal – lhe responde de forma muito entusiasmada a gnoma Cássia, subindo logo naquela carroagem.

Conforme o grupo foi se acomodando naquelas duas carroagens de madeira, os cavalos aos poucos, iam esfregando as suas ferraduras naquele chão barrento, como se estivessem esperando o comando de alguém, para que eles pudessem voltar ao lugar de origem.

– Para a Cidadela!... – em forma de coro, tanto o gnomo Benajmin, como Teodoro, bateram suas rédeas no lombo de seus respectivos cavalos, como se fosse o sinal que aqueles belos animais estavam esperando, para poderem regressar ao lar.

E assim, enquanto os gnomos iam conversando ao longo daquele caminho, o senhor Enzo ia contemplando aqueles belos campos esverdeados, que desciam e subiam, conforme os

cavalos iam passando por aquele caminho barrento, que mais parecia uma montanha Russa; porém, com o privilégio de ter ao fundo, aquelas belas montanhas cobertas pelo gelo do inverno.

6. A CIDADELA DA FADA RAINHA

– Me solte!... – se debate Francesca, ao sentir aquela enorme mão apertar a sua cintura – Arthurzinho!... Você está bem?

– Estou mamãe!... – responde calmamente seu filho, como se estivesse adorando aquele passeio lá do alto – E o panqueca também está.

– Por que vocês nos raptaram? – Francesca olha para aquelas enormes criaturas, temendo que eles pudessem morrer a qualquer instante.

– Raptaram?... Por favor minha senhora... Seja mais educada com a gente, pois nós não raptamos vocês – lhe responde a Abominável Mulher das Neves – Nós só ficamos admirados por ver a espécie humana por aqui, só isso – olha de uma forma muito assustada para aquele cachorrinho.

– Bom... Já que vocês não nos raptaram... Para onde vocês estão nos levando então? – se preocupa Francesca.

– Vamos oferecer vocês como oferenda para a Fada Rainha da Cidadela – lhe explica a outra Abominável Mulher das Neves.

– O que?... Nós vamos ser mortos nesse lugar?... Soltem a gente agora mesmo!... Socorro!... Socorro!... Socorro!... Essas coisas vão matar a gente meu filho!... – se desespera Francesca, ao escutar a palavra oferenda ser pronunciada em alto e bom som.

– Coisa?... A senhora disse coisa?... Isso é ultrajante!... Como a senhora se atreve a dizer isso para as Abomináveis Mulheres das Neves, eih?... Pois saiba que nós somos uma espécie inofensiva. E a Fada Rainha sabe muito bem disso.

– Mas por que vocês vão nos oferecer como oferenda então? – olha para o seu filho para ver se ele estava bem.

– Porque é a primeira vez que a espécie humana consegue chegar até a Terra Encantada, depois do desastre da Segunda Guerra Mundial, onde os gnomos tiveram que selar o Portal da Fantasia, para que assim, pudessem reconstruir tudo novamente. Porém, quando vimos a sua família no Vale das Tulipas Coloridas, percebemos imediatamente, que a espécie de vocês poderia voltar a conviver de uma forma pacificadora com os gnomos novamente – tenta lhe explicar a Abominável Mulher das Neves.

– Olha... a gente gosta dos gnomos e de seu universo também, mas não quer dizer que iremos morar nessa Cidadela – Francesca começa a se angustiar com aquela hipótese, temendo que não consiga mais voltar para o seu mundo.

– Não fale algo que você ainda não presenciou, minha senhora – fala em um tom mais firme a outra Abominável Mulher das Neves, já conseguindo avistar à Cidadela ao longe.

As Abomináveis Mulheres das Neves eram os seres mais altos e mais peludos da Terra Encantada. Até pareciam com a espécie humana em forma, só que as suas orelhas eram mais pontiagudas. E se tratando da vestimenta, esses seres por causa de seus pelos – que lembravam muito os ursos polares do ártico – não precisavam de roupas para esquentá-los, tendo em vista que a espessura de seus fios, os esquentavam em períodos de inverno e os esfriavam em períodos de verão, como se fosse uma roupa térmica.

– Olhe lá mamãe!... – aponta para frente Arthurzinho, já conseguindo avistar ao longe, uma cidade que era inteiramente murada – Deve ser a Cidadela!

Mudando sua atenção de foco, Francesca acabou ficando muito encantada com o lugar. Pois pode perceber que a Cidadela, nada mais era, do que uma cidade murada, que possivelmente foi construída em uma época medieval, onde o castelo ficava no centro, enquanto o povo ia construindo as suas casas ao redor dele, sabendo muito bem, que estariam protegidos de supostos inimigos.

– Uau!... Mas esse lugar é mesmo fabuloso... – contempla aquele belo lugar Francesca – Olhem só para essas casinhas brancas!... Isso me lembra a Grécia!

– Esperem até verem por dentro! – diz a Abominável Mulher das Neves, enquanto sentia os dentes daquele cachorrinho encravados em sua mão.

– Enfim... Chegamos ao nosso destino final... Agora só temos que deixar vocês naqueles portões ali – Explica à eles a outra Abominável Mulher das Neves, já percebendo à presença de alguns gnomos espreitando por cima daqueles muros altos.

– O que vai acontecer com a gente? – fica um pouco ansiosa com aquilo, Francesca, não sabendo ao certo como seria a sua receptividade.

– Bem... Acredito que a Fada Rainha irá decidir muito melhor que a gente, não acha?... Mas aposto que ela irá adorar a surpresa, afinal de contas... Não é todo dia que encontramos à espécie humana vagando por essas terras daqui, então... – em uma sincronia impressionante, as Abomináveis Mulheres das Neves os deixam no chão – Prontinho!... Agora vocês estão a salvo da gente... até que não foi tão ruim assim foi?

– Peço desculpas pela minha reação... – tenta se explicar Francesca, sabendo muito bem que ainda era muito impulsiva ao agir – Mas como eu ia adivinhar que não ia acontecer nada de ruim com a gente?

– Entendemos a sua posição senhora. Você só estava preocupada com a segurança de seus dois filhos – bate delicadamente naqueles portões de madeira, as Abomináveis Mulheres das Neves – E isso é totalmente comprehensível.

– Vejam só isso aqui pessoal!... – alerta um gnomo lá de cima, que estava fazendo guarda nos muros da Cidadela – Então os boatos são mesmo verdadeiros... A espécie humana finalmente conseguiu atravessar o Portal da Fantasia... Venha ver isso aqui Sônia?... Olha lá!... Essa deve ser a famosa criança que conseguiu abrir o Portal.

– Mas por que as Abomináveis Mulheres das Neves não trouxeram a família inteira para cá? – fica sem entender aquilo a gnama Sônia.

– Vai ver se perderam... Vai saber o que aconteceu no caminho até aqui – os guardiões da murada começam a abrir aqueles portões bem lentamente.

– Viemos trazer a nossa oferenda à Fada Rainha!... – comunica a Abominável Mulher das Neves, percebendo toda a curiosidade que permeava os gnomos lá em cima.

– Esperem aqui um momento, que iremos comunicá-la, sim?... – ao terminar de dizer aquilo, todos os gnomos saem rapidamente de seus postos de vigília.

Panqueca começa a ficar muito impaciente com à espera, e começa a puxar a calça de Arthurzinho, com a intenção que ele pudesse brincar com ele um pouquinho, enquanto todos aguardavam.

– Agora não é hora disso Panqueca!... Fique quieto, por favor! – ralha com ele Francesca, ao perceber que alguns gnomos da Cidadela, já estavam se aproximando deles por pura curiosidade.

– Olá!... – se aproxima deles duas gnomas – Prazer em conhecê-los!... Me chamo Sônia e essa aqui é a Sofia... – se apresenta de uma forma muito receptiva.

– O prazer é todo nosso! – lhe cumprimenta firmemente – Meu nome é Francesca e esse aqui é o meu filho, Arthurzinho e seu cachorrinho, que se chama Panqueca.

– Ohhhh!... Então esse é o famoso menino que conseguiu abrir o Portal da Fantasia? – sorri para ele a gnama Sofia, achando-o bem fofinho por causa de suas bochechas rechonchudas.

– Então quer dizer que eu estou famoso por causa disso? Mas eu só segui alguns gnomos pelo meu condomínio... Não fiz nada demais.

– Mas você está muito enganado menino... – o repreende a gnoma Sônia – Você só conseguiu atravessar o Portal da Fantasia, porque você acreditou. E isso é o mais importante, sabia disso?... Ou você acha que não aparecemos para outras pessoas?... É claro que sim! Mas na grande maioria das vezes, depois de um certo tempo... muitos passam a não acreditarem mais no que tinham visto e acabam preferindo rejeitar a fantasia. E dessa maneira a fantasia acaba adormecendo novamente, à espera de alguém que pudesse ter a coragem de seguir o que tinha visto com o seu coração.

Quando os gnomos foram comunicar a chegada dos novos convidados à Cidadela, a Fada Rainha imediatamente abriu uma de suas janelas do castelo, e simplesmente se jogou abaixo, à espera que as suas asas pudessem se abrir, para que ela fosse da forma mais rápida possível, para a entrada da Cidadela.

– Vejam!... Vejam!... É a nossa Fada Rainha – aponta para o céu azul a gnoma Sofia, deixando transparecer a sua alegria ao vê-la.

– Pelo seu olhar... – nota a gnoma Sônia, ao olhar para aquele belo sorriso que iluminava o céu – Acho que ela irá fazer de tudo para que vocês fiquem por aqui.

– Por mim e pelo vovô... Acho que não iremos discordar disso – começa a sonhar com aquela possibilidade Arthurzinho, já entendendo o interesse de seu avô pela Antropologia.

– Mas nem pensar!... O seu avô já deu muito trabalho para a sua avó, por causa disso... Ainda mais quando ele cismou em viver com algumas tribos indígenas na Amazônia – relembra aquela época Francesca, quando o seu pai ficava longos períodos fora de casa, enquanto ela acabava sentindo muito a sua ausência, quando estava na juventude.

– E como você sabe que ele não vai querer fazer a mesma coisa agora? – pergunta à sua mãe, Arthurzinho, já tendo certa consciência de que seu avô provavelmente iria ficar ali com ele também.

– E aí que está o problema meu filho... Eu não tenho certeza se ele vai querer ficar aqui ou não, pois isso quem sabe é ele.

Com a aproximação da Fada Rainha, suas asas imediatamente começam à parar de bater, para que ela pudesse pousar em segurança, logo depois dos portões da Cidadela.

– Nooossaaaaa!... Suas asas são bem grandes... – diz maravilhada Francesca, não conseguindo tirar os olhos daquela linda fada.

– Bem vindos à Cidadela! – Pousa em segurança a Fada Rainha, já recolhendo as suas asas para dentro de suas costas – Então esse deve ser o famoso menino que conseguiu abrir o Portal da Fantasia com a perseverança de seu coração?

– É ele mesmo, minha Rainha! – responde a gnoma Sofia, em um gesto de reverência.

– Me sinto muito honrada em conhecê-lo, viu?... Me chamo Estella e sou a rainha da Cidadela – fica de joelhos no chão, para que pudesse ficar da mesma altura daquela criança.

– Me chamo Arthurzinho! E achei as suas asas incríveis.

– Ah!... Muito obrigada pelo elogio... Na verdade, só tenho o hábito de usá-las em ocasiões especiais. Pois ainda prefiro usar as pernas para me locomover. Por isso que elas ficam mais tempo guardadas do que em tempo de voo – explica à Fada Rainha, ao lhe mostrar as cicatrizes em suas costas, por onde as azas se encolhiam para ficarem armazenadas.

– Meu nome é Francesca, sou mãe de Arthurzinho e dona desse cachorrinho também, que chamamos de panqueca – se apresenta educadamente para à Fada Rainha, gostando muito de saber que o seu filho estava sendo bem falado naquele universo.

– Deve estar sentindo muito orgulho de seu filho agora... Afinal de contas, é muito difícil vermos uma família que encoraje ou até mesmo estimule a imaginação em uma criança, não acha?... Meus Parabéns! – lhe cumprimenta de maneira muito firme à Fada Rainha, percebendo que pela expressão do menino, talvez ela não fosse a pessoa mais indicada para receber todos aqueles elogios dela.

– Obrigada Estella!... – fica um pouco sem graça Francesca, tendo consciência de que nunca tinha elogiado o seu filho, por ele ter feito isso com a sua família. Muito pelo contrário; as vezes ela até mesmo pensava que aquele universo era totalmente desnecessário de se estar

– Mas na verdade... – engole em seco ao tentar ser a mais sincera possível – Você terá que agradecer aos meus pais, em primeiro lugar... pois foram eles que desde o início, apoiaram o neto na realização dessa aventura.

– E aonde eles estão? – pergunta à Fada Rainha.

– Da última vez que o vimos minha Rainha... Eles estavam em uma fogueira perto do Vale das Tulipas Coloridas – responde uma das Abomináveis Mulheres das Neves, se arrependendo por não ter trazido o restante da família também.

– Não se preocupem... Iremos mandar outro grupo de gnomos para as regiões próximas ao Vale das Tulipas Coloridas, tudo bem?

– Me desculpe a minha intromissão... mas você disse um outro grupo? – fica sem entender muito bem aquilo, Francesca.

– Quase ia me esquecendo disso também... Logo quando amanheceu... pedi para que alguns gnomos da Fé, fossem até a Cachoeira da Eternidade, buscar alguns baldes de água, para que pudéssemos fazer mais vinho e cerveja para a Cidadela. E quem sabe eles não venham com mais informações sobre a família de vocês também, não é mesmo?... Por aqui tudo é possível!

– Ficaremos eternamente gratos à você, Rainha Estella – os olhos de Francesca brilham de emoção.

– Vamos entrando!... – oferece toda a sua hospitalidade, a Fada Rainha, não conseguindo retirar os seus olhos daquele menino – Eu sei como deve ser difícil perder a sua família em um Universo completamente diferente, mas fique tranquila, pois acharemos a sua família mais cedo do que você pensa, está bem?...

– Obrigada mais uma vez!

Conforme a Fada Rainha foi caminhando de volta para o seu Castelo de Granito, todos os outros gnomos foram atrás dela como se fossem seus guardiões.

– Nossa mãe! Olhe para todas essas casinhas brancas... – se deslumbra com aquele lugar, Arthurzinho – Até parece que estamos em uma cidade medieval.

– É um lugar muito bonito mesmo!

– O meu professor de história me disse que na idade média, os Reis e Rainhas faziam esses muros em volta de suas cidades para proteção. Pois não tinham como prever de que lado o inimigo atacaria – explica à sua mãe, Arthurzinho, deixando alguns gnomos a sua volta muito impressionados com a sua inteligência.

– Esse lugar é simplesmente deslumbrante! – olha para o alto Francesca, ao pensar em como aquelas construções tinham dado trabalho – Seu avô vai amar esse lugar.

– Au!... Au!... Au! – concorda com sua dona, Panqueca, mexendo o seu rabinho de um lado para o outro.

– Acredito que sim mamãe – contempla aquele belo Castelo ao longe, Arthurzinho, ao perceber que todos da Cidadela estavam indo para lá também.

Francesca além de ter se encantado com a Cidadela, também acabou sentindo o mesmo pela Fada Rainha, que transmitia muita docura em seus gestos, que combinavam

perfeitamente com o seu vestido esverdeado, que ia aglomerando cada vez mais gnomos por onde passava, como se sua presença tivesse a força secreta de hipnotizar qualquer espécie daquele lugar.

– Já estamos chegando no Castelo – comunica à fada Rainha, sem olhar para trás.

– Parece uma Catedral, não um Castelo... – nota as sutis diferenças Francesca, ao ficar um pouco confusa com aquilo.

A confusão inicial de Francesca, era porque o Castelo de Granito da Fada Rainha era composto por uma torre central e duas torres laterais, que eram um pouco mais baixas, dando a impressão arquitetônica de ser uma Catedral. Porém, na Terra Encantada não existia uma Igreja para adorar a um só Deus somente; e sim, vários Castelos que serviam para homenagear todos os deuses da criação.

– É verdade mamãe!... Se parece mesmo com uma Catedral.

– Se apressem, por favor!... – fala um estranho gnomo atrás deles, temendo que não conseguisse escutar o que a Fada Rainha iria falar em cima daquele Palanque.

– Já estamos entrando meu senhor! – lhe comunica educadamente Francesca, ao entrar naquele castelo.

– Uauuuu!... Nossa!... Mas como esses arcos que vão até o teto são altos – olha para cima Arthurzinho, ao perceber que até o interior daquele local se parecia com a Catedral que ficava em Petrópolis.

– É realmente muito bonito mesmo, meu filho – fala Francesca, com a voz um pouco embargada.

Com quase todos os lugares preenchidos, a Fada Rainha enfim, reapareceu em cima daquele palanque de madeira, que ficava ao fundo do Castelo; deixando bem claro que aquele pronunciamento iria ser o mais importante de seu governo.

– Estamos aqui hoje para celebrarmos a abertura do Portal da Fantasia... – levanta as mãos para o céu a Fada Rainha, como se estivesse agradecendo à Mãe Terra por aquilo – E gostaria de comunicar à todos aqui presente, que o responsável por isso está aqui nesse Castelo com a gente... O menino se chama Arthurzinho, e foi graças à ele que os dois mundos voltaram a se comunicar novamente, depois de algumas décadas. Sendo assim... gostaria muito de agradecê-lo por isso... por ele ter seguido a sua voz interior, deixando que o seu

coração confiasse em sua imaginação, motivando-o a perseverar em um novo caminho para a sua vida. Quero também parabenizá-lo por você ter conseguido enfrentar os seus próprios medos nessa aventura, pois sei que isso não é fácil, ainda mais quando a grande maioria insiste em lhe convencer à fazer uma outra coisa, que no final, não corresponde com a sua vocação de vida. Com isso em mente... Gostaria de lhe fazer uma proposta... Quero muito que a sua família venha passar uma breve temporada com a gente, o que acha?

Depois que a Fada Rainha fez aquela proposta, ela percebeu a invasão de um silêncio mórbido invadir o salão de seu Castelo.

– Ela não disse isso... disse? – se assusta com aquela proposta um outro gnomo, já prevendo a rebelião que aquilo poderia causar na Cidadela – Será que a Fada Rainha não sabe que os gnomos não se dão tão bem assim com a espécie humana?... Pois veja o que está acontecendo nesse exato momento com a Amazônia... – cochicha no ouvido de seu companheiro, com medo que aqueles murmurinhos pudessem chegar nos ouvidos da Fada Rainha – Está sendo completamente desmatada sem a menor piedade. Sem contar os nossos amigos Índios... que também estão sendo expulsos de suas terras, sem nenhum motivo aparente.

– Você tem toda a razão meu amigo! – lhe responde o outro gnomo, enquanto via aquela outra espécie conversar sobre a sua decisão – Nossos pais acabaram fugindo da Europa, por causa das guerras que eles acabaram fazendo sem dó nem piedade lá atrás. Será que a Fada Rainha se esqueceu disso?

– Precisamos perdoa-los! – se intromete naquela conversa uma outra gnoma, apoiando a decisão da Fada Rainha com muita firmeza.

No momento em que aquela pergunta foi jogada ao ar, inesperadamente alguém entra pelas portas do Castelo de Granito, de uma maneira muito afobada para responder logo aquela proposta.

– Excelência!... Excelência!... Se me permite a honra... Já gostaria logo de aceitar o seu convite – corre por aquele salão o senhor Enzo, já conseguindo ver aos fundos à sua amada família.

– O senhor deve ser o avô de Arthurzinho, estou certa disso? – lhe pergunta à fada Rainha, já demonstrando todo o seu entusiasmo por aquela resposta.

– Sim senhora!... Sou eu sim!... – tenta abraçar a todos, enquanto lhe respondia – Fui eu que incentivei Arthurzinho a seguir o seu coração como a sua imaginação também – olha para o seu neto, sentindo muito orgulho de seus feitos naquele lugar.

– Quero muito lhe dar os meus parabéns... – desce daquele palanque a Fada Rainha – Pois é muito difícil encontrarmos alguém, com uma idade já avançada, que não repreenda à capacidade de imaginar dos mais novos. Isso é muito... Mas muito raro mesmo.

– Obrigado!... Eu e minha esposa sempre nos preocupamos em ler para ele. Pois acreditamos que esse é o melhor veículo para exercitar a imaginação, a criatividade e a capacidade de poder acreditar no impossível, em qualquer momento da vida.

– Belas palavras meu senhor... – faz uma pequena reverência à ele, a Fada Rainha, como se aquelas palavras merecessem o devido tratamento – Mas você mencionou a sua esposa... Aonde ela está?

– Bem... Nos perdemos quando a minha Comitiva estava fazendo a Travessia do Rio Passageiro – explica à ela o senhor Enzo, ao perceber que a sua filha não estava gostando nenhum pouco de ter que passar uma temporada naquele lugar.

– Desculpe!... Mas o senhor falou em Comitiva? – fica sem entender aquela história, a Fada Rainha.

– Sim! Sim!... Quando chegamos na Terra Encantada, fomos recebidos pelo gnomo Durban em seu chalé, no Vale das Tulipas Coloridas. Porém, quando ele nos levou em uma fogueira perto de lá, para uma confraternização, nós acabamos sendo vítimas de um rapto, que acabou levando a minha filha, o meu neto e o meu cachorrinho também; e desde aquele dia, os gnomos que lá estavam, decidiram montar uma espécie de Comitiva para reencontrá-los. Reunindo todas as espécies de gnomos dos quatro cantos da Terra Encantada; e assim, tivemos que enfrentar as Montanhas Solitárias e logo em seguida, o rio que lhe falei. Mas continuo acreditando que a Comitiva vai conseguir chegar até aqui, para que eu possa enfim... – deixa transparecer os seus sentimentos de saudade – reencontrar a minha esposa.

– Mas como vocês fizeram a travessia no Rio Passageiro? – lhe pergunta a Fada Rainha, querendo saber de mais detalhes daquela aventura, enquanto todos os outros gnomos se esforçavam para escutá-lo também.

– Bem minha senhora... – começa a escutar o eco de sua própria voz naquele salão – A Comitiva trouxe com ela alguns Unicórnios, Lobos Gigantes e Ursos também. Mas infelizmente, quando a maré baixou eu não consegui segurar em meu Urso Polar à tempo, pois veio uma onda enorme em nossa direção, por causa da forte correnteza que vinha da nascente do Rio Passageiro; e dessa maneira... Eu acabei sendo empurrado correnteza abaixo,

até chegar na Cachoeira da Eternidade, onde felizmente acabei encontrando alguns gnomos que moravam aqui na Cidadela e acabaram me oferecendo ajuda para reencontrar a minha família.

– Puxa vida!... Mas que aventura incrível o senhor teve aqui na Terra Encantada... Fico muito feliz em saber que ainda existam gnomos que oferecem ajuda a uma outra espécie. Principalmente se tratando da espécie humana, que sempre causou muita destruição ao seu próprio planeta. Será que o senhor poderia me dizer de quais regiões da Terra Encantada esses gnomos vieram?... – fica muito curiosa à Fada Rainha – Para montar essa Comitiva.

– Se me lembro bem... – se esforça para lembrar da origem de cada um deles – a Comitiva foi montada pelos gnomos do Vale das Tulipas Coloridas... da Floresta dos Trovadores... do Bosque dos Elmos Dourados... e por fim... se me recordo bem... acho que participaram alguns que eram da Fortaleza dos Gorros Peludos também.

– Ainda bem que tivemos um dedinho nisso também... – fala bem baixinho um gnomo, ao colocar uma de suas mãos na boca para disfarçar – Já pensou se nenhum gnomo da Cidadela tivesse ajudado?... As outras regiões da Terra Encantada iriam pedir para que a Fada Rainha derrubasse todos esses muros que permeiam a Cidadela, alegando que estávamos completamente isolados, dos eventos que aconteciam na Terra Encantada.

– Isso é impressionante!... – fica completamente estupefata à Fada Rainha – Que isso sirva de lição à todos vocês... – olha para todos aqueles gnomos que estavam no salão do castelo – Precisamos buscar sempre a harmonia entre as espécies e jamais à discórdia e o preconceito. Por mais que o outro tenha cometido algum erro no passado... Nós sempre precisamos estar com os nossos corações abertos à compreensão, pois também somos falíveis aos mesmos erros que eles.

– Concordo com ela... – diz bem baixinho uma gnoma para a sua amiga – a prova é que aquele garotinho de tanto insistir diante de sua família que tinha visto a nossas espécie na rua, jamais deixou de acreditar em sua imaginação.

– É mesmo... o menino não olhou para a nossa espécie com preconceito, e sim, com a gana de querer descobrir mais à respeito da gente. E acho que foi por isso que o Portal da Fantasia se abriu para ele e sua família em Petrópolis, não acha?...

*

– Finalmente eu encontrei vocês!... – chega totalmente esbaforida a senhora Carmella, deixando sua Comitiva lá fora, com todos aqueles magníficos animais à espera.

– Arthurzinhooooo!... – continua correndo por aquele salão sem se aguentar – Minha filha!... Panqueca!

– Meu amor!... vocês conseguiram! – tenta se conter de tanta felicidade, o senhor Enzo, vendo ao fundo a sua Comitiva chegar – Pensei que vocês não fossem encontrar o caminho que vinha para a Cidadela.

– No inicio até que enfrentamos alguma dificuldade... Pois ter que descer a encosta da Cachoeira da Eternidade não foi nada fácil, ainda mais com todos aqueles animais, não é mesmo?... Mas graças à Deus deu tudo certo minha vida – explica à todos da sua família, a senhora Carmella, enquanto tentava não olhar para a Fada Rainha.

– Como é maravilhoso ver um reencontro de família... – fala em voz alta à Fada Rainha, de uma maneira que acabava ressoando em todo o salão do Castelo – Me desculpem à intromissão, mas qual é o seu nome senhora? – pergunta educadamente à Fada Rainha.

– Me chamo Carmella Espaguete... – se aproxima da Fada Rainha com a intenção de beijá-la, deixando transparecer os seus hábitos tipicamente italianos de cumprimentar alguém.

– Oh!... Mil desculpas Vossa Excelência... Mas acabei me esquecendo de me apresentar também... Me chamo Enzo Vittorio.

– Agora que a família já está toda reunida... – volta a falar de cima do palanque à Fada Rainha – Gostaria muito de oferecer a hospitalidade desse Castelo à todos vocês. Pois hoje é um dia histórico para a Terra Encantada, afinal... Não é todo o dia que os dois Universos se reencontram em prefeita harmonia, não é mesmo? Sendo assim... Quero muito propor à essa família, residência permanente na Cidadela. Mas quem aqui é contra?... – pergunta para os gnomos da Cidadela, já esperando algumas objeções – Ninguém?... Ninguém mesmo?... Então está decretado!... A partir de agora essa família poderá ficar com a gente pelo tempo em que eles acharem necessário. Fim da reunião!... Já podem voltar para as suas rotinas habituais.

Com o fim do pronunciamento da Fada Rainha no salão do Castelo, aos poucos, os gnomos da Cidadela foram se deparando com os seus companheiros das outras regiões da Terra Encantada, deixando no ar ao passarem, olhares um tanto preconceituosos em relação a todas aquelas vestimentas que viam no local – acreditando serem um pouco barbaras para uma civilização tão evoluída como às deles.

– Nunca consegui entender como eles conseguem usar essas roupas... – recrimina um gномo da Cidadela.

– O que você disse espertinho?... – Bóris vai para cima daquele gnomo preconceituoso, querendo muito defender à sua cultura – Repita na minha Barba, eih?... Seu covarde!

– Se acalme Bóris!... – recrimina aquele comportamento agressivo, Alastor – Lembre-se que a nossa jornada já está terminada.

– É por isso que eu nunca gostei muito dos gnomos da Cidadela... – desabafa o gnomo Leônidas, para a sua Comitiva, ao desmontar de seu Lobo preto gigante – Eles acham o que?... Só porque eles têm esses muros em volta da Cidade e não são nômades como a gente... Acham que são os mais evoluídos da Terra Encantada. Isso é um grande absurdo!... Estão pensando o quê?... Que são mais civilizados que a gente?... Então por que vocês não se ofereceram para nos ajudar nessa jornada, já que se consideram tão civilizados, assim, eih?...

– Olhem só para eles!... – Anda mais depressa um gnomo da Cidadela, ao ver aquela reação mais agressiva de seu semelhante – a gente não pode falar nada que esses gnomos bárbaros já ficam muito alterados querendo logo brigar. Que horror!...

– O que você disse seu infeliz?... – tenta defender o integrante de sua Comitiva o gnomo Astolfo, ao descer do lombo de seu Urso, com a intenção de tirar satisfação com aquele gnomo engraçadinho e muito abusado, que começava à correr de medo.

Ao notar o início daquela confusão se formando no pátio de seu Castelo, a Fada Rainha rapidamente fez questão de conferir o que estava acontecendo de errado entre aqueles gnomos.

– Ué!... O que está acontecendo? – fica muito intrigado o senhor Enzo, ao escutar aqueles berros de fúria vindos da porta do salão.

– Parece que a nossa Comitiva está brigando com alguém lá fora – consegue discernir algumas vozes bem familiares, a senhora Carmella, enquanto seguia no encalço da Fada Rainha.

– Temos que ir lá fora para apartar a discussão – se preocupa com aquilo, o senhor Enzo, já começando a supor que poderia ser pela diferença cultural entre os gnomos.

– O que está acontecendo aqui, posso saber?... – pergunta para a Comitiva à Fada Rainha, percebendo que já tinha alguns gnomos daquela Comitiva bastante alterados.

– Seu covarde!... – continua esbravejando o gnomo Astolfo, ainda muito revoltado com aquilo que escutou – Venha aqui um minuto para ver se não arranco de sua boca o que você nos disse... Seu Miserável!

– Calma Astolfo!... Não vale à pena... Vai por mim... – tenta segurá-lo o gnomo Nicolau, quase tomado um murro em seu rosto – Não fique com raiva do que eles disseram... Esses gnomos da Cidadela sempre se acharam os melhores da Terra Encantada, só porque ainda tem uma Rainha para cortejá-los. Não fique chateado com isso não... Pois lembre-se... A gente só aceita o veneno se acreditarmos nele.

– E qual o problema de sermos bárbaros?... – pergunta à todos da Comitiva o gnomo Durban, não ficando nenhum pouco irritado com aquilo que foi dito deles – Ainda continuamos sendo gnomos., então...

– Não vejo nenhum problema nisso também... – chega perto deles à Fada Rainha, com um enorme sorriso em seu rosto – afinal... foram vocês que trouxeram à espécie humana para a Terra Encantada. Então por que se importar pelo que dizem de vocês?... E não vou dizer que também houve certos preconceitos de onde vocês vieram, pois sei muito bem que deve ser existido alguma resistência inicial, quando vocês saíram de suas terras para realizar essa jornada, mas vocês à fizeram mesmo assim não foi?... então... cabe a mim, apenas agradecê-los por tudo. Pois sem vocês, eu talvez nunca iria ter a oportunidade de conhecer à espécie humana.

– Ah!... Eh!... Uhm!... – fica um pouco desconcertado com a reação daquela Fada, o gnomo Bóris, pensando que ela iria defender os gnomos da Cidadela em um primeiro momento – Peço desculpas em nome de todos da Comitiva... mas foram eles é que começaram com os preconceitos que não suportamos.

– Não precisam se desculpar!... Pois sei muito bem o tipo de gnomos que temos na Cidadela. E até acho que vocês estão certos em relação à esses muros da Cidadela, sabe... – olha em seu entorno a Fada Rainha, como se já estivesse pensando em fazer alguma coisa com aquilo – Já passou da hora de derrubá-los completamente, não acham?...

– Como é minha senhora?... – fica um pouco confuso o gnomo Alastor, como se não tivesse escutado aquilo direito – A senhora está pensando em derrubar os muros da Cidadela?... É isso mesmo?

– Sim! Sim!... Pelo visto isso não pode mais continuar... Aquele gnomo da Comitiva de vocês está certo... – olha para o gnomo Leônidas ao longe – Sabe por que não ajudamos vocês nessa jornada?... Porque esses muros acabaram nos isolando do resto da Terra Encantada. E é por isso que eu acredito que já passou da hora de colocarmos tudo abaixo se quisermos à livre circulação de gnomos por aqui novamente. O que acham?... Será que vocês poderiam nos ajudar com esse serviço?... Eu ficaria muito agradecida.

Ao escutarem aquela proposta da Fada Rainha, os gnomos da Comitiva ficaram completamente sem reação, afinal de contas... A derrubada daqueles muros também significava à destruição de alguns pré-conceitos naquela Cidadela, que agora, estaria finalmente livre para poder construir novos conceitos mais modernos e progressistas, aceitando às diferenças regionais que ainda existiam na Terra Encantada, sem que houvesse espécies de gnomos melhores do que outras.

– Mas é claro que podemos, minha senhora! – responde rapidamente à ela o gnomo Alastor, com um certo receio que ela pudesse mudar de ideia a qualquer momento – Só tem um probleminha... Nossos animais vão ficar aonde?

– Se o problema for esse... Não se preocupem, pois podemos colocá-los junto dos Búfalos, das Cabras e das Ovelhas, que ficam atrás de meu castelo. O que acham?...

– E quanto à nós?... – se preocupa com a sua Comitiva, o gnomo Nicolau, percebendo que a sua barriga já estava roncando de fome – Aonde iremos ficar?...

– Como podem perceber... Meu Castelo tem espaço suficiente para todos vocês.

Oferecendo toda a sua hospitalidade, à Fada Rainha começou a se dirigir pela lateral de seu Castelo, enquanto os gnomos da Comitiva iam acompanhando ela com os seus respectivos animais, curiosos para saber se o espaço era grande e confortável o suficiente para que os seus companheiros de quatro patas pudessem realmente ficar por ali para descansar, depois de uma longa jornada até ali.

– Sejam muito bem vindos aos Campos Verdejantes! – sobe em um dos cercados de madeira à Fada Rainha – Acho que eles ficaram muito a vontade por aqui, o que acham?...

– Esse lugar é simplesmente deslumbrante, minha senhora... – se depara com aqueles enormes lotes de terreno, o gnomo Demétrio, que se perdiam no horizonte – sempre adorei essa grama bem fininha.

– Bem... agora estou bem mais tranquila – comunica a gnoma Catarina, dando um leve beijo de despedida em seu pônei – Vá descansar um pouco agora, você merece meu querido.

Enquanto cada gnomo da Comitiva ia se despedindo de seus fieis companheiros de jornada, a Fada Rainha se contentava em admirá-los.

– Nunca vi animais tão bem cuidados em toda a minha vida... – se encanta à Fada Rainha, com todos aqueles Ursos, Unicórnios, Lobos Gigantes e Pôneis que iam entrando nos Campos Verdejantes.

– Prontinho!... Acho que eles vão ficar bem por aqui – se despede de seu Urso o gnomo Astolfo.

– Se me permitem... Agora gostaria de acomodá-los em meu Castelo. Vocês devem estar muito cansados da viagem que fizeram até aqui, ou estou enganada?...

– Mas vai ter comida, minha senhora?... Pois acredito que todos estejam bem famintos por aqui – olha para o seu urso o gnomo Nicolau, notando que todos tinham deixado seus mantimentos junto com os seus animais.

– Mas é claro que vai!... Pedirei para que alguns gnomos lhe sirvam em seus respectivos quartos, está bem assim?... – ela observa todos assentirem com a cabeça em sinal de aprovação e ao mesmo tempo de alívio também – Me acompanhem por favor... – A Fada Rainha retorna para o seu Castelo, já pensando em seu próximo discurso para à Cidadela, já temendo que pudesse sofrer algumas retaliações, quando os seus gnomos soubessem que ela estava pensando em derrubar os muros de sua própria cidade.

Retornando para a entrada principal do Castelo de Granito, a Comitiva teve que seguir a Fada Rainha até o final do salão – onde ela fez o seu discurso – pois ao fundo, tinha uma enorme escadaria de mármore em caracol, que supostamente deveria levá-los aos seus respectivos aposentos como prometido.

– Agora é só subirmos essas escadarias... – dá uma pequena parada no início delas à Fada Rainha, olhando para cima, antes de começar a subi-las – O Castelo é dividido em quatro andares, que antigamente serviam para hospedar alguns gnomos viajantes, que passavam por aqui, antes de construírem esses muros, é claro.

– Mas que trabalho de mármore temos aqui... – observa atentamente os detalhes o gnomo Klaus, à medida que ia seguindo a sua Comitiva escada acima – Isso aqui é realmente de uma beleza muito rara. Estou simplesmente impressionado com a riqueza de detalhes.

– Muito obrigada, meu querido!... Esse Castelo de Granito foi feito pelos gnomos da Cidadela... – Imediatamente à Fada Rainha sentiu um ar de recriminação no ar, no momento em que ela proferiu aquelas palavras – Sei que vocês não gostam muito desses gnomos, por causa do conservadorismo que impera por aqui. Mas aos poucos, estou tentando mudar isso.

– Tem quarto suficientes para todo mundo? – pergunta à ela o gnomo Durban.

– Mas é claro!... Não se preocupem com isso. Já estamos chegando ao primeiro andar. Mas tem um detalhe... Teremos que dividi-los em dois grupos, pois em apenas um andar não dará para comportar todos. Algum problema em relação à isso?

– É claro que não! Só queremos descansar um pouco para recarregar as nossas energias, minha senhora – explica à ela a gnoma Úrsula, com muita dificuldade para manter suas pálpebras abertas, mesmo ainda estando de dia.

– Chegamos ao primeiro andar... Quem se candidata à ficar por aqui? – pergunta para a Comitiva à Fada Rainha, já percebendo a escolha daquele cachorrinho, ao andar por aqueles tapetes vermelhos com muita alegria.

– Parece que o Panqueca quer ficar no primeiro andar mamãe.

– Vamos gente! Depressa! – Francesca começa a empurrar à sua família por aqueles corredores, como se não quisesse subir mais um andar de escadarias para se acomodar – Os quartos devem ficar ao final desse corredor... Estou certa disso?

A Fada Rainha foi na frente para servir de anfitriã, enquanto o segundo grupo esperava perto das escadarias de mármore.

– Temos algumas camas de casais em tamanhos normais nesse andar... – abre rapidamente as portas de madeira dupla daquele quarto, a Fada Rainha, causando uma certa expressão de espanto em todos eles, devido à magnitude daquele ambiente – É... Sei que isso pode parecer grande, mas quando os gnomos viajantes passavam por aqui, isso costumava ficar muito abarrotado. Podem acreditar em mim.

Ao olharem para aquelas camas enormes, parte da Comitiva notou que suas extremidades possuíam pilares de madeira que iam até o teto, que serviam para segurar uma espécie de cortina de seda, dando a entender que aquilo era feito para que a privacidade se estabelecesse entre uma cama e outra.

– Nunca poderia imaginar que em um quarto pudessem caber tantas camas assim... – fica totalmente petrificado o gnomo Durban, pensando no tamanho singelo de seu chalé, comparado aquele suntuoso Castelo.

– Fiquem à vontade... Daqui a pouco pedirei para que os gnomos da Cidadela venham lhe trazer comida e bebida, OK?... – faz uma pequena reverência para a Comitiva à Fada

Rainha, como se eles fossem os seus hóspedes mais importantes – Se me derem licença agora... Irei levar os outros para os seus aposentos no segundo andar. Com licença...

No momento em que a Fada Rainha fechou aquelas gigantescas portas, metade da Comitiva começou a escolher aonde iria se acomodar para aquela noite que começava a surgir no céu.

– Que tal se ficássemos perto dessa janela?... – propõe para a sua família à senhora Carmella, achando a vista lá de cima simplesmente deslumbrante.

– Acho uma ótima ideia meu amor... – senta naquela cama junto com ela, o senhor Enzo, não deixando de reparar em alguns gnomos que começavam a brigar, por causa da escolha de seus respectivos lugares.

– Pai!... Será que podemos conversar? – chama a sua atenção, Francesca, notando que ele queria fugir daquela conversa.

– E tem outro jeito?... – olha ao redor daquele quarto o senhor Enzo, tendo consciência que não poderia se desvincilar de sua filha.

– Como iremos fazer com a escola de Arthurzinho?... O senhor por um momento parou para pensar nisso?... Ele só tem um mês de férias – fica muito preocupada com a educação de seu filho, Francesca – E quanto a nós?... Se esqueceu que ainda temos uma casa para morar e cuidar?

– Mas é claro que não!... – começa a se defender de todas aquelas perguntas, o senhor Enzo, como se já soubesse o que iria fazer de sua vida dali para frente – E era exatamente sobre isso que eu gostaria de falar com todos vocês... – se senta Panqueca, como se estivesse preparado para escutá-lo também – Eu estive pensando à respeito... e acho que seria bem melhor se vendêssemos à nossa casa no condomínio, o que acham da ideia?... – olha para aquela deslumbrante vista da janela, como se estivesse contemplando o seu novo lar daqui para a frente.

– Obá vovô!... Você é realmente demais... Viva!... Viva!... – berra à plenos pulmões, Arthurzinho, deixando os outros gnomos do quarto sem entender nada – Vamos morar aqui Panqueca!... Isso não é fantástico?...

– Au! Au!... rê rê rê!... Au! Au! Au!... rê rê rê! – Panqueca começa a pular do chão, como se estivesse descarregando toda a sua energia.

– Você só pode estar brincando com a gente, não é?... – se assusta com aquilo, Francesca – Como é?... Passar a morar aqui?... Abandonar a vida real para viver com os

gnomos?... Por mais que eu tenha gostado daqui, não quer dizer que eu queira viver e educar o meu filho aqui... O senhor só pode estar louco!

– Pois não estou!... Tenho pensado sobre isso há bastante tempo... E acho que temos muito o que aprender aqui com todos esses gnomos, não acham?... E não me venham me dizer que aqui é mais perigoso que a Amazônia, que não é... Pois lá ainda tínhamos que enfrentar o governo local, que desmatava todo o ambiente e ainda por cima, não defendia os direitos civis dos indígenas. E agora pensando melhor... eu acho que naquela época, eu poderia ter morrido por lá.... Mas aqui é totalmente diferente... – olha para os gnomos mais uma vez, como se estivesse apaixonado pela cultura deles – Por mais que aqui tenha rixas entre os povos, há o respeito entre as ideias, que não levam à morte, então... Não vejo nenhum problema em morarmos aqui.

– Mas meu querido... você viu a discussão entre eles lá embaixo, por causa dos muros da Cidadela – tenta alertá-lo à sua esposa – Será que todos os gnomos da Terra Encantada iriam aceitar a gente aqui?

– Isso eu já não sei... Mas vejam quantos gnomos nos ajudaram de regiões diferentes... Não precisamos da aceitação de todos, pois já fomos aceitos pela Fada Rainha, e isso por si só já basta.

– Mas pai... Todos nós temos uma vida fora desse lugar. Você tem certeza que quer abandonar tudo o que já foi construído, sem termos garantia de nada?... – se aflige Francesca, já começando à sentir saudades de Petrópolis.

– Como assim não temos garantia de nada? – fica sem entender as necessidades de sua filha, o senhor Enzo – A Fada Rainha nos ofereceu moradia indeterminada em seu Castelo, o que mais você quer Francesquita?

– Mas você não está entendendo pai... Se cada gnomo da nossa Comitiva saiu de uma região diferente, logo, não temos como saber ao certo, se essas áreas iriam nos aceitar numa boa também. Porque pelo que me parece... Alguns gnomos ainda não conseguiram perdoar à espécie humana, por tudo o que nós fizemos e continuamos fazendo até hoje com a Terra.

– Ótimo desafio para a gente, não acha?... Pois nós seremos os primeiros a tentar mudar esse conceito errôneo que eles têm da gente. Porque como muito bem sabemos... nem todos da espécie humana querem exaurir os recursos naturais do Planeta Terra.

– Mas querido!... – chama a sua atenção à senhora Carmella – Como iria ficar a escola de Arthurzinho?... Ele ainda está no meio do ano letivo.

– Acredito que meu neto tenha tudo o que precisa bem aqui... – reage de forma muito convicta, o senhor Enzo – Uma educação inteiramente baseada na simplicidade, onde a

tecnologia não será capaz de sugar a sua vida, deixando-o totalmente livre para dar valor as relações interpessoais que somente o contato direto será capaz de realizar. Onde colher aquilo que planta, consumir aquilo que necessita e por fim, construir aquilo que de melhor o faz ser quem é, bastará para viver uma vida repleta de significados espirituais, emitidos diretamente da nossa adorada Mãe Natureza.

No calor daquela discussão que parecia não ter fim, eis que todos no quarto escutam um estranho barulho vindo daquelas enormes portas que o protegiam do frio.

– Tuc! Tuc! Tuc! Tuc!

– Deve ser a nossa comida! – salta da cama o gnomo Nicolau, já começando a imaginar o tipo de bufe que eles serviriam para a sua Comitiva.

– Só espero que tenha comida para todo mundo... – se preocupa com aquilo o gnomo Durban, pois sempre tinha o hábito de fazer mais que o necessário em seu chalé.

– Trouxemos o jantar... – fala alto atrás da porta, o gnomo da Cidadela, deixando transparecer em sua voz o seu mau humor habitual com os visitantes.

No momento em que o gnomo Nicolau abre a porta, entram pelo quarto vários gnomos da Cidadela com as comidas e bebidas.

– Pelo visto... Teremos um banquete hoje... – fica muito admirado com aquilo, o gnomo Alastor, vendo as diversas opções que estavam sendo colocadas na mesa ao centro – Se todo o viajante que passar por aqui, for tratado dessa maneira... será muito difícil ele continuar sua jornada com a pança cheia, não acham?

– Era só o que me faltava agora... Ter que ficar servindo esses gnomos viajantes – fala para o seu companheiro em tom de menosprezo, enquanto ia colocando os pratos na mesa – Nossa Fada Rainha só pode estar maluca mesmo... Aonde já se viu um negócio desses.

– Mas é melhor vocês irem se acostumando então... – esbraveja o gnomo Bóris, ao perder a sua paciência com aquele atrevido – Pois a Fada Rainha acabou de comunicar que amanhã ela irá decretar a derrubada dos Muros da Cidadela... Durmam com essa seus espertalhões preconceituosos...

– Bóris! – lhe repreende o gnomo Alastor, temendo que aquilo possa se espalhar para toda a Cidadela – Por que você não fica de boca fechada, hein?... Era para eles saberem disso da boca dela e não da nossa.

– Vocês só podem estar mentindo! – não consegue acreditar naquilo o outro gnomo da Cidadela – A Fada Rainha jamais iria fazer isso com a gente.

– Pois esperem e verão... – fala em tom de deboche o gnomo Bóris, já ficando ansioso para ver a cara de todas na Cidadela, quando a Fada Rainha se pronunciasse à respeito – Ou vocês pensaram que esses muros iriam resistir para sempre, hein?...

– Sempre foi assim!... E não vai ser agora que isso irá mudar – rejeita aquela ideia mais uma vez o gnomo da Cidadela, querendo logo terminar de arrumar aquela mesa junto com os seus amigos – Vocês podem falar o que for, mas esses muros já fazem parte da Cidadela à séculos. E não vai ser agora... que uma Rainha irá coloca-los abaixo só por causa de um capricho de poder.

– há há há há há! – começa a rir descontroladamente o gnomo Bóris, como se estivesse escutado uma piada – Vocês escutaram essa?... Capricho de Poder?... Então quer dizer que viver isolado do resto da Terra Encantada é uma boa forma de alcançar o progresso?... Faz me rir meu companheiro.

– Sentimos muita pena de vocês... se acham os maiorais. Mas vejam o estado de vocês!... – olha de cima em baixo os gnomos daquela Comitiva – Vocês acham que algum dia iremos derrubar os nossos muros, para que os gnomos viajantes possam usufruir das mesmas coisas que nós?... Me desculpe meu senhor... mas acho que nós nunca iremos fazer isso. Sabe por que?... Porque vocês não conseguem constituir uma família e muito menos um lar apropriado, pois estão sempre migrando de uma região à outra, tendo como guia a fiel companheira chamada solidão.

Depois dessa resposta crua dada pelo gnomo da Cidadela, todos daquela humilde Comitiva ficaram em um silêncio mórbido no quarto, como se estivessem fazendo uma rápida retrospectiva em suas vidas, para encontrar alguma verdade naquilo que tinha sido dito de forma cruel e venenosa à seus corações desavisados.

– Agora eu mato esse desgraçado! – fala à plenos pulmões o gnomo Bóris, partindo para cima daquele gnomo atrevido, enquanto os outros lhe seguravam para que não cometesse algo impensado.

– Eu não vou deixar você fazer isso! – lhe segura o gnomo Alastor, evitando que aquilo se transformasse em uma Catástrofe – contenha-se Bóris!... Não vale à pena.

– Pelo visto vocês já acabaram por aqui... – a gnoma Úrsula tenta interromper aquela discussão, vendo que a mesa já estava cheia de comida e bebida – Então é melhor vocês servirem o segundo andar agora, não acham?... – propõe a gnoma educadamente, vendo que aquilo também feria os sentimentos daqueles gnomos desaforados.

Enquanto isso, depois que a Fada Rainha hospedou a outra parte da Comitiva no segundo andar, percebia-se nitidamente todo o seu nervosismo, pois ela ainda não sabia ao certo, como todos aqueles gnomos da Cidadela iriam reagir quando ela contasse que aqueles muros iriam ser derrubados em sua regência.

– Espero que gostem do quarto de vocês... Daqui a pouco os gnomos da Cidadela vem servi-los, tudo bem?... Agora se me dão licença... Preciso me recolher para pensar na maneira em que irei falar com eles amanhã... em relação à derrubada desses muros – fala em um tom temeroso à Fada Rainha, não querendo que em seu reinado houvesse nenhuma rebelião.

– Estamos aqui para apoiá-la minha senhora! – tenta confortá-la o gnomo Demétrio, percebendo que ela estava muito aflita – Mas se me permite opinar... no início acho que eles não vão aceitar muito bem, mas depois de um certo tempo... acredito que o conservadorismo deles irá ruir junto com todos esses muros.

– Mas isso ainda deve demorar algumas gerações para acontecer... – tenta prever o futuro à Fada Rainha.

*

– Estou com muito medo... – reflete a gnoma Catarina, olhando através daquelas enormes janelas, ao reparar no forte vento que movimentava às árvores e a densa vegetação das montanhas em uma espécie de sincronicidade absurda – E se amanhã tiver algum tipo de rebelião contra à derrubada dos muros na Cidadela?... Poderemos acabar sofrendo algum tipo de ataque, não acham?... Ainda mais se todos pensarem que fomos nós é que influenciamos a tomada de decisão da Fada Rainha. Já pensaram nisso?...

– Mas essa conclusão é inevitável!... Pois eles podem associar à nossa presença aqui com a derrubada dos muros da Cidadela... E nós vamos fazer o quê?... É o mínimo que

podemos fazer à Fada Rainha em troca de sua hospitalidade, não acham?... Nós teremos que derrubar esses muros quer queiramos ou não.

– Eu acho que sou o único aqui que não estou muito preocupado com isso... – lhes comunica o gnomo Astolfo, indo se servir naquela mesa repleta de bolos, pães, tortas e queijos – O amanhã pode até não acabar bem... mas pelo menos faremos parte da história da Cidadela para sempre, não acham?... Como a Comitiva que ajudou a derrubar esses muros que foram levantados com tanto preconceito ao redor de uma cidade totalmente solitária. Vejam só se isso não é incrível! Pode até haver certa resistência sobre o veredicto da Fada Rainha, mas no fim das contas... a palavra final é dela, então... estamos aqui para servi-la com o que ela precisar.

– Mas esperem um momento! – interrompe o seu companheiro, o gnomo Leônidas – Se a Fada Rainha irá decretar a derrubada dos muros da Cidadela amanhã, isso quer dizer que o seu reinado poderá acabar também, caso os gnomos não a aceitem mais como sua representante oficial. Não é isso?... Ou estou enganado?

– Não! Não!... Você está certíssimo! – se assusta por não ter pensado naquela hipótese antes a gnoma Margarida – Se a grande maioria dos gnomos da Cidadela não concordarem com o seu decreto, ela perde sua regência, mas por outro lado... seu último pedido precisa ser aceito e concluído por todos antes. E agora pensando melhor... Acho que sem os muros, a Cidadela não precisará mais de um líder para reger toda a cidade, pois os inimigos não mais existem na Terra Encantada.

Com o amanhecer do amanhã, o sol já ia emitindo os seus primeiros raios de luz – através das janelas do Castelo – como se quisesse acordá-los antes do previsto.

– Fechem essas malditas cortinas! – acorda de mau humor o gnomo Bóris.

– Se tivesse... Eu até fecharia para você – diz o gnomo Durban, tentando provar tudo aquilo que tinha esquecido de experimentar na noite anterior.

– É melhor nos aprontarmos... Porque hoje o dia vai ser longo – salta da cama o gnomo Alastor, um pouco ansioso para começar a colocar logo aqueles muros da Cidadela embaixo.

– Estava pensando antes de dormir... – sai do banheiro a gnoma Kátia – Nós bem que poderíamos usar os nossos próprios animais para derrubar os muros da Cidadela. O que acham da idéia?

– Como não pensei nisso antes!... – toma um rápido gole de seu chá, o gnomo Clóvis, quase queimando a sua língua.

– Mas quando será o pronunciamento da Fada Rainha? – pergunta para a sua Comitiva a gnoma Dálila, não conseguindo esconder a sua insegurança com o evento.

– Não sei! Mas deve ser pela manhã... – olha pela janela a gnoma Lana, vendo que o dia tinha amanhecido com poucas nuvens no céu – O quanto antes melhor... Mas tudo dependerá da reação dos gnomos da Cidadela. Se tudo correr bem, iremos começar a trabalhar mais cedo. Porém, se acontecer algum imprevisto... vai ser um grande problema para todos nós.

– Mas vocês não acham que está na cara que isso vai acontecer?... Afinal de contas, pelo que pude perceber, a maioria dos gnomos da Cidadela acreditam que esses muros trazem toda a identidade conservadora deles e derrubá-los seria o mesmo que matá-los – reflete sobre aquilo o gnomo Bóris, ao mexer em sua barbar em sinal de preocupação.

Enquanto a Comitiva teve uma noite muito relaxante e calma para a alma, dando tempo para que as suas energias se renovassem para aquele dia; por outro lado, a Fada Rainha acabou não conseguindo dormir direito, por causa de suas preocupações em relação à derrubada daqueles muros. Pois ela sabia que teria grandes chances de ter que controlar uma possível rebelião, entre os gnomos da Cidadela.

“Será que estou pronta para isso? – pensa consigo mesma a Fada Rainha, ao se olhar no espelho, ainda um pouco tremula – Nunca pensei que esse dia iria chegar... Mas com a chegada desse Comitiva... algo dentro de mim me despertou. Sei que de início eles irão me odiar... Mas quem sabe num futuro próximo eles consigam entender que esse é o único caminho para que a nossa cidade se modernize e se livre de uma vez por todas, de todos esses preconceitos existentes entre as diversas raças que habitam à Terra Encantada.

– Bom dia minha senhora!... Em que posso servi-la?

– Pode deixar!... Eu mesmo me sirvo. Obrigada... Comunique à todos da Comitiva que irei me pronunciar no salão do Castelo daqui a 15 minutos. E aproveite para avisar à todos os gnomos da Cidadela também. Tudo bem?...

– Ao seu dispor minha senhora... – começa a andar para trás o gnomo da Cidadela, sem se virar, fazendo sua reverência habitual antes que pudesse sair do quarto real.

Pontualmente no horário pré-estabelecido pela Fada Rainha, todos da Comitiva começam a descer por aquelas escadarias em caracóis, temendo que já pudesse estar

atrasados, pois alguns insistiam em parar diante daqueles majestosos vitrais do Castelo, que mostravam algumas cenas históricas que marcaram a evolução da Terra Encantada.

– Vamos logo Astolfo! – chama a sua atenção o gromo Leônidas – Já devem estar nos esperando... Agora não é hora de contemplarmos esses vitrais.

– Será que algum dia esses vitrais irão mostrar o que fizemos por aqui? – pergunta para o seu companheiro, o gromo Astolfo, imaginando coisas em sua cabeça.

– Mas para que isso serve? – observa os detalhes daquele belo vitral o gromo Klaus – Para dizer que apenas fizemos história?... Conheci tantos gnomos que foram verdadeiros heróis e que jamais conseguiram as reverências que mereciam. Então... Isso não passa de uma grande bobagem no final das contas.

Depois de um pequeno atraso, enfim, a Comitiva conseguiu chegar no suntuoso salão do Castelo. E o inevitável já tinha acontecido. Todos estavam esperando-os para que o pronunciamento da Fada Rainha começasse.

– Era só o que me faltava agora... Além de termos que hospedá-los em nossa cidade, ainda teremos que esperá-los?... Isso é um absurdo!... Quem eles pensam que são?... Reis e Rainhas?... – pronuncia aquelas palavras ofensivas o gromo da Cidadela, causando muitas risadas com efeito de escárnio no salão.

– Se acalme Bóris!... – tenta segurá-lo Alastor, vendo que ele estava querendo saber de onde tinha vindo aquelas ofensas no salão – Lembre-se que nós já sabemos o que irá acontecer aqui... Deixe a surpresa para os ouvidos despreparados deles. Me escutou?...

– Tudo bem... Não se preocupe comigo... Quero ver se eles vão continuar fazendo essas piadinhas de mau gosto depois do pronunciamento da Fada Rainha – sorri de forma contida o gromo Bóris, ao resolver se sentar.

– Antes de começarmos... – começa a se pronunciar à Fada Rainha, percebendo que os murmurinhos estavam ficando cada vez mais escassos ao longo do salão – Gostaria muito de esclarecer uma coisa com todos vocês... A atitude que irei tomar aqui hoje, foi baseada em muitas reflexões que tive ao longo de meu reinado e isso não tem nada a ver com a chegada dessa Comitiva em nossa cidade. Mas por outro lado, acabaram servindo de base para que eu impulsionasse o meu decreto final. Então... antes que vocês possam julgar a minha atitude, saibam que a Comitiva me ensinou algo muito valioso, desde o momento em que eles chegaram em nossa cidade, que é retirar todos os preconceitos que temos sobre uma

determinada espécie de nossos corações e mentes. Fazendo uma purificação espiritual, onde todos os seres são bem vindos na Terra Encantada. Então... seguindo essa linha de pensamento – começa a suar em suas mãos, ao perceber que ninguém mais estava sentado para receber aquela notícia de seus lábios – Declaro à derrubada dos muros da Cidadela, junto com a minha renúncia de meu posto como Rainha. Alguma objeção à declarar?

– Uhhhhhhhhh!.... Uhhhhhhhhh!.... Uhhhhhhhhh!... Uhhhhhhhh!

Instantaneamente depois que todos da Cidadela escutaram a notícia – um pouco alarmados – ocorreu uma enorme vaia no salão acompanhado por uma baita bateção de pés que acabou preenchendo todos os espaços daquele lugar.

– Mas isso é um absurdo! – esbraveja um gnomo que estava na primeira fila – Como a senhora pôde fazer isso com a gente?

– A senhora é completamente louca!... – grita uma outra gnoma da segunda fila – Você só pode estar querendo infectar à Cidadela com a vinda desses Bárbaros.

– Ela só pode estar enfeitiçada por eles! – grita um outro gnomo ao fundo – Esses muros fazem parte da nossa cultura. A senhora não pode destruí-los desse jeito... O que será de nossa raça agora?... Seremos forçados a nos misturar?... É isso?

– Somos a raça mais pura de toda a Terra Encantada! – um dos gnomos começa a cuspir no palanque aonde estava a Fada Rainha em sinal de protesto – Todos sabem disso! E agora à senhora quer destruir isso?... O que vai ser da nossa raça no futuro com a entrada desses bárbaros em nossa civilização?

– A senhora quer destruir o nosso conservadorismo que foi construído à milênios... e por que?... Para que acolhemos todos que aqui chegam, como se tivessem nascido na Cidadela. É isso mesmo?... – berra um outro gnomo da terceira fila.

– O que vai ser da nossa linhagem agora? – pergunta uma outra gnoma da quarta fila – Desde quando a inclusão trará o nosso progresso?

– Bastaaaaaaaa! – berra a pleno pulmões a Fada Estella, como se não quisesse mais escutar aqueles absurdos, que manchavam os muros daquele Castelo – Como eu pude governar uma cidade tão preconceituosa como essa por todo esse tempo?... Vocês estão se escutando?... Agora que já me decidi... irei entender perfeitamente se vocês não quiserem nos ajudar. Mas acredito que esses muros não servem mais para a Cidadela. Pois eles nunca agregaram a diversificação cultural, que eu sempre almejei para esse lugar; muito pelo contrário, esses muros sempre isolaram aquilo que lhes causa estranheza. E é exatamente por

isso, que a destruição desses muros, significa o término da segregação racial entre os gnomos da Terra Encantada. E é esse o meu veredicto final, vocês aceitando isso ou não.

– É tudo culpa desses gnomos bárbaros! – fica fora de si um dos gnomos da Cidadela – Pois quem em sã consciência iria ajudar uma espécie que está destruindo o Planeta Terra desde a Primeira Guerra Mundial?...

– Várias espécies de gnomos que conseguem perdoar e voltar a acreditar em um mundo melhor – responde pacificamente à Fada Estella, olhando para cada integrante daquela Comitiva.

– Se é assim que deseja... – sobe naquele palanque um gromo da Cidadela, tomando a liderança para si – Já que a Fada Estella não nos privou das consequências, tendo renunciado ao seu posto de Rainha, para nos forçar a fazer o que ela quer, gostaria de perguntar aos meus companheiros e companheiras que estão aqui comigo o seguinte: Quem aqui irá ajudá-los com essa ideia absurda?

– Nós jamais iremos ajudá-los com isso! – fazendo uma espécie de coro, todos os gnomos da Cidadela entoam aqueles dizeres.

– Foi o que eu pensei... Então só temos uma escolha à fazer pessoal... teremos que aniquilá-los, se quisermos manter a nossa cultura dentro desses muros.

– Huuuu!... Haaaa!... Huuuu!... Haaaa!

– Declaro a aniquilação de todos esses intrusos na Cidadela, junto com a nossa ex Rainha que já não tem mais a nossa proteção. Quem aqui está comigo? – pergunta do alto daquele palanque o novo líder dos gnomos da Cidadela.

– Huuuu!... Haaaa!... Huuuu!... Haaaa!

Os gnomos da Cidadela respondem em uma espécie de coro de guerra, como se estivessem em uma partida de rúgbi.

– Ao ataque!... – aponta para aquela Comitiva o gromo da Cidadela, como se fosse o novo Imperador – Não deixem ninguém vivo!

– Meu Deus do céu!... – se apavora Francesca – E agora?... O que iremos fazer?

– Fiquem atrás da gente!... – tenta protegê-los o gnomo Bóris, já portando em uma de suas mãos um martelo de prata – Não se preocupem!... Vamos fazer uma barreira para que eles não consigam penetrar, tudo bem?

Imediatamente a Comitiva faz uma espécie de círculo em volta da família Vittorio, temendo que os gnomos da Cidadela pudessem feri-los à queima roupa.

– Comitiva!... – tenta coordenar os seus companheiros, o gnomo Alastor, enquanto via seus oponentes se aproximarem – Preparem-se!

– Foi uma honra conviver com todos vocês – se prepara o gnomo Leônidas embainhando uma linda espada de prata – Pois se cairmos... Pelo menos cairemos defendendo aquilo que mais importa na vida: A União de Todas as Raças.

Numa espécie de mágica, todos da Comitiva já estavam muito bem equipados para o combate que se iniciava, deixando a família Vittorio muito apreensiva, pois aquilo os fazia lembrar da arte de fazer política, pois quando não existia mais o diálogo, o próximo caminho ou alternativa sempre seria a guerra.

– Mas como eles conseguiram tudo isso? – fica sem entender muito bem aquilo, o senhor Enzo.

– Fiquem aqui perto de mim! – ordena Francesca ao seu filho e ao seu cachorrinho também – Pois não sei por quanto tempo à nossa Comitiva vai aguentar a força dessa investida.

– Mamãe?... Nós iremos morrer aqui? – pergunta Arthurzinho, ao retirar imediatamente o seu cachorrinho do chão, com a intenção que pudesse protegê-lo também.

– Não tenho como te responder isso meu filho.

– Que Deus nos proteja meu amor!... – escuta os primeiros sons de defesa vindos dos escudos da Comitiva, o senhor Enzo – Foi tudo culpa minha... Se eu não tivesse incentivado o nosso neto para vir para cá, nada disso teria acontecido – se lamenta com muitas lágrimas em seus olhos.

– Não fique com esse sentimento de culpa meu querido... – desvia a sua atenção, à senhora Carmella, vendo o esforço que todos estavam fazendo para protegê-los – Se tivermos que morrer aqui, pelo menos seguimos acreditando em nosso neto até o final.

– Morra seu desgraçado! – cospe em fúria o gnomo Bóris, aproveitando a oportunidade para enfiar a espada na barriga de seu oponente.

– Tenha cuidado Durban! – avisa à ele a gnoma Dálila, não sabendo ao certo o que fazer com aquela investida – Se proteja!

– Ops!... – Essa foi por pouco! – coloca o seu escudo na frente o gnomo Durban, enquanto o seu companheiro Leônidas, desferia dois golpes mortais na cabeça de seu adversário – Obrigado Dálila!

– Não sei por quanto tempo mais iremos aguentar... – defende-se com o seu martelo o gnomo Clóvis, enquanto a gnoma Beatriz decapitava a cabeça de um gnomo da Cidadela.

– N-não d-desistam!... – se esforça para pronunciar aquelas palavras o gnomo Astolfo, enquanto tentava matar alguém com a rapidez de seu martelo.

– Estamos tentando!... Mas eles estão conseguindo nos encurralar nessa parede agora – avisa à sua Comitiva o gnomo Nicolau, ao perceber que o seu círculo de proteção tinha se transformado em apenas uma linha de frente.

– Nós não vamos morrer aqui! – grita para os seus companheiros o gnomo Demétrio, ao tentar se desvencilhar de todos aqueles golpes que eram desferidos em seu escudo.

Com o passar do tempo, os gnomos da Cidadela, enfim, tinham conseguido encurralar todos da Comitiva no fundo do salão. Porém, eles tinham se esquecido completamente da ex Fada Rainha, que naquele momento, estava reunindo alguns gnomos no meio do salão, para que pudessem salvá-los da morte.

– Temos que ser rápidos!... Vou fazer uma bolha de sabão em volta da Comitiva, que vai servir como proteção, enquanto vocês levam a família Vittorio para os Mosteiros do Calabouço. Tudo bem?

– Pode deixar com a gente Fada Estella... – começa a reunir o seu grupo a gnoma Lenita, temendo que pudesse perder alguém nesse meio tempo – Nós tentaremos ser rápidos.

Conforme os gnomos da Esperança foram se juntando à pedido da Fada Estella, a batalha foi ficando cada vez mais intensa.

– Prometi para a minha região que voltaria vivo dessa jornada... e não pretendo descumprir a minha promessa – desabafa a gnoma Catarina, enquanto uma quantidade enorme de sangue era espirrada em seu rosto, por causa de sua agilidade com a espada.

– Será que a Fada Estella não poderia nos dar uma mãozinha por aqui?... – tenta procurar por ela a gnoma Úrsula, enquanto desviava de alguns golpes que poderiam ser mortais.

– Vai ver ela fugiu com as suas asas... – sente um pouco de inveja o gnomo Bento, querendo muito ter o poder de voar naquele momento – Vai saber...

Com a batalha ainda em curso, a Comitiva se viu muito ameaçada, pois seus escudos estavam sendo destruídos pelos equipamentos dos gnomos da Cidadela. Porém, a Fada Estella vendo o que estava prestes a acontecer, resolveu abrir as suas asas e voar através do salão, com a intenção de realizar o seu feitiço de proteção.

– Irei protegê-los da morte com as minhas bolhas de sabão! – declara a Fada Estella, ao criar uma barreira invisível para a Comitiva que estava em apuros.

– O que é isso?... – tenta desferir o seu golpe com o martelo, a gnoma Micaela – Não consigo mais lutar com o meu adversário.

– Acho que alguém fez uma espécie de proteção para a gente... – Durban começa a olhar para todas aquelas bolhas de sabão – Mas quem foi que fez isso?

– Fui eu!... – fala do teto do salão a Fada Estella, ao sentir um pouco de dor em suas costas por quase não usar as suas asas regularmente – Pois acredito que isso será o suficiente para salvar todos vocês, por enquanto... Agora se me permitem... gostaria muito que os Gnomos da Esperança levassem a Família Vittorio para os Mosteiros do Calabouço... Porque nós acreditamos que lá embaixo seja o melhor lugar para protegê-los. O que acham do meu plano?...

– Mas e quanto à nós?... Ficaremos aqui para morrer?... – pergunta o gnomo Bóris, já perdendo a paciência com aquela batalha que já parecia estar totalmente perdida, com a quantidade de adversários que todos teriam que enfrentar em minoria.

– Precisarei de vocês para realizarem outra empreitada... – a fada Estella vai aos poucos descendo do teto, enquanto os Gnomos da Esperança iam retirando daquele local à família Vittorio – Mas tem um problema... Eu nunca realizei esse feitiço antes, pois vai requerer todas as minhas energias. E não sei se eu vou sobreviver à isso – consegue pousar no chão em segurança, enquanto os gnomos da Cidadela, tentavam quebrar aquela barreira com as suas espadas.

– Fale logo... O que a senhora está esperando? – fica um pouco impaciente o gnomo Clóvis, querendo logo sair dali.

– Vou fazer um feitiço para adormecer todos os gnomos da Cidadela, enquanto a gente ficará encarregado de derrubar os muros dessa cidade. O que acham dessa ideia?... – propõe à Comitiva, a Fada Estella, acreditando que aquela era a única saída para que todos saíssem ilesos da Cidadela.

– Mas e se eles acordarem? O que iremos fazer? – pergunta a gnoma Alva, deixando transparecer todo o medo que sentia em seu coração.

– Essa probabilidade existe, mas acredito que as minhas energias manterão eles dormindo por alguns dias.

– Que tal se nós também trancássemos o Castelo por dentro?... Teríamos mais garantias para terminar o serviço na Cidadela – propõe para a sua Comitiva o gnomo Leônidas, torcendo para que aquilo desse certo.

– Excelente ideia! – concorda com o seu companheiro o gnomo Alastor, ao notar que aquelas enormes portas de aço segurariam os seus oponentes por mais algum tempo.

– Espere um pouco!... Já que a Fada Estella vai fazer esse feitiço, por que teremos que ficar aqui no salão vendo-os adormecer? – pergunta o gnomo Nicolau.

– Porque precisarei me certificar se todos estão realmente dormindo – explica para a Comitiva, a Fada Estella, temendo que o seu plano se tornasse uma catástrofe.

– Entendi!

– Preparem-se!... Quando a barreira desaparecer, eu já estarei desmaiada no chão.

– Tudo bem! – confia inteiramente nas capacidades daquela fada a gnoma Lola – Estaremos aqui para te ajudar.

Enquanto as bolhas de sabão iam se desintegrando pelo teto, à Fada Estella fechava os seus olhos, com a intenção de concentrar todas as suas energias para aquele difícil feitiço. Emitindo toda a luz que conseguia expelir de seu espírito, para adormecer todos os gnomos da Cidadela.

– Nossaaaaaaa! – Durban tenta proteger os seus olhos daquela iluminação – Não sabia que as fadas podiam brilhar tanto desse jeito.

– Puf!... Ploft!... Puf!... Ploft!... Ploft!... Puf!... Puf!... Ploft!...

– Vamos torcer para que esse plano dê certo... – fecha os seus olhos o gnomo Nicolau, não suportando toda aquela claridade que emanava da Fada Estella.

Com o término do feitiço, todos da Comitiva demoraram um pouco para recuperar à visão, mediante ao enorme clarão de luz que a Fada Estella tinha emitido ao longo de todo o salão do Castelo. Deixando-a muito fraca para conseguir ficar de pé novamente.

– Puf!... Ploft!... Puf!... Ploft!... PLoft!... Puf!... Puf!... Ploft!

– Olhém lá!... Acho que está dando certo... Eles estão começando a cair – recupera a sua visão, o gnomo Bóris, ainda mantendo sua guarda atenta para possíveis imprevistos que poderiam acontecer com aquele feitiço.

– Agora só resta saber se todos estão realmente dormindo... – Astolfo se aproxima dos gnomos da Cidadela, sentindo uma raiva incontrolável por todo o seu corpo.

– Tome muito cuidado meu amigo! – cochicha o gnomo Clóvis, percebendo que até os mínimos ruídos acabavam fazendo um enorme barulho no salão.

– Bem... por enquanto... parece que o feitiço deu certo – passa entre eles o gnomo Klaus, se certificando da eficácia do feitiço – Mas e quanto à Fada Estella?... Será que ela está bem?

*

– Venham depressa!... Por aqui! – desce por aquelas escadarias de mármore, à Família Vittorio, sendo acompanhados por aquele grupo de gnomos que usavam hábitos brancos.

– Tomará que lá em cima esteja tudo bem... – se preocupa com à segurança de sua Comitiva, à senhora Carmella, quase caindo pelas escadarias abaixo – Pois não quero voltar lá e ver o rosto da morte estampado pelo salão.

– Será que estamos realmente seguros aqui embaixo? – se preocupa com aquelas instalações Francesca – E quem garante que esses Gnomos da Esperança vão proteger à gente?

– Eu garanto!... – lhe responde convictamente o seu pai – Porque senão fosse pela ajuda deles, eu talvez ainda estivesse perdido nas regiões da Terra Encantada até agora. Por isso... Tenho uma dívida eterna com eles.

Chegando naqueles últimos degraus da escadaria, a Família Vittorio, se surpreende com a magnitude daquele Mosteiro, que mais se parecia com um Santuário.

– Vocês moram aqui? – pergunta Arthurzinho para aqueles gnomos, sem conseguir se desvencilhar daqueles hábitos brancos.

– Sim! Sim!... Nossos quartos ficam ao fundo do Mosteiro – aponta com os braços, o gnomo Inácio, para aquelas quatro portas de madeira.

– Com licença!... – não consegue se conter Francesca – Mas vocês são uma espécie de Ordem Religiosa, aqui na Terra Encantada?... Porque suas roupas expressam isso.

– Somos sim!... – se orgulha daquilo a gnoma Nina, ajeitando aquela corda azul que mantinha em volta de sua cintura, como se fosse um cinto – Dedicamos nossas vidas pela Mãe Natureza. A Deusa que zela e protege toda a Terra Encantada.

– Existem mais de vocês por aqui?... – pergunta para aquele pequeno grupo de gnomos, o senhor Enzo, querendo muito saber mais à respeito.

– Infelizmente não!... – lhe responde a gnoma Bianca, temendo que aquela rebelião que estava acontecendo lá em cima, pudesse extinguí-los para sempre – Somos os últimos 16 Gnomos da Esperança. Pois como não podemos nos reproduzir, por sermos dedicados à Mãe Natureza, fica cada vez mais difícil que gnomos de regiões diferentes, queriam escolher essa vida de abnegação.

Aparentemente, o Mosteiro do Calabouço, era um local dedicado exclusivamente à Mãe Natureza, pois ao fundo, via-se uma bela Árvore que já estava bastante enraizada naquela espécie de altar.

– Olhe vovô!... Aquela Árvore tem duas cores... Uma vermelha e outra rosa – se encanta com aquilo Arthurzinho.

– Ela é realmente muito linda! – contempla aquela criação da natureza, o senhor Enzo, ao perceber que aquele local era um ambiente de oração.

– Mas como ela foi nascer naquele altar? – pergunta para aqueles gnomos, à senhora Carmella, achando muito curioso uma árvore não precisar de sol para se desenvolver.

– Tudo é uma questão de fé minha senhora... E nós acreditamos que seja por essa razão, que essa árvore nasceu aqui. Para mostrar à todos os gnomos da Terra Encantada que à esperança pode se desenvolver em qualquer lugar que não tenha muita luz.

– Essa é a única Árvore da Terra Encantada que jamais perde as suas folhas durante as trocas de estações do ano. Ela produz frutos o ano todo, sabiam disso?... E não para por aí... Ela se mantém forte e bonita, independentemente das intempéries que estejamos passando no momento. Mantendo sempre viva em sua raiz e em seu caule, o desabrochar da Esperança, que irriga o coração de todos aqueles que à olham – Explica para aquela família, o gnomo Estevão, acreditando que somente aquela árvore, poderia salvá-los de uma eminente catástrofe.

*

– Bom... Por enquanto... – Bóris toca delicadamente com a ponta de sua espada alguns gnomos que estavam no chão – esses aqui estão dormindo.

– Aqui está tudo certo também! – faz a mesma coisa com o seu martelo, o gnomo Leônidas – E desse lado Astolfo?

– Todos dormindo!... – pisa em alguns de raiva, o gnomo Astolfo, se arrependendo logo depois.

– É... parece que a Fada Estella conseguiu. Mas a questão agora é... Por quanto tempo eles vão ficar dormindo? – pergunta para a sua Comitiva, a gnoma Leila, temendo que eles pudessem acordar a qualquer instante.

– Será que vamos conseguir derrubar esses muros à tempo deles acordarem? – pergunta a gnoma Lola, um pouco preocupada com a duração daquele feitiço.

– Durban! – chama a sua atenção Dálila – Vamos até lá embaixo chamar eles, enquanto os outros vão adiantando o serviço lá fora.

– É pra já Dálila – Durban começa a descer aquelas escadarias de mármore que levavam até o Mosteiro

*

– Não somos nós que vamos ficar aqui parados para vê-los acordar, não é mesmo?... – tenta organizar as suas ideias o gnomo Alastor, enquanto pegava no colo à Fada Estella e a levava para fora daquele Castelo – Chamem os outros que ficaram lá embaixo, e avisem-nos que iremos começar com a derrubada dos muros imediatamente. Me escutaram?

– Alastor! Espere!... – corre em sua direção o gnomo Bóris – Irei buscar os nossos animais nos Campos Verdejantes, pois acho que eles poderiam nos ajudar com esse serviço. O que acha?...

– E-excelente i-ideia B-Bóris! – cerra os seus dentes o gnomo Alastor, sentindo um pouco de dificuldade ao carregar aquele corpo, que era o triplo do seu – Enquanto isso... vou leva-la para fora para ver se ela melhora com um pouco de ar puro, tudo bem?...

Enquanto isso, metade daquele Comitiva começava a sair pelas portas do salão, na esperança que a Fada Estella pudesse se recuperar daquele poderoso feitiço, pois todos tinham que agradecê-la por ela ter mantido suas vidas intactas, sem que houvesse muito derramamento de sangue.

– Trazemos boas novas!... – chega ao final daquelas escadarias a gnoma Dálila, já conseguindo ver os outros integrantes da sua Comitiva – Nós conseguimos!... Quer dizer... a Fada Estella conseguiu.

– Não vai nos dizer que a nossa Comitiva conseguiu matar todos os gnomos da Cidadela? – acha aquilo um pouco improvável, o senhor Enzo, tentando evitar que aquela terrível imagem se formasse em sua cabeça.

– Não! Nada disso!... A Fada Estella conseguiu enfeitiçar todos os gnomos da Cidadela, fazendo-os adormecer no salão, enquanto nós tentaremos derrubar os muros que cercam essa cidade – explica para eles à real situação, o gnomo Durban.

– Mas eles vão ficar enfeitiçados por quanto tempo? – lhes pergunta Francesca, não ficando tão feliz assim com aquela notícia.

– A fada Estella não soube nos responder isso... – responde a gnoma Dálila, não conseguindo tirar a sua atenção daquela bela Árvore que estava enraizada naquele altar – Mas acredito que dê tempo de derrubar todos esses muros.

– Mas como você pode ter tanta certeza disso? – Francesca retorna a perguntá-la, acreditando que todos ainda corriam perigo.

– Porque tenho Fé na Esperança! – responde o gnomo Durban, ao olhar para aquela Árvore também.

– Vamos?... Precisamos sair o quanto antes desse Castelo, para que possamos trancá-los por fora – torna a subir aquelas escadarias a gnoma Dálila, guardando muito bem em sua memória, a lembrança daquela bela Árvore, que nunca tinha visto em lugar nenhum.

De forma um pouco desordenada, todos começaram a subir aquelas escadarias de mármore – deixando transparecer a curiosidade em seus olhos – pois todos queriam ver o que a Fada Estella tinha feito com os gnomos da Cidadela, na ausência deles.

– Caramba!... Como a Fada Estella conseguiu fazer isso?... – o senhor Enzo se surpreende com todos aqueles que estavam adormecidos no salão – Ela deve estar muito esgotada – mexe em um deles para se certificar que estavam realmente dormindo.

– Essa foi a única maneira que a Fada Estella encontrou para conseguirmos sair vivos daqui... – se sente muito mais aliviada, a gnoma Dálila, tomando muito cuidado para que não esbarrasse em ninguém, ao passar pelo salão.

– Pare já com isso Panqueca!... – Arthurzinho tenta chamar a sua atenção, ao vê-lo morder o pé de um gnomo adormecido – Venha!... Vamos!

– Tomem cuidado para não pisar neles... – alerta o gnomo Durban, já se aproximando das portas de entrada do Castelo – Pois nunca se sabe até que ponto estão enfeitiçados.

– Ainda bem que a saída é logo ali... – fica muito mais calma Francesca, ao ver os animais de suas Comitiva lá fora lhe esperando.

– Venham!... Isso!... Rápido! – Durban segura em sua mão uma enorme chave de prata, com a intenção que pudesse fechar aquelas enormes portas do Castelo, quando o último integrante da Comitiva saísse dali – Uffffaaa!... Nem acredito que estão todos à salvo agora...

– Tlack!... Tleck!... Tluck!... Tlack!... Tleck!... Tluck!... Tlack!... Tleck!... Tluck!

O gnomo Durban vira três vezes a chave de prata na maçaneta, se certificando que aquela porta estava realmente trancada a partir de agora.

– Aqui estão os últimos animais Alastor! – Bóris aparece pela lateral do Castelo – Já podemos começar a nos organizar, não acha?...

– Pessoal!... – começa a falar alto o gnomo Alastor, tentando coordená-los – Sei que todos estão muito felizes por terem conseguido sobreviver, mas nossa missão aqui ainda não acabou – olha rapidamente para a Fada Estella, tentando colher alguns sinais de vida – Como já foi informado antes... Ainda temos que derrubar os muros da Cidadela. Por essa razão... Quero que todos se organizem em volta dos muros imediatamente.

– Pode deixar com a gente! – monta em seu Lobo Gigante, o gnomo Klaus, em sinal de respeito pelo seu líder.

Em uma bela sincronia, a Comitiva teve que ceder espaço aos novos integrantes da Cidadela, que tinham deixado o Castelo, pelo simples sonho de poderem respirar à Liberdade novamente.

– Agora eu que quero que vocês peguem em seus mantimentos aquelas cordas de aço que separamos para a viagem, pode ser?

– Aqui estão elas Alastor! – Clóvis lhe mostra aquela corda ao longe, já com uma nova integrante lhe fazendo companhia.

– Ótimo!... – levanta a sua espada, o gnomo Alastor, como se quisesse reger uma orquestra – Agora vamos começar a quebrar a base dos muros em toda a sua extensão, para que depois, possamos amarrar essas cordas de aço no topo dos muros, e deixar que os animais se encarreguem de fazer o serviço final. O que acham da ideia?

– Não sei se entendi muito bem a ideia... – olha para o seu martelo, o gnomo Leônidas, tentando visualizar o que teria que fazer – Primeiro teremos que quebrar o muro embaixo, para depois colocarmos as cordas cravadas no alto; e no fim... os nossos animais terão que fazer força para colocá-los em baixo, é isso?

– Perfeito!... – Alastor acaricia os pelos de seu urso preto – Dessa maneira... Acredito que conseguiremos fazer o serviço muito mais depressa.

Tomando as suas posições, a Comitiva se espalhou por toda a extensão dos muros da Cidadela, na esperança de conseguirem realizar todo o serviço – como o planejado – antes que os gnomos da Cidadela pudessem acordar para ver a sua cultura inteiramente reconstruída, com a derrubada daquela identidade isolacionista, que por tanto tempo os manteve excluídos da multietnicidade da Terra Encantada.

– Não preciso mais usar essa espada... – Klaus fica diante daquele muro, tentando imaginar o artefato ideal para derrubar aqueles muros – Já sei!... Vou usar um Martelo de Prata.

– Podemos começar?... – Bóris grita do outro lado da extensão dos muros, dando mais quatro Martelos de Prata para a Família Vittorio.

– Acho que sim! – Alastor se certifica se o seu grupo estava usando as ferramentas adequadas para o serviço – Mão à obra! – levanta o seu Martelo de Prata Reluzente, para que todos pudessem copiar a ideia.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Caramba!... Esses muros foram muito bem feitos – Bóris aumenta a força na mão, ao perceber que as suas primeiras marteladas quase não tinham abalado a estrutura.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Força nas mãos!... Vamos!... Uhhmmm!... Agora sim! – Clóvis espirra um pouco de areia em seu rosto, ao diminuir um pouco a sua força – Mas algumas marteladas aqui... e esse muro já vai estar pronto para cair – olha de relance para o seu Lobo Gigante.

– Já sei que isso vai me causar muitos calos nas mãos... – chia bem baixinho, o gnomo Durban, já começando a sentir dor – Pensei que fosse mais fácil derrubá-los.

– Estava esperando o quê?... – Consegue escutar as lamentações de seu companheiro, o gnomo Leônidas, aumentando o ritmo de suas marteladas – Que fosse bem fácil destruir esse Muros do Preconceito?... Muito pelo contrário meu amigo... É nessas ocasiões é que temos que colocar a nossa força interna à prova, se quisermos realmente derrubá-los.

– Como está indo aí Rebeca?... – Paola deixa o seu martelo no chão, arrancando um pedaço de seu hábito, para proteger a sua mão que já estava sangrando.

– Estou indo bem... Mas e quanto a você?... Acha que vai conseguir continuar mesmo assim?...

– Vou tentar ultrapassar o meu limite...

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Quem já está adiantado no seu serviço... já pode ajudar aqueles que estão com mais dificuldade. Me escutaram?... – Comunica ao seu grupo, o gnomo Alastor, indo ajudar o seu amigo Durban.

– Entendido! – Bóris consegue escutá-lo mesmo estando do outro lado.

*

– Estou aqui Durban! Vamos martelar juntos. Tudo bem?... – Alastor tenta motivá-lo, ao perceber que suas mãos já estavam cheias de calo.

– Obrigado! – Durban instantaneamente começa a martelar mais forte na base de muro, se esquecendo completamente da dor que estava sentindo em suas mãos.

– Quer uma mãozinha aí meu rapaz?... – Bóris se aproxima de Arthurzinho, ficando muito impressionado com aquela força.

– Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup! – Demétrio começa a ficar muito esgotado com todos aqueles movimentos repetitivos.

– Sei que o trabalho é muito difícil pessoal... Mas tentem aguentar mais um pouco. Estamos quase lá – Teodoro tenta motivá-los ao som de seu Martelo, sem que deixassem de perceber que aquela força já não era a mesma de antes.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Alastor!... O meu grupo já conseguiu martelar toda a base desses muros – Avisa o gnomo Bóris, enquanto já começava a amarrar a corda de aço em seu Urso Polar. Vocês querem ajuda?

– Até que não seria uma má ideia... Pois ainda estamos na metade do serviço.

– Não parem!... – Berra Alastor.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Vamos acabar logo com isso! – grita com muita raiva o gnomo Nicolau, se esquecendo de todas as ferroadas que as suas mãos sentiam com o impacto.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Estamos quase lá! – Alastor volta a se concentrar em seu serviço, tendo muita dificuldade para segurar o seu martelo.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Ah!... Ah! – Klaus dá as suas últimas marteladas – Pronto!... Também acabei por aqui!

– Comitiva!... – Levanta o seu martelo, o gnomo Alastor, começando a sentir uma dor excruciente em suas mãos – Agora só falta a entrada da Cidadela! Peço para vocês se esforçarem um pouquinho mais, que já já vamos terminar a nossa jornada.

– Não sei se minhas mãos vão se recuperar depois desse serviço – desabafa com sua amiga Dálila, o gnomo Durban.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Em conjunto Comitiva!... Sei que vocês conseguem! – Alastor tenta disfarçar toda a dor que estava sentindo – Isso mesmo! Vamos lá!... Martelem com toda à força que conseguirem. Pensem no que vocês estão destruindo – vem em sua cabeça o menosprezo que eles passaram ao chegar na Cidadela.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Isso é por vocês se acharem melhores do que os outros gnomos que vivem na Terra Encantada – martela com muita raiva a gnoma Beatriz.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Isso é pelo menosprezo que vocês sentem por uma outra cultura... seus miseráveis! – Bóris se recorda do momento em que foi chamado de Bárbaro, como se aquilo fosse algo ruim de se dizer.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Ah!... Ah!

– Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup!... Hup!

– Direccionem a sua raiva para tudo aquilo que não querem mais ver na Terra Encantada – Aconselha o gnomo Alastor, não sentindo mais as suas mãos.

– Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!... Plock!... Plack!... Plick!

– Precisaremos da ajuda de nossos animais agora... se quisermos colocar esses muros embaixo – enxuga o suor de sua testa, o gnomo Klaus, se sentindo muito emocionado.

– Estou impressionada!... – se encanta Francesca, ao ver o gigantesco esforço que aqueles gnomos fizeram, para realizar os seus sonhos – Como eles tiveram tanta força assim para quebrar as bases desse muros, hein?

– Já passou da hora de você entender Francesquita... Que nada é impossível na Terra Encantada – lhe responde sabiamente, o seu pai, ainda se culpando por não ter tido condições de ajudá-los naquela empreitada.

– Comitiva!... – Alastor levanta o seu martelo para o céu, mais uma vez, em sinal de liderança – Agora peguem as suas cordas de aço, e prendam-na no alto desses muros, para que os nossos animais consigam terminar o restante do serviço... Me entenderam?...

Enquanto a Comitiva ia em suas bolsas para pegar aquele acessório, à Família Vittorio observava as portas do Castelo – muito atentamente – temendo que os gnomos da Cidadela já pudessem estar acordados.

– Por quanto tempo esse feitiço irá durar?... – se preocupa com aquilo, o senhor Enzo, olhando para a Fada Estella que ainda estava desacordada no chão.

– Coitadinha!... Ela deve estar muito esgotada... – Expressa toda a sua compaixão, a senhora Carmella, ao olhá-la com muita ternura em seus olhos – Pois todas as suas energias foram usadas para nos salvar daquela rebelião. Devemos nossas vidas à ela... Podíamos muito bem estar mortos à uma altura dessas. Não achas meu amor?

*

Com as cordas de aço em mãos, a Comitiva logo começou a lançá-las – como se fossem adagas – em direção ao topo daqueles muros, com a intenção que ficasse cravadas lá em cima, para que os seus animais pudessem colocar os muros embaixo.

– Flow!... Flew!... Fliw!... Flow!... Flew!... Fliw!... Flow!... Flew!... Fliw!...

– Acho que a minha corda está bem segura... – traciona com força o gnomo Leônidas, para ver se ela estava bem presa no alto daquele muro – Agora vou amarrá-la em meu Lobo Gigante, para que ele consiga colocar esse maldito muro embaixo.

– Todos conseguiram? – pergunta para a sua Comitiva o gnomo Alastor.

– Agora é com você minha beleza... – Margarida acaricia o seu Unicórnio – Puxe com toda a força que conseguir. Está Bem?

– Belos animais da Terra Encantada... Derrubem os muros da Cidadela! – Pede Alastor, vendo que alguns estavam remexendo suas patas no solo, como se estivessem esperando o seu comando.

Com aquele comando, os animais começaram a puxar com toda as suas forças aqueles pesados muros da Cidadela.

– Isso mesmo!... – Alastor se emociona com aqueles primeiros tombamentos – Fantástico trabalho!

– Uhr!.... Uhrrrrrrrrrrrrr!... Uhrrrrrrrrrrrrrrrrrr!

– Ruuuuuuuu!.... Rrrrrrrrrrrrruuuuuuuuuuuuooooooooooooooooo!

– Vamos lá meu garoto!.... Sei que você consegue – tenta motivar o seu urso, o gnomo Bóris.

– Estou com você minha menina! – Leila olha nos olhos de sua Loba Gigante – Mas um pouquinho de força...

– Ihrrrrrrrrrrr!... Ihrrrrriiiiiiiiiii!... Ihriiiiiiiiiiiihriiiiiiiii!

– Está quase lá... – Demétrio fica muito espantado com a força de seu Pônei.

– Pufffffftttttttttt!.... Plufttttttttttt!... Pppppppppplllllluuuuuuuuuuuuufffffftttttttt!

– Uhum!... Uau!... Conseguimos pessoal! – Nicolau comemora de maneira eufórica – Vivaaaaaa!

Com a Queda dos Muros da Cidadela, o tremor do solo acabou acordando a Fada Estella – que estava desacordada na entrada do Salão do Castelo – que ao abrir os olhos, ficou sem entender direito o motivo que à fez ficar deitada ali, se sentindo completamente esgotada.

– Vovô! Vovô!... a Fada Estella acabou de acordar – Avisa Arthurzinho, ao olhar para aquela magnifico vestido esverdeado que estava vindo em sua direção.

– Como é?... A fada acordou? – olha para traz a gnoma Úrsula, duvidando um pouco daquela informação – Minha Mãe Natureza! – percebe que a Fada ainda estava tendo muita dificuldade para poder caminhar de forma adequada.

– E eu aqui pensando que ela iria ficar desacordada por uns cinco dias... – se surpreende com a rapidez daquela recuperação, o gnomo Bento.

– Aíiiiiii minha cabeça... – Estella aos poucos começa a se lembrar do que teve que fazer para estar deitada ali no chão diante do Castelo – Pelo visto... a Comitiva conseguiu derrubar os Muros da Cidadela... Ainda bem... Estou me sentindo muito mais aliviada agora.

– Está tudo bem com você Fada Estella? – pergunta o gnomo Bóris, contemplando aqueles belos cabelos loiros, que estavam presos na cabeça em formato de coque.

– Só estou com um pouco de dor de cabeça, mas acredito que isso daqui a pouco irá passar – Estella contempla aquela bela vista de montanhas que antes ninguém da cidade conseguia ver direito, a não ser aqueles que ficavam vigiando os antigos Muros da Cidadela – Mas eu agora gostaria de parabenizar todos vocês pelo esforço empreendido nesse difícil trabalho.

– É o mínimo que podíamos fazer, não achas?... Ainda mais depois de toda a hospitalidade que a senhora nos recebeu... – Astolfo se ajoelha na frente da Fada, se esquecendo que ela não era mais rainha.

– Parem já com isso! – Estella percebe que todos daquela Comitiva estavam começando a se ajoelhar na frente dela – Não! Não! Não!... O meu Reinado acabou.

– Você nos salvou da morte Fada Estella... Nós insistimos! – Demétrio encoraja todos da sua Comitiva à fazerem os mesmos movimentos em sinal de devoção.

Em sinal de reverência, todos da Comitiva se ajoelharam na frente da Fada Estella, abaixando as suas cabeças em sinal de respeito e admiração, como se ela fosse à nova líder daquele grupo.

– Fico muito feliz quando vejo que uma minoria faz o que é certo para a Terra Encantada, mas não quero ser vista como rainha e muito menos líder de ninguém, e sim, como uma simples Fada que protege e ajuda à quem precisa.

– Estella?... Estamos com muito medo de não sermos mais aceitos na Cidadela – compartilha suas preocupações, a gnoma Rebeca, sentindo uma angústia enorme em seu coração, por não saber ao certo, o que o futuro lhe reservava.

– Se for esse o problema... – entra na conversa o gnomo Nicolau – Acredito que depois desse serviço, a nossa Comitiva pode oferecer à todas vocês, novos lugares para morar. O que acham a ideia?

– Muito obrigada pela gentileza sua... Não sei nem o que dizer... – fica completamente sem reação a gnoma Michele.

– Se vocês gostam de música... indico a Floresta dos Trovadores – se adianta Nicolau, querendo muito trazer novos integrantes para à sua moradia – Lá tem música e recitação de poemas medievais o dia todo.

– Para aqueles que gostarem mais de frio, aconselho à Fortaleza dos Gorros Peludos – Indica o gnomo Bóris, já começando a sentir falta de sua região natal – Além é claro... de uma boa bebida para esquentar.

– Não existe lugar melhor para se morar do que nos Bosques dos Elmos Dourados... – entra na conversa a gnoma Lana – Pois se vocês estão procurando pela aprendizagem constante... esse é o lugar mais adequado. Porque nós nunca ficamos parados em um só lugar na Terra Encantada. Pois sempre estamos querendo aprender culturas novas.

– Parem já com isso! – Durban discorda completamente de sua companheira de viagem – Todos sabem que depois de um certo tempo na Terra Encantada, os gnomos acabam preferindo se estabelecer fixamente em um local. E o lugar mais adequado para isso é sem sombra de dúvidas... O Vale das Tulipas Coloridas, onde eu moro é claro. Lá como o nome mesmo já diz, tem uma vasta plantação de Tulipas Coloridas, que foram ao longo dos anos, sendo espalhadas pela região. Sem contar com os enormes moinhos também, que acabam nos transmitindo toda a tranquilidade necessária, para vivermos em total harmonia com a Natureza. Agora se tratando das bebidas... Bem... na minha opinião, a melhor bebida é o vinho que nós produzimos por lá, a partir de nossos vinhedos. E acredito que não existe nenhuma comparação com as cervejas que se produzem nos Bosques dos Elmos Dourados, muito menos com os Uísques e Vodcas que também são fabricadas na Fortaleza dos Gorros Peludos. Só vocês provando mesmo para julgarem mais adequadamente.

– Mas como você se atreve a dizer uma asneira dessas? – Klaus cerra os seus dentes.

– Já chega! – Alastor tenta apazigar a situação, vendo onde aquilo poderia dar – Vamos parar já com isso!... Deixem que elas decidam o seu destino pelo coração e jamais pela persuasão. Me entenderam?

– Você está certíssimo! – concorda com o gnomo, à Fada Estella, tentando evitar mais uma discussão naquele dia.

– Toft!... Taft!... Tuft!... Toft!... Taft!... Tuft!... Toft... Taft!... Tuft...

– O que é isso vovó? – Arthurzinho olha em direção as portas do Castelo.

– Toft!... Taft!... Tuft!... Toft!... Taft!... Tuft!... Toft... Taft!... Tuft...

– Pelo visto... Alguns gnomos da Cidadela já acordaram – Astolfo comunica à sua Comitiva.

– Teremos que decidir o nosso destino agora... – se prontifica a falar à Fada Estella, não sabendo ao certo, por quanto tempo mais aqueles portões iriam aguentar – Como não sou mais a Rainha dos gnomos da Cidadela, terei que voltar para o Palácio das Nuvens, onde as minhas irmãs estão. Mas não é isso que me preocupa agora... Porque eu gostaria muito de saber se os gnomos da Esperança vão ficar aqui ou se eles irão buscar abrigo em outro lugar, junto da Comitiva – olha para aquele pequeno grupo de gnomos, que ainda estava um pouco perdido sobre o que iriam fazer com as suas vidas a partir de agora.

– Bem... – Cássia se espanta com o barulho que estava vindo daqueles portões do Castelo – Eu prefiro ir com a Comitiva... pois eu nunca tive a oportunidade de desbravar outras regiões da Terra Encantada, por causa desses muros, então... – olha para as suas companheiras, com muita cordialidade, temendo que ela pudessem retrucá-la por aquela atitude aventureira.

– Também vou com a Cássia! – Eugênia também acredita nos mesmos motivos que a sua companheira.

– Aceito o desafio também! – Bianca corre para perto de sua companheira.

– Também vamos com ela!

– Não quero mais ser monge! – comunica Inácio, começando a ter uma crise de vocação – Pois passei a minha vida inteira enclausurado... sem saber ao certo o que estava acontecendo em outras regiões da Terra Encantada. Não quero mais isso para a minha vida... E agora até me arrependendo de ter escolhido essa vida para mim.

– Jamais fale uma baboseira dessas outra vez meu amigo! – lhe recrimina à Fada Estella
– Tenha orgulho de sua trajetória, e saiba que se agora você acha que não está seguindo o melhor caminho, pergunte sempre ao seu coração que caminho ele quererá seguir e comece a caminhada novamente. Pois só assim você conseguirá realizar o sonho eterno da Felicidade.

– Então já está decidido!... – Alastor monta em seu Urso Preto, querendo logo sair daquele lugar – A partir de agora teremos mais alguns integrantes para compor a nossa Comitiva.

– Pessoal!... As portas do Castelo vão se abrir à qualquer momento – Klaus escuta aqueles fortes estrondos vindo em sua direção.

– Compartilhem os seus animais! – Pede Alastor, se certificando que os novos integrantes daquela Comitiva, já estavam acomodados – Isso mesmo!... Muito bem!

– O que iremos fazer depois de fugir da Cidadela? – pergunta Francesca ao pai.

– Ora!... Iremos visitar todas essas regiões da Terra Encantada, enquanto as férias de Arthurzinho não acabar, é claro.

– Até que não é uma má ideia meu querido... – concorda com aquilo, à senhora Carmella, sabendo muito bem que talvez sua família não voltasse para a vida real.

– Mas como iremos saber quando precisaremos voltar? – Francesca ainda fica um pouco confusa com aquilo.

– Quando a Magia parar de alimentar as nossas almas... – responde o seu pai, tentando acompanhar o ritmo daquela nova Comitiva.

– Obaaaaaaaa! Então quer dizer que iremos ficar na Terra Encantada por enquanto – Arthurzinho beija o focinho de seu cachorrinho, como se quisesse lhe presentear com algo.

– Eles conseguiram abrir os Portões do Castelo! – Bóris imediatamente faz um sinal para que o seu Urso começasse a correr por aqueles campos livres.

Com a abertura dos Portões do Castelo de Granito, os gnomos da Cidadela imediatamente começaram a tentar acompanhar aqueles animais que estavam correndo pelos Campos Livres, mas eles logo desanimaram, quando se depararam com todos aqueles muros ao chão. Que acabaram lhes revelando que aquela cultura isolacionista, não teria mais condições de se desenvolver na Terra Encantada.

– Maldição! – grita de raiva um gnomo da Cidadela, ao ver aquela Comitiva desaparecer em seu horizonte.

*

– Uffffaaaa! Conseguimos! Agora eles não nos pegam mais – explode de felicidade o gnomo Nicolau.

– Nem acredito que todos saíram ilesos dessa jornada – desabafa o gnomo Leônidas, ao ser acompanhado pela Fada Estella.

– Tenho uma proposta para fazer aos novos integrantes da Comitiva, inclusive para a Família Vittorio também... – começa a se pronunciar Alastor, tentando evitar qualquer tipo de confusão em seu grupo – em vez de vocês escolherem a região que querem ir agora, que tal se vocês visitassem todas as regiões primeiro, para que assim, vocês consigam fazer a sua escolha final?

– Por mim está perfeito! – responde imediatamente o senhor Enzo, tentando esconder o brilho de seus olhos para a sua filha.

– O que acham pessoal? – Bianca pergunta para os gnomos da esperança – Pode ser assim também?... Então está bem.

– Então está resolvido! – Alastor começa a guiar sua nova Comitiva, ajeitando o seu elmo e direcionando-os com a sua espada – A partir de agora faremos uma nova aliança que irá nos unir para sempre nesse novo caminho de descobertas e aprendizagens. Que a Magia da Terra Encantada continue encantando as crianças que acreditam no poder de sua Imaginação e seguem o destino de seu Coração.

FIM